

TYRONE APOLLO PONTES CÂNDIDO

**DOS HOMENS SENDO E TORNANDO-SE:
TRADIÇÃO E EXPERIÊNCIA EM E. P. THOMPSON**

UFC - 2001

FICHA CATALOGRÁFICA

C223h

Cândido, Tyrone Apollo Pontes

Dos homens sendo e tornando-se: tradição e experiência em E. P. Thompson / Tyrone Apollo Pontes Cândido – Fortaleza, 2002.

120 p.

Orientador: Frederico de Castro Neves.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará.

1. História Social 2. História (teoria) 3. Thompson, E. P. – Crítica e interpretação. I. Neves, Frederico de Castro. II. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**DOS HOMENS SENDO E TORNANDO-SE:
TRADIÇÃO E EXPERIÊNCIA EM E. P. THOMPSON**

Dissertação elaborada por Tyrone Apollo Pontes Cândido, sob orientação do Prof. Dr. Frederico de Castro Neves, como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Mestre junto ao Mestrado em História Social da Universidade Federal do Ceará em julho de 2002.

Fortaleza – 2002

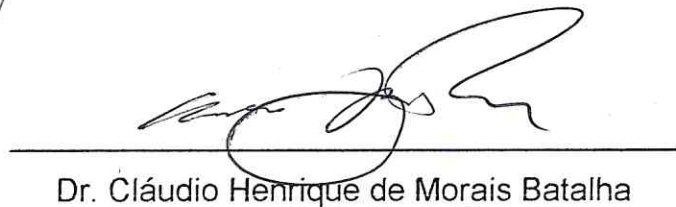
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: "DOS HOMENS SENDO E TORNANDO-SE:
TRADIÇÃO E EXPERIÊNCIA EM E. P. THOMPSON"
AUTOR: TYRONE APOLLO PONTES CÂNDIDO

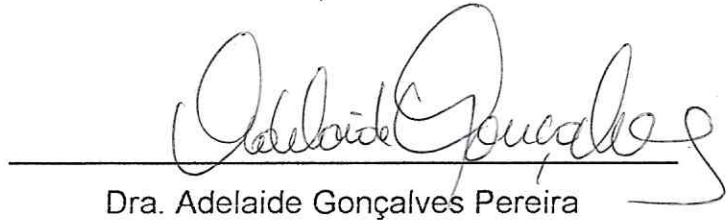
Esta Dissertação foi defendida no dia 11 de julho de 2002, na Universidade Federal do Ceará, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores que abaixo assinam.



Dr. Frederico de Castro Neves (orientador)



Dr. Cláudio Henrique de Moraes Batalha



Dra. Adelaide Gonçalves Pereira

Fortaleza - 2002

Para Victória

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui os meus máis sinceros agradecimentos para todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram com a elaboração dessa dissertação de mestrado.

A Frederico de Castro Neves que orientou com paciência e dedicação esta pesquisa.

A Adelaide Gonçalves e Jorge Ferreira, por suas preciosas sugestões no momento da Qualificação.

A Cláudio Henrique Batalha e Edgar Salvadori de Decca que me receberam na UNICAMP quando, em março-junho de 2001, participei, como bolsista do Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD), das disciplinas por eles ministradas.

A Eurípedes Antônio Funes que, durante todos os momentos da pós-graduação, ofereceu seu apoio.

A meus pais, Marília de Andrade Pontes e Pedro Cândido.

A Cajinha e seus pais.

A Emiliano, Robinson, Wilson, Manoel Carlos, Fran, Roberto, Ilana, Edson, Júnior e Caciana.

Índice

Resumo	9
Abstract	10
Introdução	11
<u>Primeiro Capítulo</u> – Thompson e o Movimento Comunista: A Experiência de um Dissidente	19
1. 1. Experiências Familiares	20
1. 2. Experiências Profissionais	23
1. 3. Experiências de Ruptura	28
1. 4. Experiências de Definição	33
<u>Segundo Capítulo</u> – Thompson e a História Social Marxista Inglesa	38
2. 1. O Grupo de Historiadores do Partido Comunista: o Pioneirismo de Maurice Dobb	39
2. 2. A História Social: Christopher Hill	45
2. 3. A História Operária: Eric Hobsbawn	51
2. 4. A História das Multidões: George Rudé	55
2. 5. A História Cultural: Raymond Williams	58
<u>Terceiro Capítulo</u> – Tradição e Experiência em <i>A Formação da Classe Operária Inglesa</i>	62
3. 1. O Fazer-se da Classe Operária	64
3. 2. A Estrutura Narrativa de <i>A Formação da Classe Operária Inglesa</i>	67
3. 3. Tradições e Experiências na Formação da Classe Operária	69
3. 3. 1. Dissidências Religiosas: Um Viveiro para as Variantes da Cultura Operária	71

3. 3. 2. Tradição e Experiências de “Assassinos, Bêbados e Ladrões”	75
3. 3. 3. Os Direitos do “Inglês Livre de Nascimento”	80
3. 4. Aspectos da Tradição e Experiência Populares	87
3. 4. 1. Thompson e os “Julgamentos Normativos” da Religião	88
3. 4. 2. Sobre as Atitudes Subpolíticas	95
3. 4. 3. O Código Não-Escrito do Povo Trabalhador	103
3. 5. O Lugar da Tradição e da Experiência em <i>A Formação da Classe Operária Inglesa</i>	110
Considerações Finais	113
Bibliografia	118

Resumo

Esta dissertação tem como tema os conceitos de tradição e experiência na obra de Edward Palmer Thompson. Mais especificamente, pretende compreender como que, desde o período de juventude até o ano de publicação de *A Formação da Classe Operária Inglesa* (1963), Thompson enfrentou teórica e praticamente problemas relacionados ao passado e presente da sociedade em que viveu. Para a consecução desse trabalho de pesquisa, empreendi, nos três capítulos, três formas de aproximação possíveis das noções de tradição e experiência. No primeiro capítulo, procurei demonstrar como que a experiência de vida do próprio Thompson já o levava a pensar essas questões de modo vivo e vinculado às lutas do movimento comunista desde um ponto de vista dissidente. No capítulo segundo, procurei percorrer um caminho dentro da tradição historiográfica marxista inglesa, a fim de apontar proximidades e distanciamentos entre Thompson e diversos historiadores e não-historiadores de sua geração, explicitando as matrizes mais imediatas do seu pensamento. No último capítulo, detive-me na primeira parte de *A Formação da Classe Operária Inglesa* com o intuito de analisar algumas razões que levaram Thompson a retomar inúmeras experiências dos trabalhadores ingleses durante o século 18 antes de iniciar seus estudos mais propriamente definidos como pertencente ao período de formação da classe operária. Com essa dissertação, procurei relacionar uma literatura acerca de Edward Thompson relativamente pouco conhecida dos historiadores brasileiros, além de refletir teoricamente sobre os pontos de contato que, em Thompson, existe entre luta socialista e escrita da história.

Abstract

This research has the Edward Palmer Thompson's concepts of *tradition* and *experience* as the main goal. More closely, it pretends to understand how, since his youth until the year he published *The Making of the English Working Class* (1963), Thompson faced theoretically and practically the problems related to the past and present of the society he lived in. I intend, in three chapters, to pursue three possible ways to come near to the notions of *tradition* and *experience*. In the first chapter, I want to demonstrate how life experience of Thompson himself leaded him to think this questions connected to the communist movement's struggles, in a dissident way of thinking. In the second chapter, I follow a way inside the English marxist historiography tradition, in order to point the similarities and differences between Thompson and some historians and non historians of his generation, clearing the more immediate origins of hist thoughts. In the last chapter, I stay more closely in the *The Making of the English Working Class*' first part to examine some reasons that leaded Thompson to retake some English workers' experiences in the 18th century, before he started to study the formation of the working class itself. With this dissertation, I wish to show a literature on Edward Palmer Thompson that is almost unknown by the Brazilian historians, and to reflect theoretically, inspired by this dissident author, about the links between socialist struggle and the writing of History.

Introdução

Na origem etimológica das palavras “tradição” e “experiência” creio estar contida boa parte do objeto de estudo dessa pesquisa. A palavra portuguesa tradição provém da latina *traditio*, que significa, entre outras coisas, ação de entregar, transmissão, além de significar também narrativa, narração e história. Na origem de *traditio* está *trado*, ampliando os sentidos do primeiro termo para as ações de apresentar, recomendar e dar lições¹. Já experiência vem do grego *peira*, *πειρα*: prova, experiência, ensaio².

Os termos antigos de tradição e experiência já constituem, eles mesmos, um problema interessante, uma vez que anunciam sentidos originários diversos daqueles que hoje em dia lhes são característicos. Quase não há, em nossos dias, a idéia que antes aproximava tradição de tradução, através do ato comum de transmitir. Também não mais fazemos relações entre a experiência e as atividades dos piratas – *peiratos*, *πειρατης* –, entre o conhecimento experimental e o ato de navegar, de porto em porto...

É provável que, em nenhuma parte da vasta obra de Edward Thompson, encontre-se qualquer referência mais direta acerca da origem etimológica dos termos tradição e experiência. Mas, ao chegar ao fim dessa pesquisa, penso que os sentidos originais presentes nos termos *peira* e *traditio* ganharam uma certa valorização na sua obra.

Na trajetória pessoal do historiador Thompson, forte foram os papéis exercidos pela experiência e tradição. Ressaltava sempre, em entrevistas e nas passagens auto-referenciais de suas obras, as suas experiências pessoais, como que num recurso de esclarecimento quando procurava desenvolver um argumento complexo. Também era evidente sua vontade de se situar no interior de tradições intelectuais.

¹ F. Torrinha. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos, 1942, p. 881-882.

² I. Pereira, S. J. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 8 ed., 1998, p. 444.

Essa pesquisa procura captar alguns desses momentos, valorizando aspectos do pensamento de E. P. Thompson que, por vezes, passaram despercebidos por críticos e comentadores. Procurei, assim, reconstruir alguns caminhos entre a vida e a obra, ressaltando a indissociabilidade dessas dimensões, uma vez que, creio eu, o próprio Thompson as sentia muito próximas. Quando perguntado, em 1976, sobre o que o levou a decidir fazer-se historiador, Thompson respondeu peremptório: "Não, por Deus! Nunca 'fiz a decisão' de ser historiador. Não me lembro de haver feito nenhuma decisão desse tipo"³.

Nesse sentido, procurei, nessa dissertação, apresentar, *simultaneamente*, o pensamento de Thompson tanto como um momento de contestação e ruptura com os padrões rígidos do "marxismo ortodoxo", quanto como um momento significativo da historiografia contemporânea, desde algumas características renovadoras do conhecimento histórico presentes em sua obra.

Início a aproximação dos problemas que norteiam essa pesquisa, portanto, com considerações que estão presentes nas próprias reflexões de E. P. Thompson. Em *Miséria da Teoria* (1978), combatendo o estruturalismo de Louis Althusser, Thompson chamou atenção para o fato de que aquela corrente do pensamento constituía-se em um momento associado ao contexto político e social mais amplo das últimas décadas. Caracterizava, por exemplo, o estruturalismo como produto de "três décadas de estase da Guerra Fria".

O estruturalismo, para Thompson, continha um sentido de "conservadorismo histórico", um momento do pensamento do século 20 marcado por um vocabulário circular fechado.

A estase sem precedentes e, no mais profundo sentido, o conservadorismo histórico (a contínua reprodução de bens materiais e da ideologia, dentro de um circuito aparentemente fechado) inclinou acentuadamente os espíritos contemporâneos para as premissas e termos do estruturalismo. Nesse sentido, um historiador reconhece no estruturalismo uma analogia com os sistemas justificativos circulatórios, ou automáticos, de sociedades anteriores, e observa que foram, em geral, *ancien régimes* ansiosos por validar

³ E. Thompson. "Una Entrevista" In: _____. *Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase*. Tradução: Eva Rodríguez, 3 ed. Barcelona: Ed. Crítica, 1989, p. 304.

o poder estabelecido, ou regimes revolucionários de meia-idade, sôfregos por consolidar o poder com uma apologia ideológica. Assim, um historiador, face ao estruturalismo, deve farejar e sentir no ar um cheiro de conservadorismo.

Assim, acompanhando a proposta de Thompson, pode-se perceber que, no campo do conhecimento histórico, algumas opções teóricas e estilísticas trazem consigo argumentos de caráter ideológico. Parece ter sido isso o que fez Thompson relacionar, em *Miséria da Teoria*, a noção de ideologia com a de *vocabulário*.

Quando falo de vocabulário, neste sentido, trata-se, certamente, do seu sentido de ideologia. Isto é, argumentei que em cada um desses períodos houve uma pressão da experiência real que pareceu autorizar a adoção de uma determinada linguagem de análise social e política, uma predisposição ideológica para um vocabulário ou outro.⁴

Isso tudo parece reforçar a idéia de que Thompson possuía uma forte consciência da dimensão que a linguagem (o vocabulário) possuía ao representar processos históricos; que na linguagem o historiador poderia se "trair" e revelar sentidos, por vezes ocultos, através do jargão acadêmico ou científico.

É levando em conta esse aspecto em particular que pareceu ser possível empreender essa pesquisa. Procurei, mais que imergir em aspectos particulares do pensamento de Thompson, relacionar (com pretensões modestas) dimensões variadas do seu "vocabulário", no sentido de explicitar as faces de sua reflexão acerca de experiência e tradição.

Compreendida assim, minha abordagem situa-se mais no nível do discurso, da narrativa histórica, do que no nível daquilo que Thompson – também em *Miséria da Teoria* – chamou de "escrutínio do historiador". Hayden White, certamente, afirmaria ter essa abordagem como objeto a "meta-história" de Thompson. Mas um estudo de vocabulário não nos leva necessariamente a uma perspectiva reificada da linguagem, como parece ser o caso de White⁵. E.

⁴ E. Thompson: *Miséria da Teoria ou um Plantário de Erros: Uma Crítica ao Pensamento de Althusser*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 86-87.

⁵ H. White. *Meta-História: A Imaginação História do Século XIX*. Tradução: José Laurênio de Melo, 2 ed. São Paulo: Editora USP, 1995; _____. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. Tradução: ed. São Paulo, EDUSP, 1994.

P. Thompson, ao tratar desse problema em *An Open Letter to Leszek Kolakowsky* (1972), recorreu a Raymond Williams que definia a linguagem como "forma de expressão"⁶.

Na realidade, procuro esclarecer que identifique diferenciações quanto ao tratamento das questões relacionadas à linguagem de acordo com a perspectiva teórico-metodológica que cada historiador adota. Miles Taylor ofereceu uma importante definição de algumas das tendências presentes na guinada lingüística dos historiadores britânicos, quando dizia:

De fato, os historiadores sociais britânicos estão sendo impelidos a fazer ao menos três guinadas lingüísticas. Todas as três têm diferentes implicações para o objeto. Primeiramente, há uma guinada lingüística "culturalista", que enfatiza a importância do imaginado, do simbólico, da retórica e do discurso como instrumentos com os quais homens e mulheres comuns contestaram o poder e a subordinação vindos de cima, criando seus próprios rituais de resistência e experiência compartilhada. Essa abordagem em relação à linguagem não é nova. Ela pode ser encontrada na obra seminal de E. P. Thompson, *A Formação da Classe Operária Inglesa* (1963), e tem sido mantida desde então em periódicos tais como *History Workshop* e *Past and Present*, como também no trabalho recente de historiadores como James Epstein. Em segundo lugar, há uma guinada lingüística "contextualista", que afirma que formas de identidade social, como classe ou nação, não existem separadas de linguagens políticas específicas por meio das quais elas são articuladas. Esse método, que tem algumas afinidades com o trabalho de historiadores da história intelectual como Quentin Skinner e John Pocock, identifica-se sobretudo com *Languages of Classe: Studies in Working Class History, 1832-1982* (1983), de Gareth Stedman Jones. Finalmente, há uma guinada lingüística "pós-modernista", que vai um passo além e sugere que todas as formas de experiência e subjetividade são construídas por "narrativas" nas quais os indivíduos imaginam a si mesmos e a seu lugar dentro da ordem política e social. Na Grã-Bretanha, essa abordagem foi encabeçada por Patrick Joyce em dois trabalhos recentes: *Visions of People: Industrial England and the Question of Class, 1840-1914* (1991) e *Democratic Subjects: The Self and the Social in 19th Century England* (1994).⁷

Caracterizo, portanto, seguindo os argumentos de Miles Taylor, a "guinada lingüística" de Thompson como muito mais uma "ênfase na linguagem" que como um abandono em relação à referencialidade ao "status

⁶ E. Thompson. "An Open Letter to Leszek Kolakowsky" In: _____. *The Poverty of Theory and Others Essays*. London: Merlin, 1978, p. 314.

⁷ M. Taylor. "As Guinadas Lingüísticas na História Social Britânica" In: *História Social*, 4/5, 1998, p. 79-80.

ontológico do passado” que, diga-se de passagem, era a perspectiva do próprio Thompson, em *Miséria da Teoria*, quando definia a noção de “lógica histórica”⁸.

Tradição e experiência situam-se, assim, em meio a outros diversos problemas articulados ao caráter “pós-estruturalista” que a obra de Thompson possui⁹. A ênfase nos aspectos culturais e a forte performance narrativa fazem de sua obra momento destacado do conhecimento histórico contemporâneo. Esta dissertação procura demonstrar que essas características não estão dissociadas dos problemas vinculados às lutas de classes.

Thompson expressa em sua obra um forte sentido de comprometimento. Sua vida esteve sempre profundamente marcada por seu engajamento em movimentos sociais como a militância no Partido Comunista da Grã-Bretanha, no pacifismo do *Committee for Natopolitan Defence* (CND), em protestos relacionados aos direitos humanos, na construção do “humanismo socialista” na Nova Esquerda britânica após sua ruptura com o stalinismo em 1956. O perfil ativista de Thompson misturou-se tão profundamente com sua obra que se torna imprescindível relacionar seus escritos desde o foco das preocupações políticas que adotou.

Sendo assim, procurei nessa dissertação, através das análises da tradição e experiência, articular as ligações dialéticas entre história e política, no sentido de demonstrar que, quando a crise do movimento comunista fez Thompson assumir uma postura dissidente, uma nova forma de encarar a classe operária conformou-se em seu pensamento.

Para Thompson, a classe

acontece quanto alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus.¹⁰

⁸ E. Thompson. *Miséria da Teoria*, p. 51. Talvez esta perspectiva possa ser melhor definida pelas análises de Bryan D. Palmer em *Descent of Discourse: The Reification of Language and the Writing of Social History*. Philadelphia: Temple University Press, p. 1990.

⁹ Cf. M. STEINBERG. “Culturally Speaking: Finding a Commons Between Post-Structuralism and the Thompsonian Perspective” In: *Social History*, vol. 21, 2, 1996.

¹⁰ E. Thompson. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Tradução: Denise Bottmann, 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 10.

Em outro momento, afirma que “conhecemos as classes porque, repetidamente, as pessoas se comportam de um modo classista”. Não há, nessas definições, qualquer fundamento metafísico. Pelo contrário. Thompson procurou sempre se situar contrário às tradições intelectuais que viram a classe social a partir de um ponto de vista estático.

Segundo uma tradição ligeiramente distinta, essa definição de tipo estático pode ser adotada para a crítica da noção marxista de classe. Por exemplo, os assalariados não se comportam de um modo condizente com sua condição proletária ou mesmo alguns deles, quando interrogados, não sabem definir-se ou afirmam pertencer ao “estrato médio”.¹¹

Sob esses termos, a noção de classe em Thompson aparece mais ampla do que uma mera “categoria de análise”. A classe é o conceito do historiador, mas é também – e talvez, principalmente – a experiência que lhe dá forma. Procurei, nessa pesquisa, demonstrar isso analisando o prefácio de *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Pude perceber que, para Thompson, não há classe fora de suas experiências históricas, e que a ânsia de algumas correntes de esquerda por defini-la a partir de um corpo categorial complexo e fechado à essas experiências pode, inclusive, oferecer um sentido conservador ou de controle social.

Nessa pesquisa, priorizei as obras e as experiências de Thompson até o ano de 1963, quando da publicação de *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Empreendi um levantamento dos seus livros e artigos desse período. Também me preocupei em estudar seus principais escritos do período posterior, no sentido de dar projeção a alguns argumentos de Thompson.

Para confrontar as idéias de Thompson com algumas críticas, procurei identificar seus principais comentadores em revistas especializadas, como *New Left Review*, *Social History*, *Monthly Review*, *Radical History Review*, dentre outras.

No primeiro capítulo – *Thompson e o Movimento Comunista: A Experiência de um Dissidente* –, procurei traçar alguns caminhos na trajetória

¹¹ E. Thompson. “Algumas Observações sobre Classe e ‘Falsa Consciência’” In: *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. Tradução: Alexandre Fortes e Antônio Luigi Negro, 3 ed. Campinas: Textos Didáticos, 10, 1993, p. 96 e 97.

peçoal de Thompson, quando identifiquei sua progressiva ruptura com o stalinismo. Aí, fiz referências à sua participação, durante a juventude, no movimento comunista europeu, principalmente na luta anti-fascista nos anos da Segunda Guerra Mundial. Analisei como que seu primeiro escrito de fôlego – *William Morris: Romantic to Revolutionary* (1955) – constituía um momento onde Thompson pôde reconsiderar algumas posturas do movimento comunista, em geral avesso a qualquer aproximação com aquilo que dizia ser a necessidade de uma “revolução moral”. Procurei demonstrar a importância da sua experiência como professor em cursos para trabalhadores adultos como um momento no qual esteve presente o problema de se pensar a relação entre conhecimento histórico e experiência de resistência. Por fim, tratei o ano de 1956 – quando Thompson e muitos outros militantes romperam com o Partido Comunista – como decisivo para sua postura dissidente, postura que marcou sua participação na construção da Nova Esquerda inglesa. Assim, nesse capítulo procurei demonstra como experiência e tradição diziam respeito à própria situação de Thompson nas décadas de 1940 a 1960, período de singular importância na sua trajetória pessoal.

No capítulo segundo – *Thompson e a História Social Marxista Inglesa* – apresento a tradição intelectual composta por historiadores e não-historiadores da geração de Thompson, que, de diversas maneiras, “dialogaram” com os escritos de Thompson. Procurei, nas obras de Maurice Dobb, Christopher Hill, Eric Hobsbawn, George Rudé, Raymond Williams, entre outros, identificar aspectos que parecem ter contribuído com a formação da noção de experiência expressa em *A Formação da Classe Operária Inglesa* de Thompson. O próprio Thompson dizia ser essa geração de intelectuais uma “honrosa tradição” que tinha suas origens mais remotas em Marx e Morris.

No último capítulo – *Tradição e Experiência em A Formação da Classe Operária Inglesa* –, analisei como os principais problemas da primeira parte da sua obra – *A Árvore da Liberdade* – oferecem motivos importantes para se pensar que o tratamento acerca das tradições dissidentes dos trabalhadores ingleses do século 18 constitui um aspecto fundamental para a história da formação da classe operária. Na afirmativa de Thompson de que fora preciso, em sua obra, “derrubar as muralhas chinesas que separam o século 18 do 19,

e se interpõem entre a história da agitação operária e a história cultural e intelectual do resto da nação”, identifiquei um argumento problematizador central para o conjunto da narrativa de *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Empreendi uma apresentação – seguida de algumas análises – de três tradições abordadas por Thompson nos capítulos 2, 3 e 4, quando reconstitui as experiências das dissidências religiosas, das atitudes “subpolíticas” e das idéias do “inglês livre de nascimento”.

Sendo assim, esta dissertação fala de experiências e tradições de trabalhadores a partir da visão de um dos principais referenciais da historiografia social contemporânea. Meu argumento mais geral aqui é, portanto, o que afirma que, sob as inspirações suscitadas pela obra de Thompson, um tratamento adequado acerca da classe operária perpassa um repensar constante sobre as tradições e experiências que ela contém, assim como as tradições e experiências do próprio historiador. Estariam firmadas, assim, dialeticamente, as ligações entre História e Política.

Capítulo 1

Thompson e o Movimento Comunista: A Experiência de um Dissidente

Nas linhas que seguem, tentarei apresentar alguns dos caminhos que levaram Edward Thompson à condição militante de um *dissidente* no movimento comunista europeu, aspectos da vida desse historiador de fundamental importância para a compreensão do surgimento, em suas obras subsequentes, de uma abordagem histórica nova no tratamento acerca dos movimentos sociais e das lutas de classes.

Em 1976, em entrevista a *Radical History Review*, falando sobre o público que o motivou a escrever *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Thompson afirmava que esse:

No era un libro escrito para un público académico. Mi trabajo durante muchos años había sido el de tutor en educación de adultos, dando clases por las noches a trabajadores, sindicalistas, gente de cuello blanco, maestros, etc. Este público estaba presente, y también el público de izquierdas, del movimiento obrero y de la nueva izquierda. Pensaba en este tipo de lector cuando escribí el libro, como es evidente por mi actitud bastante irreverente hacia las convenciones académicas.¹

Essa passagem oferece uma importante chave de entendimento acerca da trajetória intelectual de Thompson, por sugerir que é extrapolando as “convenções acadêmicas” que se permite perceber os significados sociais mais profundos de sua crítica histórica.

Thompson fala que “recuperar uma história alternativa supõe amiúde entrar em polêmica com a ideologia estabelecida”. O valor da *polêmica* para Thompson, assume, dessa maneira, um estatuto de central importância na elaboração da consciência histórica. O que me proponho nesse momento é apresentar os caminhos trilhados por Thompson que lhe permitiram aprender essa “arte da polêmica”, essa forma de pensar a sociedade, seja do tempo

presente ou do passado, sempre como um *campo de conflito entre forças sociais*, diante do qual o historiador se vê na imperiosa exigência do tomar posições.

1. 1. Experiências Familiares

Podemos, assim, fazer como Bryan D. Palmer, em *Edward Palmer Thompson: Objeções e Oposições*, e iniciar a identificação dessa trajetória no interior mesmo da família do jovem Edward Thompson. Com os pais metodistas, Thompson viveu sua juventude em meio a viagens "missionárias" para o oriente. A família acompanhava o pai de Thompson – Edward John, nascido em 1886 e bacharel em Humanidades pela Universidade de Londres – no "serviço" metodista.

Pelo resto de sua vida – conta Bryan D. Palmer – Thompson engajou-se em um diálogo criativo com o passado dos pais, seu presente e o futuro do país onde grande parte disso tudo seria concatenado – a Índia.²

O ambiente metodista e liberal de sua família não foi favorável à tomada de posturas radicais contra a ordem social; não obstante, algumas contradições se fizeram presentes na experiência conflituosa daqueles ingleses que escolheram viver em territórios marcados pelo imperialismo. Thompson mesmo é quem afirmava:

*Mi padre – ambos mi madre y mi padre, pero sobre todo mi padre – fue un liberal duro. Fue un crítico tenaz del imperialismo inglés, amigo de Nehru y de otros dirigentes nacionales. Por eso yo me crié esperando que los gobiernos fueran mendaces e imperialistas y creyendo que la propia posición debía ser hostil al gobierno.*³

No entanto, possivelmente mais que seus pais, liberais e anti-imperialistas, foi seu irmão militante comunista quem exerceu as influências

¹ E. Thompson. "Una Entrevista con E. P. Thompson" In: *Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase*. Tradução: Eva Rodríguez, 3 ed. Barcelona: Ed. Crítica, 1989, p. 296.

² B. Palmer. *Edward Palmer Thompson: Objeções e Oposições* Tradução: Klaus Brandini Gerhardt. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 14.

³ E. Thompson. "Una Entrevista con E. P. Thompson" In: *Op. cit.*, p. 302.

decisivas para que Thompson se engajasse nos movimentos sociais nos anos que precederam a Segunda Guerra Mundial.

William Frank Thompson, irmão mais velho de Edward, logo cedo entrou no Partido Comunista britânico. Frank, como muitos outros jovens comunistas, “ficou pasmo” diante do pacto de não agressão firmado entre Hitler e Stalin; porém, por suas convicções anti-fascistas, alistou-se como voluntário no serviço militar quando, um mês depois, a guerra foi declarada, em setembro de 1939. Servindo na Inglaterra, Grécia e Pérsia, em 1943 foi admitido para realizar treinamentos na região dos Bálcãs. Em janeiro de 1944, o capitão Frank Thompson foi pára-quedista na Missão de “Milligatawny”, com a tarefa de estabelecer contato com o movimento clandestino de Resistência na Bulgária. Nessa missão, foi capturado, interrogado, surrado e submetido à humilhação pública, e, após dez dias, levado a um pseudo-julgamento, onde foi condenado ao fuzilamento. Nesse momento, falando em búlgaro, teria pronunciado as seguintes palavras:

A questão mais importante no mundo hoje é a luta do antifascismo contra o fascismo. Estou orgulhoso de morrer ao lado de meus camaradas, partisanos da Bulgária.⁴

Diante do pelotão de fuzilamento, Frank Thompson e outros condenados ergueram os punhos e exclamaram: “Dou-lhes a saudação de liberdade”.

A morte do irmão em condições violentas parece ter calado fundo nos sentimentos de Edward Thompson. Em 1947, Edward e sua mãe Theodosia Thompson escreveram *There is a Spirit in Europe: A Memoir of Frank Thompson*, onde renderam suas homenagens ao parente.

Algumas décadas depois, E. P. Thompson voltou a falar de seu irmão, e suas palavras nos demonstram como os valores *humanistas*, já naquele momento, faziam parte do “espírito” que guiava os comunistas na luta antifascista.

Las cartas que se conservan de mi hermano son totalmente contrarias al cuadro ideológico acartonado de lo que era el

⁴ Cit. em B. Palmer. *Op. cit.*, p. 48.

*stalinismo. Su compromiso era con el pueblo y sobre todo con el asombroso heroísmo de los movimientos partisanos de la Europa del sur.*⁵

Podemos estabelecer, assim, que o exemplo de Frank Thompson foi um dos primeiros aspectos que levantou, no pensamento de Thompson, questionamentos sobre o “quadro ideológico stalinista”.

Mas Edward Thompson, durante muitos anos ainda, não deixaria de se considerar um convicto partidário... E em sua própria *experiência pessoal* é que encontramos os elementos precipitadores da ruptura com o “marxismo ortodoxo” em 1956.

Certamente, a oposição ao fascismo reforçou, naquela época, a idéia de que o momento apropriado ao questionamento dos problemas no interior do movimento comunista deveria esperar, que se tratava então de vencer as forças inimigas *a qualquer custo*. Sendo assim, Edward Thompson afirmava:

Portanto, exatamente como agora havia um espírito democrático em atividade por toda a Europa. Havia a submissão do indivíduo ao bem comum. Exatamente como agora havia uma aliança de resistência ao poder com propósitos definidos, uma “frente popular” ainda não desfigurada pela má fé. E também havia um clima autêntico de internacionalismo que tomou conta dos camponeses das aldeias da Úmbria e das nossas tropas em seus tanques.⁶

Semelhante *otimismo* era compartilhado por toda uma geração de jovens de esquerda na Europa. Por exemplo, Dorothy Thompson dizia sobre o período da Guerra:

*By 1942 the political situation was very tense, the invasion of the Soviet Union, the need to open a second front. The campaign to persuade the British authorities to invade Europe occupied an enormous amount of people's time on the Left.*⁷

Dorothy e Edward Thompson, que, em 1945, passaram a viver juntos, juntos seguiram para a Iugoslávia após a Segunda Guerra. Ali, na Brigada Britânica Jovem, o casal, ladeado por camponeses, operários e soldados, engajou-se no projeto de construção da ferrovia de 250 km que uniu Samac a

⁵ E. Thompson. *Op. cit.*, p. 303.

⁶ Cit. em B. Palmer. *Op. cit.*, p. 50.

⁷ D. Thompson. “Personal and Political” In: *New Left Review*, 200, p. 88.

Sarajevo. O sentimento de "reconstrução" dominava, e Dorothy Thompson testemunhou com paixão aquela experiência:

There were Fabians, there were Communists. We saw people as good workers or bad workers... Mostly the youth workers were from different parts of Europe and they all worked together, they had camp fires together, they sang songs, shouted, went to meetings, or slept through meetings, together. (...) We got up at half past five, washed in cold water, then went off to work at the rock face at six o'clock. We had a break at half past eight, when we had a sandwich of black bread and that apple jam stuff and some acorn coffee, and then we worked on till about midday. At midday we went back and had the main meal of the day which was eaten on the campsite, you know big dishes of tea and vegetables and things. In the afternoon everyone could do what they liked. Some of us went walking, some of us had classes with other groups, some people slept. In the evenings we had camp fires and political speeches and singing and dancing. You did about six hours solid manual work, digging rocks, loading up trucks, pushing them along and tipping them over the embankment, and the rest of the time socialized with the other groups.⁸

Mais objetivo, Edward Thompson iria se referir a esse momento como "uma estupenda experiência"⁹. Eram anos de profundo otimismo, mas um tempo com os dias contados. Logo em seguida, a Guerra Fria viria pôr fim àquele sentimento.

1. 2. Experiências Profissionais

A consolidação da Guerra Fria mobilizou, no interior do movimento comunista, *práticas antidemocráticas*. A luta ao lado do bloco comunista adotou uma postura "maquiavélica", na medida em que a defesa do "Estado socialista" passou para o primeiro plano nas suas pretensões. Para Edward Thompson, que foi educado na crença de que "a própria posição devia ser hostil ao governo", uma situação incômoda configurou-se. Os anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial até o momento de rompimento com o Partido Comunista em 1956 foram de críticas constantes no interior do movimento comunista. Thompson adquiriu um senso humanista e polêmico radical mais

⁸ Idem, p. 94-95.

⁹ E. Thompson. *Op. cit.*, p. 303.

agudo, enquanto os acontecimentos demandavam da *realpolitik* diplomacia e pragmatismo.

Assim, a *experiência política* de Thompson levou-o até a crise e ruptura com o "marxismo ortodoxo", desenvolvendo, no trabalho da pesquisa histórica, uma nova concepção de luta de classes, concepção valorizadora das experiências dos "de baixo".

Retornando a Inglaterra em 1947, Edward Thompson retomou seus estudos acadêmicos em Cambridge. Deparando-se com outra experiência marcante em sua vida, em 1948, com 24 anos, Thompson tornou-se tutor de Inglês, e depois de História, no departamento de *Extra-Mural Studies* na Universidade de Leeds, um projeto de educação para adultos, em que permaneceu até 1965. Fundado em 1946, o *Extra-Mural Department* deu seguimento a uma prática de extensão do saber universitário, cujo maior propósito era dar suporte às demandas da Associação Educacional dos Trabalhadores (WEA).

Bryan D. Palmer, considerando essa experiência em educação, acha

provável que, para o jovem Thompson, a educação para adultos tenha se assemelhado a um daqueles locais em que a crítica e a autocrítica eram severas, mas também representavam auxílio mútuo e troca de conhecimentos práticos e teóricos; locais que de alguma forma permitem entrever a sociedade do futuro.¹⁰

A escolha de Thompson por dedicar-se ao ensino em turmas de trabalhadores adultos, durante longos dezoito anos, preferindo a prática educacional ao especialismo acadêmico, diz muito do seu espírito "voluntarista", voltado às conquistas de *novas relações sociais*. Em 1951, tratando de sua relação com o legado de William Morris, Thompson reconheceria que "não podemos esperar que apareça um novo tipo de pessoa até que o socialismo tenha triunfado, tanto quanto não podemos esperar que o marxismo surja dentro de uma sociedade comunista"¹¹.

¹⁰ B. Palmer. *Op. cit.*, p. 83.

¹¹ E. Thompson. "William Morris" In: _____. *Persons & Polemics*. London: Merlin Press, 1994, p. 75.

Assim, nas avaliações que fazia das aulas que ministrava aos trabalhadores, costumava dizer que estava ali para “criar revolucionários”, e que “aprendia tanto quanto transmitia” em suas turmas. O interessante ensaio de Peter Searby, John Rule e Robert Malcolmson, *Edward Thompson as a Teacher*, publicado em *Protest and Survival* (1994), revela valiosos aspectos dessa experiência de Thompson, demonstrando como o diálogo *direto e não paternalista* constituía uma marca de sua presença. Nesse sentido, Peter Thornton, um dos freqüentadores daqueles cursos, recordou como através da “memória viva” dos estudantes Thompson estimulava a construção de uma nova forma de conhecimento histórico:

Edward Thompson's classes... had this effect of making you realise that history wasn't something separate and apart; it was a progression that you were part of. I've felt this ever since. And when he did things like the handloom weavers of Yorkshire, the Luddites, the social developments of the Industrial Revolution in this part of the world, you very quickly realised how much you and your people were part of it. We'd had these things at school; we knew about the Luddites but it was something that had happened in the past and it had gone over our heads. If anyone ever used the term 'Luddite' it meant somebody out to destroy things, not that they had a terrible problem that they were trying to solve and that they lived in a society that they found depressing. Edward brought all this home to us.¹²

No processo de aprendizagem mútua proporcionado pelas turmas dos cursos extra-muros da Universidade de Leeds, *vida cotidiana* e *cultura histórica* combinaram-se na configuração de uma nova experiência, marcada pela ausência de hierarquia e pelo protagonismo social. A desconstrução das barreiras correntemente impostas entre *história* e *vida* constituía, assim, um importante aspecto da experiência educacional de E. P. Thompson nos anos precedentes à publicação de *A Formação da Classe Operária Inglesa*.

Os estudos sobre William Morris constituíram-se num outro exercício de repensar o caráter utópico do movimento comunista, desta vez sobre as reflexões de um dos maiores escritores comunistas britânicos da era vitoriana.

¹² Cit. em P. Searby, J. Rule & R. Malcolmson. “Edward Thompson as a Teacher: Yorkshire and Warwick” In: *Protest and Survival: The Historical Experience*. London: Allan Lane, 1993, p. 17.

Em 1955, Thompson publicou *William Morris: Romantic to Revolutionary*¹³. Morris, disse o próprio Thompson: "me absorveu", "me capturou"...

*Y leí uno o dos libros sobre Morris tan ideológicos que me creí en la obligación de contestarlos. Por eso escribí un artículo atacándolos, y el editor de la revista me dijo: "Muchas gracias, pero no podría escribir un artículo algo más largo?". Y entonces escribí un artículo demasiado largo para publicarlo y me contestaron diciendo que quizá sería una buena idea hacer un libro con él. Así acabó siendo un libro de 800 páginas. Morris me capturó. No tomé una decisión. Morris decidió que debía hacer su presentación. Sin embargo, mientras me dedicaba a esto consideré mucho más seriamente hacerme historiador.*¹⁴

William Morris foi a primeira obra que revelou os talentos de Thompson para a história social, seu primeiro trabalho de pesquisa continuada, um estudo de fôlego, onde procurou reconstituir a formação do pensamento de Morris confrontando o romantismo de uma juventude estetizada à postura revolucionária mais resoluta na maturidade.

Em uma conferência à *William Morris Society*, em 1958, Thompson considerava:

*I have in no way altered my opinion that – if we are to acknowledge William Morris as one of the greatest of Englishmen – it is not because he was, by fits and starts, a good poet; nor because of his influence upon typography; nor because of his high craftsmanship in the decorative arts; nor because he was a practical socialist pioneer; nor, indeed, because he was all these; but because of a quality which permeates all these activities and which gives to them a certain unity. I have tried to describe this quality by saying that Morris was a great moralist, a great moral teacher.*¹⁵

Contribuindo com a fundação da *Socialist League*, em 1884, Morris afirmou a necessidade premente do caráter educacional do movimento revolucionário. E a educação que pregava passava pela construção de experiências contestatórias da ordem capitalista. Morris falava numa "educação do desejo", e escrevia:

We are living in an epoch where there is combat between commercialism, or the system of reckless waste, and communism, or the system of neighbourly common sense. Can that combat be fought

¹³ E. Thompson. *William Morris: Romantic to Revolutionary*. New York: Pantheon Books, 1977.

¹⁴ E. Thompson. "Una Entrevista con E. P. Thompson" In: *Op. cit.*, p. 305.

¹⁵ E. Thompson. "William Morris" In: *Op. cit.*, p. 66-67.

out... without loss and suffering? Plainly speaking I know that it cannot.

Essa passagem foi extraída de *News from Nowhere*, romance utópico onde Morris prefigurava a nova sociedade comunista, a nova sociedade “não aquisitiva”, onde o trabalho não seria um fardo, mas a extensão de uma sociabilidade livre¹⁶.

Morris chamou a atenção de Thompson por sua *revolta moral*. Para Morris, segundo dizia Thompson, a “lógica [econômica capitalista] exigia que a ética da sociedade atomizada e aquisitiva fosse oposta pela ética de comunidade”. William Morris fazia uma crítica radical à alienação da sociedade capitalista. Sem ter tido acesso aos textos de juventude de Marx, chegou por caminho próprio a algumas conclusões sobre o “trabalho alienado” muito próximas às do revolucionário alemão. Para Thompson, Marx e Morris complementavam-se. Na “leitura” de 1958, dizia que no seu próprio livro de 1955 “tendeu em certos pontos a sugerir que a crítica moral da sociedade de Morris seria *dependente da* análise econômica e histórica de Marx, que a moralidade é em alguns momentos secundária, a análise das relações produtivas e de poder primárias”. Mas,

*That is not the way in which I look upon the question now. I see the two as inextricably bound together in the same context of social life. Economic relationships are at the same time moral relationships; relations of production are at the same time relations between people, of oppression or of co-operation: and there is a moral logic as well as an economic logic, which derives from these relationships. The history of the class struggle is at the same time the history of human morality.*¹⁷

¹⁶ Dorothy Thompson, em entrevista a *New Left Review*, afirmava sobre Williams Morris: “Morris responded in fury to this ‘Cockney Utopia’ and wrote *News from Nowhere* – describing a rural and small-town society in which everybody works at fulfilling and pleasant work. Everyone changes their work often enough so nobody gets stuck as a bricklayer all their life, they do other jobs. On the one hand there is the idea that work is an evil that has to be done and has to be got round and, therefore, should be organized in such a way that we all benefit from it, but don’t have to do too much of it. And the other view that we only exist – we are working animals and are only happy – if we’re working. I think, again, this is one of the tensions within human consciousness. (...) This is again one of the tensions, one of the motivating ideas behind socialism, to which different socialist programmes offered totally different answers.” (“The Personal and the Political” In: *New Left Review*, 200, p. 98-99.)

¹⁷ E. Thompson. “William Morris” In: *Op. cit.*, p. 75.

Significativo aqui é constatar que, entre a “primeira” e a “segunda leituras” de Thompson sobre William Morris – leituras que demonstram um deslocamento na relação do autor com o “marxismo ortodoxo” – encontra-se o ano de 1956, momento que se tornou “uma obsessão” para Thompson – como declarou nas páginas de *Miséria da Teoria*, em 1978 – e data da ruptura pessoal com o Partido Comunista britânico. Nesse sentido, Michael D. Bess, em importante artigo a *The American Historical Review* (1993), disse que, na biografia sobre William Morris, poder-se-ia discernir “muitas das tensões subterrâneas” de Thompson com o stalinismo naqueles anos.

At the heart of the book lay Thompson's desire to rehabilitate "poetry", "sentiment", and the importance of each individual's moral courage within a Marxist culture that recognized only the iron discipline of the party, the "scientific" laws of economic change, and the mechanical contradictions among faceless classes. Morris's struggles with Marxist dogmatism and economic gave Thompson a chance to explore some of his own misgivings, while displacing them onto a historical discussion of events long past.¹⁸

O ano de 1956 figurou, assim, como um culminar de tensões pessoais profundas para Thompson. Marca indelével no seu pensamento, esse ano foi momento de redefinições fundamentais que consolidaram uma *postura dissidente* naquele historiador. Assim, os acontecimentos de 1956 são marcantes para a presente pesquisa.

1. 3. Experiências de Ruptura

Em fevereiro daquele ano ocorreu o 20º Congresso do PCUS, do qual participaram representações dos principais partidos comunista do mundo. Nele, Khrushchev pronunciou, em sessão secreta, da qual ficaram excluídas as delegações estrangeiras, o famoso discurso denunciando os “crimes e erros de Stalin”. A postura dos partidos comunistas foi, diante disso, de consentido *abafamento* de informações, discussões internas e contestações, que imediatamente começaram a surgir no interior e fora do movimento comunista.

¹⁸ M. Bess. “E. P. Thompson: The Historian as Activist” In: *The American Historical Review*, 1, p. 21.

O descontentamento com o stalinismo já então era pronunciado nas atitudes de Edward Thompson e aquele parecia um momento decisivo para uma mudança profunda das práticas adotadas pelo movimento. A postura adotada pelo PCGB confrontava-se, assim, diretamente com as pretensões de Thompson de ampliar ao máximo o debate acerca do caráter do stalinismo e da adoção de práticas libertárias mais contundentes. Em junho, Thompson viu um artigo seu ser recusado pelo *World News*, publicação oficial do PC. Tratava-se de *Winter Wheat in Omsk*, escrito que respondia a George Matthews, secretário assistente geral do Partido.

Edward Thompson, ao lado de John Saville, foram levados, assim, a publicar uma revista independente no interior do partido, que veio a se chamar *The Reasoner*, num esforço de "oxigenar" as vias internas da organização. Saville, recordando aquele momento anos depois, disse:

At the same time we had both been emotionally, politically and morally shocked at the revelations of what Stalinism really meant, and as Communists and historians we saw clearly that we were obliged to analyse seriously the causes of the crime which in the past we had defended or apologised for. And further, we argued that to take our proper place in the British labour movement demanded a thorough analysis and acknowledgement of past dogmatism and sectarianism.

Imediatamente, as lideranças do partido voltaram-se contra aquela iniciativa de Thompson e Saville, e a tensão interna aumentou com a persistência dos editores da *Reasoner*. Num editorial, chegaram a afirmar:

*We see no reason to stop publishing The Reasoner; to do so would be a defeat, not for us, but for the principle of full and frank discussion we are determined to establish.*¹⁹

Paralelamente a esses problemas, em fim de outubro, estourou na Hungria a rebelião popular. Reivindicando maior abertura política e a auto-exclusão do Pacto de Varsóvia, os trabalhadores húngaros formaram conselhos de defesa quando os tanques soviéticos invadiram o país. A brutalidade sobre Budapeste foi, dessa maneira, assunto central do terceiro número da *Reasoner*.

¹⁹ J. Saville. "The 20th Congress and the British Communist Party" In *The Socialist Register*, p. 7-8 e 10.

The intervention of Soviet troops in Hungary must be condemned by all Communists. The working people and students of Budapest were demonstrating against an oppressive regime which gave them no adequate democratic channels for expressing the popular will. The fact that former fascists and those working for the restoration of Capitalism joined the revolutionaries does not alter this central issue. The criminal blunder of unleashing Security Police and Soviet forces against these crowds provoked the mass of the people to take up arms, in the name of independence, liberty, and justice, against an oppression that was operated in the name of Communism. Those Hungarian comrades of ours who were innocent of the corruptions and abuses of the Rakosi regime were placed in a horrifying and tragic dilemma...

In this crisis, when the Hungarian people needed our solidarity, the British Communist Party has failed them. We cannot wait until the 21st Congress of the CPSU when no doubt the attack on Budapest will be registered as another 'mistake'. The International Communist movement, and also the World Peace movement, must exert its full moral influence to effect the immediate withdrawal of Soviet troops from Hungary; at the same time demanding the neutralisation of Hungary and resisting all Western attempts to turn the situation to their military and political advantage...²⁰

Assim, os acontecimentos de 1956 mobilizaram em Thompson indignações contra o *burocratismo comunista*. Sua ruptura com o Partido Comunista britânico foi uma decisão tomada não apenas em resposta àqueles acontecimentos mais imediatos, mas, mais que isso, foi consequência de uma *redefinição continuada* que se remete mesmo aos primeiros momentos da condição militante de Thompson na juventude.

Uma vez fora dos quadros do Partido Comunista, Thompson e Saville passaram a editar uma nova revista, intitulada *The New Reasoner*, onde buscaram rearticular a luta de inúmeros militantes dissidentes. Para Thompson, aquele momento foi o de formulação de toda uma nova perspectiva política para o movimento comunista, a que denominava "humanismo socialista". Em um artigo seminal, Thompson passou a definir:

It is humanist because it places once again real men and women at the centre of socialist theory and aspiration, instead of the resounding abstractions – the Party, Marxism-Leninism-Stalinism, the Two Camps, the Vanguard of the Working-Class – so dear to Stalinism. It is socialist because it reaffirms the revolutionary perspectives of Communism, faith in the revolutionary potentialities not only of the

²⁰ Idem, p. 14-15.

*Human Race or of the Dictatorship of the Proletariat but of real men and women.*²¹

Assim, o humanismo socialista de Thompson, segundo Michael Bess, procurava articular na tradição marxista os elementos humanistas descolados do “desastroso dogmatismo e autoritarismo” com que vinha sendo identificado²². Tratava-se de um esforço de compreensão e intervenção prática que, diante do cataclisma desencadeado pelos acontecimentos de 1956, propunha rearticular os militantes dissidentes sob novos princípios.

Foi esse um período de grande atividade intelectual para Thompson. A perspectiva do humanismo socialista, combinada com as contribuições de outros militantes que igualmente se puseram a repensar os rumos do movimento comunista na Europa, deu surgimento àquela que ficou conhecida como a Nova Esquerda (*New Left*).

Alguns anos após, em 1959, com a aproximação de outros esforços de intervenção que procuravam superar as demarcações rígidas dos padrões de luta da Guerra Fria, particularmente o corpo editorial da *University and Left Review* (da qual participavam Raymond Williams e Stuart Hall, entre outros), surgiram os primeiros números da *New Left Review*.

A Nova Esquerda constituiu uma experiência, ao mesmo tempo, teórica e prática de renovação do movimento socialista inglês. Além da publicação da revista, a Nova Esquerda contou com a existência de diversos grupos militantes espalhados pelo interior da Inglaterra. Michael Kenny, em sua pesquisa, comenta.

*The New left's sensitivity to the diverse interests of different constituencies – school leavers, teachers, immigrant 'communities' and new-town dwellers, for exemple – merged with an instinctive celebration of grassroots mobilisation within civil society. Whereas previously, these groups had been recognised as 'objects' of concern by the left (if they were noticed at all), for the New Left, their particular interests and experiences had to be unified within a more expansive and diverse coalition – a new 'historical bloc, in Gramscian terms.*²³

²¹ E. Thompson, “Socialist Humanism” In: H. Kaye & K. McClelland, *E. P. Thompson: Critical Perspectives*. Cambridge: Polity Press, p. 208.

²² M. Bess. *Op. cit.*, p. 23.

²³ M. Kenny. *The First New Left: British Intellectual after Stalin*. London: Lawrence & Wishart, 1995, p. 5.

Para Thompson, aquele momento de formação da nova esquerda britânica pareceu dotado de uma singular promessa de superação da cultura militante européia.

*For many, including Thompson and others associated with the New Reasoner, this was salutary experience, reinforcing their commitment to organisational coherence. With hindsight, the collapse of this project illustrates the pressures militating against any political current which tried to function outside the major parties of the left, however favourable the climate of opinion may have appeared for such a venture.*²⁴

Participaram do corpo editorial da *New Left Review* Stuart Hall (editor), Ken Alexander, Alasdair MacIntyre, Ralph Miliband, John Rex, Ralph Samuel, John Saville, Dorothy Thompson, Edward Thompson, Raymond Williams, Peter Worsley, dentre outros. E. P. Thompson, entre 1960 e 1961, publicou cinco artigos de assuntos diversos, mas que expressaram todos um determinado compromisso com o projeto coletivo da revista. Isso ficou expresso particularmente em *The Point of Production*, onde apontava a necessidade da instituição de uma "taxa socialista" como forma de sustentação do projeto que Thompson afirmava ser encampado por "trabalhadores voluntários" (*voluntary workers*)²⁵.

E. P. Thompson organizou nessa mesma época um livro de artigos intitulado *Out of Apathy* (1960), na introdução do qual afirmava:

*What is peculiar to the apathetic decade is that people have, increasingly, looked to private solutions to public evils.*²⁶

E sugeria como elemento alternativo a essa situação princípios "humanistas socialistas":

By this we mean, not the iron dictatorship of the proletariat and the rest. No socialist revolution is conceivable in Britain unless we can fashion a new and humanised image of a socialist society within our reach, which is clearly distinguished from both the Communist

²⁴ Idem, p. 25.

²⁵ E. Thompson. "The Point of Production" (nº 1, jan-feb 1960), p. 69. Os outros artigos de Thompson na *New Left Review* foram: "Contermarching to Armageddon" (nº 4, july-august 1960), "Revolution Again! Or Shut your Ears and Run" (nº 6, november-december 1960), "The Long Revolution" (nº9, may-june 1961) e "The Long Revolution II" (nº 10, july-august 1961).

²⁶ E. Thompson. "At the Point of Decay" In: *Out of Apathy*. London: Stevens & Sons / New Left Books, 1960, p. 5.

*experience and the experience of overcentralised bureaucratic state monopoly*²⁷

1. 4. Experiências de Definições

Porém, a roda da fortuna, uma vez mais, parece ter virado na vida de Thompson quando, poucos anos depois, em decorrência de um conjunto de fatores, a direção teórica e prática da Nova Esquerda deslocou-se. Foi o momento que ficou conhecido como aquele da crise da “primeira nova esquerda”. Em 1965, quando publicava em *Socialist Register* seu polêmico artigo *A Peculiaridade dos Ingleses* – dedicado à confrontação das idéias dos novos membros do conselho editorial Perry Anderson e Tom Nairn – Thompson escreveu:

Nos idos de 1962, quando as atividades da *New Left Review* estavam um pouco confusas, a direção da Nova Esquerda convidou um hábil colaborador – Perry Anderson – para assumir a editoria da revista. Encontramos, como esperávamos, no camarada Anderson a decisão e a coerência intelectual necessárias para assegurar sua continuidade. Mais ainda, descobrimos que havíamos indicado um verdadeiro dr. Beeching da *intelligentsia* socialista. Todos os ramais e desvios sócio-culturais da *New Left*, que estava, de resto, recebendo cada vez menos tráfego, foram abruptamente desativados. As principais linhas da revista sofreram uma modernização igualmente brusca. As marias-fumaça da Velha Esquerda foram varridas dos trilhos, as paradas marginais (“Compromisso”, “Qual o futuro do CND?”, “Mulheres apaixonadas”) foram fechadas e as linhas, eletrificadas para o tráfego expresso da *Rive Gauche* marxistencialista. Em menos de um ano os fundadores da revista descobriram, para seu pesar, que o conselho editorial vivia em um ramal o qual, após rigoroso balanço intelectual, foi considerado deficitário. Percebendo que havíamos-nos tornado supérfluos, colocamos nossos cargos à disposição.²⁸

Sendo assim, os anos que antecederam a publicação de *A Formação da Classe Operária Inglesa* foram permeados de acontecimentos significativos na experiência pessoal de E. P. Thompson. Em comparação com aquele que possivelmente havia sido, naqueles anos, sua maior referência intelectual –

²⁷ Idem, p. 13.

²⁸ E. Thompson. *A Peculiaridade dos Ingleses e Outros Artigos*. Tradução: Alexandre Fortes e Antônio Luigi Negro. Campinas: Textos Didáticos, 1993, p. 13-14.

William Morris –, parece ser possível afirmar que, entre sua juventude – durante os primeiros contatos com os movimentos socialistas – e os debates e a crise verificados na experiência da Nova Esquerda, Thompson comungou com o escritor socialista do século 19 uma espécie de “educação do desejo”.

Na família anti-imperialista, nas jornadas anti-fascistas – quando Thompson sofreu a perda de um irmão revolucionário –, nos anos de “reconstrução” da Iugoslávia, nas turmas de educação para adultos, na pesquisa e redação apaixonadas do livro sobre William Morris, na ruptura com o partido comunista em 1956 – quando elaborou a noção do “humanismo socialista” –, tanto quanto nos anos de formação da Nova Esquerda, é possível perceber, na própria vida de Thompson, elementos que definem seu pensamento como um saber engajado, voltado à reflexão dos problemas sociais contemporâneos. Daí a impossibilidade de se investigar noções como tradição e experiência de maneira desvinculada com a trajetória pessoal de E. P. Thompson.

Alguns dos traços peculiares do pensamento de Thompson surgem, desse modo, durante esses anos iniciais, até 1963, quando a publicação de *A Formação da Classe Operária Inglesa* oferece a Thompson uma projeção significativa, tornando-o uma referência central da historiografia social contemporânea.

O rompimento de Thompson com o “marxismo ortodoxo” figura, nesse sentido, como um processo decisivo em sua vida. Ao longo desse período em que nos detemos, seu principal objeto de crítica é o stalinismo, entendido por ele não apenas como uma política hegemônica no interior do movimento comunista, mas como uma verdadeira *cultura* dominante da esquerda. O stalinismo – é possível se definir a partir de seus escritos – não constitui apenas numa tendência limitadora do campo revolucionário. Mais que isso, o stalinismo passou a ser, para Thompson, após 1956, uma expressão, dentre outras, da própria ideologia burguesa.

Num período posterior – final dos anos 1960 e durante a década de 1970 – Thompson assumiu uma postura cada vez mais radical quanto à rejeição ao stalinismo. Por exemplo, em *An Open Letter to Leszek Kolakowsky*

(1973), rejeitou a caracterização que aquele intelectual polonês fazia do marxismo como uma *escola* de pensamento. Thompson preferia entender o marxismo como uma *tradição*, um conjunto de reflexões plurais derivadas, de alguma maneira, de uma matriz comum em Marx. Thompson reconhecia que aquela sua forma de pensar trazia, entre muitas vantagens, alguns prejuízos, principalmente por correr o perigo de ser, em demasia, aberta ao ecletismo. Mas mesmo assim, argumentava:

In choosing the term tradition I chose it with a sense of the meanings established for it within English literary criticism. You might prefer, as a philosopher, the term "school". But it is easier, to my mind, to think of a plurality of conflicting voices which, nevertheless, argue within a common tradition than to think of this plurality within a school.²⁹

A noção de tradição aparece aqui, portanto, numa tentativa de Thompson por pensar de modo menos esquemático o movimento comunista, ampliando a noção de marxismo para um sentido dotado de "vozes conflitivas", em clara alternativa ao entendimento stalinista que excluía como "revisionistas" ou "heterodoxas" as posturas e opiniões que escapavam ao controle direto do que era considerado um "marxismo ortodoxo"³⁰. Desse modo, pode-se pensar que ao preferir definir o marxismo como uma *tradição*, Thompson procurava constituir um entendimento acerca da corrente de pensamento a qual pertencia de modo não ideológico.

Por outro lado, também é importante compreender que o problema da tradição marxista, para Thompson, está relacionado com a própria experiência histórica e teórica daqueles anos. Quando publicou *A Miséria da Teoria* em 1978, Thompson voltaria ao mesmo problema desde um ponto de vista diferente, fazendo uma "autocrítica".

²⁹ E. Thompson. "An Open Letter to Leszek Kolakowsky" In: _____. *The Poverty of Theory and Others Essays*. London: Merlin, 1978, p. 326.

³⁰ Talvez seja esclarecedora a leitura de "O que é o marxismo ortodoxo" de Georg Lukács (publicado em *História e Consciência de Classe*, de 1922), onde o autor propõe se pensar a ortodoxia marxista como uma filiação à "questão do método": "O marxismo ortodoxo não significa, pois, uma adesão sem crítica aos resultados da pesquisa de Marx, não significa uma 'fé' numa ou noutra tese, nem a exegese de um livro 'sagrado'. A ortodoxia em matéria de marxismo refere-se, pelo contrário, e exclusivamente, ao método." (*História e Consciência de Classe*, p. 15.). E. P. Thompson rejeitava essa caracterização do marxismo como um "método", mas é preciso igualmente ressaltar a distância dos argumentos de Lukács diante dos manuais stalinistas, como aquele redigido pelo próprio Stalin: *Materialismo Dialético e Materialismo Histórico*.

Há cinco anos, em minha "Carta aberta a Leszek Kolakowsky", discuti vários significados dos marxismos contemporâneos e concluí com uma noção geral do marxismo como Tradição. Dentro dessa "tradição", vi uma imensa variedade de discursos e de subtradições incompatíveis; ainda assim, argumentei que (por menos confortável que essa coexistência possa ser) todos estavam unidos no sentido de empregar um vocabulário comum de conceitos, muitos dos quais oriundos de Marx e Engels. Sugerí que nos devíamos resignar à extenuante atividade de definir continuamente nossas posições dentro dessa "tradição"; e que a única alternativa era a de abandonarmos conjuntamente essa tradição – uma escolha que rejeitei. Preferi ficar com ela, mesmo que alguns de nós continuássemos apenas como "proscritos".

Mas, completava seu pensamento afirmando:

Vejo, agora, que foi uma resolução inadequada e evasiva. Politicamente, há muito se tornou impossível a coabitação das posições stalinista e anti-stalinista. Parece-se evidente, agora, ao examinar o althusserianismo – e minha crítica implícita de outros marxismos correlatos – que já não podemos atribuir nenhum significado teórico à noção de uma tradição comum. O fosso que se abriu não foi entre diferentes ênfases ao vocabulário de conceitos, entre esta analogia e aquela categoria, mas entre modos de pensar idealista e materialista, entre o marxismo como fechamento e como uma tradição, derivada de Marx, de investigação e crítica abertas. (...) Devo, portanto, declarar inequivocamente que já não posso falar de uma tradição marxista única, comum. Há *duas* tradições, cuja bifurcação e afastamento foram lentos e cuja declaração final de antagonismo irreconciliável foi retardada – como fato histórico – até 1956.³¹

Como se verá adiante, a noção de *tradições* e *subtradições* foi característica do pensamento de Thompson também em outros domínios do conhecimento, uma forma de se pensar o patrimônio cultural dotado de um elemento plural e conflitivo, e não simplesmente unívoco e linear.

Nesse capítulo em que trato do problema a partir das experiências pessoais de Thompson, a questão da tradição aparece sob uma forte conotação política. No entanto, deve-se considerar que, em Thompson, noções como a de política não se colocam de modo isolado ou exclusivo. Se é verdade que a relação com a tradição marxista foi decisiva para as reflexões de Thompson, por outro lado, não se deve esquecer que as experiências que acompanharam sua formação intelectual tocaram também em pontos diversos como o metodismo e liberalismo anti-imperialista dos pais, as questões

³¹ E. Thompson. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: Uma Crítica ao Pensamento de Althusser*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 208.

literárias e estéticas de William Morris, os processos pedagógicos vinculados à educação popular etc. A tradição, em Thompson, passa, assim, por uma complexa rede de experiências pessoais e sociais que parece ter encontrado naquele jovem intelectual uma singular sensibilidade quanto ao caráter relacional que ela comporta.

O rompimento com o "marxismo ortodoxo" foi, dessa maneira, para Thompson, uma ruptura que dizia respeito à valorização da noção de experiência. A história como um campo de experiências humanas em ação dinâmica figura, assim, no núcleo central do humanismo socialista apregoado por Thompson nesse período entre as décadas de 1950 e 1960. Tradição e experiência constituem noções características do seu entendimento acerca das lutas de classes. No capítulo seguinte, procuro mostrar como a produção intelectual da historiografia social inglesa figura um momento igualmente decisivo na constituição da reflexão de E. P. Thompson.

Capítulo 2

Thompson e a História Social Marxista Inglesa

Em sua *Open Letter to Leszek Kolakowsky*, publicada em 1973, em *Socialist Register*, Edward Thompson ofereceu um balanço de sua trajetória intelectual. Mobilizou os nomes de uma “honrosa tradição” de historiadores e não historiadores, que foram considerados como o campo seguro de um polemista.

To work as a Marxist historian in Britain means to work within a tradition founded by Marx; enriched by independent and complementary insights by William Morris; enlarged in recent times in specialist ways by such men and women as V. Gordon Childe, Maurice Dobb, Dona Torr and George Thompson, and to have as colleagues such scholars as Christopher Hill, Rodney Hilton, Eric Hobsbawn, V. G. Kiernan and (with others whom one might mention) the editors of his Register. I could find no possible cause for dishonour in claiming a place in this tradition.¹

Dessa tradição, Thompson compartilhou posturas e argumentos os mais relevantes.

Procurando refazer a trajetória de alguns representantes da *história social inglesa*, pontuando suas obras e valor historiográfico, este capítulo procura versar acerca das principais influências exercidas sobre E. P. Thompson durante as décadas de 1940 e 1950. Nas influências mais diretas de autores como Christopher Hill, Maurice Dobb, Eric Hobsbawn, Raymond Williams, Rodney Hilton, John Saville, Dorothy Thompson, entre muitos outros, estão localizadas algumas das principais matrizes das noções históricas mais recorrentes na obra de Thompson.

Nas linhas que seguem, abordarei o problema da emergência dessa tradição historiográfica em seu diálogo com os trabalhos de E. P. Thompson.

¹ E. Thompson. “An Open Letter to Leszek Kolakowski” (1973). In _____. *The Poverty of Theory and Other Essays*. London: Merlin, 1978, p. 333. Pelos editores de “*Register*”, o autor refere-se à John Saville e Ralph Milliband que editavam, em 1973, o periódico *Socialist Register*, onde Thompson publicou alguns de seus principais ensaios.

Trata-se de uma primeira aproximação, onde priorizarei temáticas, procedimentos metodológicos, influências teóricas ou perspectivas políticas que constituíram uma “estrutura de sentimentos” compartilhada².

2. 1. O Grupo de Historiadores do Partido Comunista e o Pioneirismo de Maurice Dobb

A maioria desses historiadores (Dobb, Hobsbawn, Hill, Rodney Hilton, Dorothy e Edward Thompson, George Rudé, Victor Kiernan, John Saville), com diferentes níveis de engajamento, pertenceu ao Grupo de Historiadores do Partido Comunista nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial. Outros, como Raymond Williams, merecem óbvias alusões aqui, pela forte influência que exerceram.

Autores que se depararam com a trajetória da história social britânica, como Eric Hobsbawn, Harvey Kaye e Bill Schwarz, convergem ao eleger Maurice Dobb como um pioneiro na formação desses historiadores³. Dobb, que teve um papel fundamental para a formação do Grupo de Historiadores do Partido Comunista (1945-1956), produziu análises históricas acerca da sociedade capitalista onde as lutas de classes ganharam relevância nas interpretações da história moderna e contemporânea. Edward Thompson teve em Maurice Dobb um importante predecessor e impulsionador teórico.

O livro *Studies in the Development of Capitalism*⁴ (1946) apresentou para toda uma geração as linhas de direcionamento de estudos e pesquisas.

² Sobre a noção de estrutura de sentimentos, ver R. Williams. *Marxismo e Literatura*, 1979. Cf. também: M. Cevasco. *Para Ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

³ Cf. H. Kaye. *The British Marxist Historians. An Introductory Analysis*. Cambridge: Polity Press, 1984; B. Schwarz. “‘The People’ in History: the Communist Party Historian’s Group” In: R. Johnson (org.) *Making Histories: Studies in History-Writing and Politics*. Minneapolis: University of Minnesota, 1982; E. Hobsbawn. “The Historian’s Group of the Communist Party” In: M. Cornforth (ed.) *Rebels and Their Causes: Essays in Honour of A. L. Morton*. London: Lawrence and Wishart, 1978.

⁴ Este livro foi publicado no Brasil sob o título de *A Evolução do Capitalismo*. A escolha do tradutor brasileiro traz, no entanto, um problema, precisamente pela presença do conceito “evolução”. O próprio autor afirmou: “meu livro prestou pouca atenção a trabalhos franceses e alemães (...) Posso apenas dizer que o fiz deliberadamente, e que

Eric Hobsbawn, referindo-se à importância dessa obra, declarou que havia sido "o maior trabalho histórico que nos influenciou crucialmente, formulando nosso principal e central problema"⁵. O "debate sobre a transição", que a obra fez nascer, durante anos hegemonizou o campo de interesses de historiadores, economistas e sociólogos marxistas. Seu alcance foi extenso e sua importância para a subsequente evolução da historiografia não pode ser desprezada.

Retomando a matriz teórica de Marx, Maurice Dobb sugeriu uma interpretação do desenvolvimento do capitalismo. Sua abordagem preocupou-se em retomar a longa transição que, da crise do feudalismo, deu surgimento à moderna sociedade capitalista. Os estudos históricos foram momentos fundamentais na elucidação dos problemas levantados por Maurice Dobb, que afirmava:

A análise econômica só faz sentido e pode dar frutos quando ligada a um estudo do desenvolvimento histórico, e o economista assoberbado pelos problemas atuais tem algumas perguntas próprias a fazer dos dados históricos.⁶

Maurice Dobb, economista por formação, teve como uma característica marcante em seus trabalhos a percepção e sensibilidade históricas. Havendo ingressado no Partido Comunista em 1922, tendo antes participado do *Independent Labour Party*, Dobb filiou-se à tradição marxista na época de sua formação acadêmica na Universidade de Cambridge. Antes de *Studies in the Development of Capitalism*, havia anteriormente publicado *Russian Development since 1917*, *On Marxism Today* e *Economic Growth and Underdevelopment Countries*, onde emergiram, em meio às análises de economia política, explicações históricas acerca do modo de produção capitalista. Harvey Kaye, analisando o ensaio de 1932, *On Marxism Today*, comenta nesse sentido:

meu livro se chamou *Studies in the Development of Capitalism* (Estudos sobre o desenvolvimento do capitalismo) para indicar seu caráter seletivo e parcial" (R. Hilton (org.). *A Transição do Feudalismo para o Capitalismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1972, p. 97). Não há dúvida que Maurice Dobb, ao frisar o "caráter seletivo e parcial" de *Studies* queria afastar as pretensões universalizantes que uma "evolução" sugere. Em razão disso, utilizarei sempre no corpo do texto o título original *Studies in the Development of Capitalism*, embora cite em rodapés a edição brasileira.

⁵ E. Hobsbawn. "The Communist Party Historian's Group" In: *Op. cit.*, p. 46.

⁶ M. Dobb. *A Evolução do Capitalismo*. Tradução: Manoel Rego Braga, 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 1.

In this still-relevant essay, Dobb makes it quite clear that he sees Marxism as historical materialism. He emphasizes that knowledge of history is only realizable by way of the study of historical experience. That is, it cannot be gained 'in introductory or in a priori logic'.⁷

Os problemas destacados por *Studies*, na década de quarenta, não eram inéditos. Adam Smith, Saint-Simon, Karl Marx, Max Weber e Emile Durkheim tinham já, sob diferentes perspectivas, sugerido interpretações originais sobre o surgimento e desenvolvimento do capitalismo. Sem dúvida, segundo Dobb, Marx foi, dentre todos, o mais importante.

Em *O Capital*, Marx afirmou o surgimento do capitalismo no momento da consolidação das relações de exploração articuladas pelo capital. Para Marx, essa origem destacava-se como propriamente histórica na medida em que emergira das transformações “revolucionárias” da sociedade feudal. A Europa capitalista superou as relações feudais em crise, onde o emprego de novas formas de trabalho, não mais “servis”, mas “livres”, caracterizaram uma nova sociedade⁸.

Declaradamente, Dobb opunha-se àquelas interpretações que viam no capitalismo um “espírito que inspira uma época” – como pensavam autores como Werner Sombart e Max Weber –, ou – segundo a tese dos “teóricos da modernização”, como Rostow – um “sistema de atividade econômica motivado pelo lucro”.

Tanto a concepção de Sombart do espírito capitalista quanto uma concepção de capitalismo como sendo propriamente um sistema *comercial* compartilham o defeito, em comum com as concepções que focalizam a atenção no fato de uma inversão lucrativa de dinheiro, de serem insuficientemente restritivas para confinar o termo a qualquer época da História, e de parecerem levar inexoravelmente à conclusão de que quase todos os períodos da História foram capitalistas, pelo menos em certo grau.⁹

Confronta-se, assim, a obra de Dobb com modos de interpretação bastante opostos. Averso às análises que sobre-valorizavam a esfera da circulação como o núcleo dinâmico das transformações histórico-econômicas, Dobb acreditava que eram nas *relações de produção concretas* – ao que ele

⁷ H. Kaye. *Op. cit.*, p. 27.

⁸ K. Marx. *O Capital: Crítica da Economia Política*, livro I. Tradução: Reginaldo Sant’Anna, 6 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989.

chamou “pequeno modo de produção” – que se encontrava a visão de Marx sobre a transição.

Por modo de produção, ele [Marx] não se referia apenas ao estado de técnica – a que chamou de estágio de desenvolvimento das forças produtivas – mas à maneira pela qual se definia a propriedade dos meios de produção e às relações sociais entre os homens, que resultavam de suas ligações com o processo de produção.¹⁰

O capitalismo como um modo de produção *historicamente determinado* era, assim, a definição mais importante ressaltada por Dobb. O materialismo histórico teria por tarefa expor o desenvolvimento do capitalismo através das crises das relações feudais, do crescimento econômico da classe capitalista, da formação das relações de assalariamento, do crescimento das cidades e do comércio, do redirecionamento do Estado para os interesses do lucro etc., processos que poderiam ser observados por meio de análise histórica direta.

No debate subsequente à publicação dos *Studies in the Development of Capitalism*, Maurice Dobb e Paul Sweezy antagonizaram artigos acerca destes problemas. Maurice Dobb sustentou, contra as críticas de Sweezy, a perspectiva de que a crise do feudalismo deveria ser analisada a partir das relações sociais do “pequeno modo de produção”, nos “termos das relações de produção características do feudalismo, a saber, as relações entre o produtor direto e seu suserano”¹¹, atribuindo sobre os “fatores internos” do modo de produção o “agente motor” do desenvolvimento capitalista.

Paul Sweezy avaliaria essa definição de feudalismo – “virtualmente idêntico com o que usualmente se entende por servidão” (Dobb) – como “demasiadamente genérico”. Sweezy procurava ressaltar as características do feudalismo como “um sistema de produção para o uso”, no qual os fatores internos ao modo de produção feudal assumiam uma configuração “necessariamente estável e estática”¹².

⁹ M. Dobb. *Op. cit.*, p. 8.

¹⁰ M. Dobb. *Op. cit.*, p. 7-8.

¹¹ M. Dobb. “Uma Réplica” In: R. Hilton (org.) *Op. cit.*, p. 58.

¹² P. Sweezy. “Uma Crítica” In: R. Hilton (org.) *Op. cit.*, p. 33-35.

Entre Sweezy e Dobb, como também Rodney Hilton, Kohachiro Takahashi, Christopher Hill, Georges Lefebvre, Giuliano Procacci, Eric Hobsbawm e John Merrington – para referir apenas àqueles mais diretamente envolvidos nos debates dos anos quarenta e cinquenta –, polarizaram-se tendências diversas de interpretação. A exposição dos *Studies* acerca da transição do feudalismo ao capitalismo proporcionou à historiografia marxista da época uma aproximação ao tratamento das lutas de classes como uma importante chave explicativa do processo histórico. A concentração da propriedade, a proletarianização dos trabalhadores, a desfeudalização do campo, cercamentos, industrialização, entre muitos outros temas, consolidaram-se com *Studies* como problemas históricos marcantes.

A importância de Maurice Dobb sobre os trabalhos posteriores de Thompson ressalta-se nesse sentido. Dobb, como Thompson, concebia na história um campo de relações de experiências sociais de lutas de classes. Sua recorrência na interpretação da crise da sociedade feudal e da emergência da capitalista priorizou a análise da agência humana com muito maior ênfase que Sweezy e seus defensores nas suas tentativas de ver esse processo como uma transformação colocada em nível de “sistema”. Assim, afirmava Dobb:

O fato de que ‘o sistema de produção’ sobre o qual Sweezy concentra sua atenção diz mais respeito à esfera de troca do que às relações de produção é revelado por uma omissão deveras surpreendente no seu estudo. Em parte alguma ele presta uma atenção mais do que superficial àquela que me parece ser a questão crucial: a transição da apropriação coercitiva do trabalho excedente pelos proprietários para o uso de trabalho assalariado livre deve ter dependido da oferta de trabalho barato (*i. e.*, de elementos proletários ou semiproletários).¹³

Considero aqui Maurice Dobb como uma expressão importante para a formação de um campo intelectual favorável, no qual Edward Thompson levaria posteriormente a conseqüências ulteriores algumas das teses presentes, mas não desenvolvidas, em *Studies*. Trata-se de uma interpretação inserida numa zona de conflito, uma vez que críticos divergem acerca da coexistência de trabalhos tão diferentes, como os de Thompson e Maurice Dobb, numa mesma tradição intelectual.

¹³ M. Dobb. “Uma Réplica” In: R. Hilton (org.). *Op. cit.*, p. 61.

Richard Johnson, nesse sentido, formulou com clareza sua objeção ao afirmar que:

The new history of the 1960s broke not only with orthodox Marxism and orthodox G. D. H. Cole-like 'labour history' but also with the younger historians' own mentors, Maurice Dobb in particular.

Johnson, caracterizando como "culturalista" a obra de Thompson, e ressaltando o peso que a teoria assumia nos trabalhos de Dobb, rejeitou a existência de uma continuidade ao se tratar de autores tão díspares. Dizia, considerando o papel divergente que a teoria assumia nas "duas" linhas de pensamento:

(...) theory is a moment in the historian's method – the moment of forming questions rather than testing them, a moment always provisional in status, always subject to the ultimate control of 'grand facts'.

Segundo sua interpretação, historiadores como Thompson, Eugene Genovese e outros considerados como pertencentes à história humanista socialista (*socialist-humanist history*) teriam uma concepção diversa sobre a teoria, uma "tendência anti-teórica" até.

We may say, then, that there is a necessary anti-theoretical tendency in culturalism, a tendency to prefer 'experience' to 'theory'.¹⁴

Por outro lado, Harvey Kaye sustentou a tese de uma continuidade de perspectiva na relação entre Thompson e Dobb.

Rather, I shall argue (...) that while there may have been a change in emphasis from the work of Dobb to the work of his younger colleagues, it is just that, a change not a break. Moreover, the continuity is not in their concern for economic relations but for class relations and struggles in their totality.¹⁵

Como se percebe pelos termos apresentados, esse debate – que, por sinal, envolveu outros historiadores com opiniões de matizes diferentes – remete-se para o centro mesmo dos problemas da experiência e da teoria na obra de E. P. Thompson. Nesse momento da exposição, não me preocupo em situar com muita precisão semelhante discussão, senão anunciar inicialmente os termos nos quais esta se deu, e destacar a importância que, na tradição da

¹⁴ R. Johnson. "Edward Thompson, Eugene Genovese, and Socialist-Humanist History" In: *History Workshop: a journal of socialist historians*, 6, 1978, p. 80 e 85.

historia social inglesa, Maurice Dobb teve para a escrita da história em Thompson.

2. 2. A História Social: Christopher Hill

No que diz respeito ao ambiente mais amplo dos historiadores marxistas ingleses durante os anos de formação de E. P. Thompson, não obstante o papel central exercido por Maurice Dobb, muitos outros influenciaram decisivamente. A organização dos historiadores do Partido Comunista constituiu-se a partir das discussões sobre uma nova edição do livro de A. L. Morton *A People's History of England* em 1945, cuja primeira edição datava do ano de 1938¹⁶. O próprio *Studies* de Dobb, no prefácio, rendia homenagens às contribuições de Rodney Hilton e Christopher Hill para o avanço da história medieval e moderna. John Saville, em 1954, com a assistência de George Thompson, Maurice Dobb e Christopher Hill, editou a coletânea de ensaios intitulada *Democracy and the Labour Movement*, produto de um intenso trabalho de elaboração. Trata-se de trabalhos seminais de uma época, com a participação de jovens intelectuais – os primeiros artigos de história social de E. P. Thompson são daí provenientes –, trazendo a público as novas interpretações que caracterizariam a história social britânica.

Dona Torr, militante fundadora do Partido Comunista da Grã-Bretanha em 1920 e editora de *O Capital* e outras obras de Marx e Engels na Inglaterra, destaca-se também como uma “poderosa influência”¹⁷ nos primeiros anos do Grupo de Historiadores do Partido Comunista. Na apresentação a *Democracy and the Labour Movement*, os editores referem-se a ela nos seguintes termos:

¹⁵ H. Kaye. *Op. cit.*, p. 21-22.

¹⁶ E. Hobsbawn. “The Historian's Group of the Communist Party” In: *Op. cit.*, p. 21.

¹⁷ Cf. H. Kaye. *Op. cit.*, especialmente o capítulo um, p. 12-14; B. Schwarz. “The People' in History: the Communist Party Historian's Group” In: R. Johnson (org.) *Op. cit.*

*She has taught us historical passion and shown how History was the sweat, blood, tears and triumphs of the common people, our people.*¹⁸

Caracteristicamente, os historiadores ingleses tiveram em comum a pretensão de constituir uma "história vista de baixo", como reação ao secular domínio de uma historiografia oficial e cultuadora dos grandes heróis. A consciência política anticapitalista levou-os a priorizar o resgate da história do "povo comum", das classes trabalhadoras, mulheres, etnias e nacionalidades oprimidas. Bill Schwarz, fazendo uma história do Grupo de Historiadores do Partido Comunista, que significativamente denominou *Historians and 'The People'*, estabelece:

*It has a familiar ring: the people are democratic and progressive, and history is leading to their liberation. 'History' is at once both the practice (in the sense of the people making history) and the theory of the popular. To take it to its extreme, the people need only hear their own history to be persuaded of the truth of socialism.*¹⁹

Assim, ao retornar à Inglaterra após a Segunda Guerra, Thompson concluiu seus estudos de história na universidade de Cambridge em meio a um ambiente intelectual favorável a mudanças no plano do conhecimento histórico.

Christopher Hill encontra-se entre aqueles que mais contribuíram para as concepções de Thompson. Em dedicatória de seu livro publicado em 1975, *Whigs and Hunters* (traduzido para o português como *Senhores e Caçadores*), Edward Thompson declarou que Christopher Hill formou mais historiadores do que muita faculdade já antiga de Oxford²⁰. Sem dúvida, considerava-se entre os que aprenderam com ele, particularmente no que diz respeito aos estudos sobre a história da Inglaterra do século XVII.

Christopher Hill é autor de pesquisas de grande relevância para a história do processo revolucionário inglês do século XVII. Sobre o tema, abordou ângulos diversos da história social, explorando da economia à política,

¹⁸ J. Saville (ed.) *Democracy and the Labour Movement* citado em B. Schwarz. "The People' in History: the Communist Party Historian's Group" In: R. Johnson (org.) *Op. cit.*, p. 68.

¹⁹ B. Schwarz. "The People' in History: the Communist Party Historian's Group" In: R. Johnson (org.) *Op. cit.*, p. 69.

²⁰ Na edição brasileira de *Whigs and Hunters* não foi publicada a dedicatória acima referida. Minha referência baseia-se na apresentação de Renato Janine Ribeiro ao livro de Hill: *O Mundo de Ponta-Cabeça: Idéias Radicais Durante a Revolução Inglesa de 1640*. Tradução: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

da história intelectual à biografia de importantes vultos como Oliver Cromwell e Gerard Winstanley, dos dissidentes políticos aos movimentos mais radicais da revolução, tecendo também análises de mitos, movimentos literários e tradições.

Dessa maneira, o trabalho que primeiro se destacou na trajetória pessoal de Christopher Hill foi o ensaio *A Revolução Inglesa de 1640*²¹, publicado no ano do tri-centenário daquele processo revolucionário. Como *Studies in the Development of Capitalism*, o ensaio de Hill ofereceu uma análise do papel das lutas dos diferentes setores das classes sociais envolvidas na Revolução. Assim observa a característica geral da Guerra Civil:

A Guerra Civil foi uma guerra de classe, em que o despotismo de Carlos I foi defendido por forças reacionárias da Igreja vigente e pelos proprietários de terras conservadores.²²

No outro lado do espectro revolucionário, Hill identificou o Parlamento composto pelos setores burgueses ascendentes, a *gentry*, a classe média, como os portadores das forças “progressivas”. No ensaio, essa classe média era caracterizada por “uma função histórica progressiva”, contrastando uma visão “meramente interesseira” das forças sociais.

Christopher Hill viu a necessidade de ressaltar o “conteúdo social” das disputas revolucionárias que, apesar de serem empreendidas num idioma eminentemente religioso, deveriam ser sempre pensados como portadores das tensões sociais de classes antagônicas.

Mas o fato de os homens falarem e escreverem utilizando uma linguagem religiosa, não deviam impedir-nos de compreender que existe um conteúdo social por traz do que, aparentemente, são idéias puramente teológicas.²³

Dessa forma, em C. Hill, o interesse de classe, mesmo não sendo um interesse meramente material, foi considerado como o fator crucial para o progresso da Revolução Inglesa do século XVII. Sua análise tem como elemento valoroso a capacidade de situar historicamente as lutas de classes,

²¹ C. Hill. *A Revolução Inglesa de 1640*. Tradução: Wanda Ramos, 3 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

²² Idem, p. 11.

²³ Idem, p. 22.

abrindo caminhos para um estudo mais acurado das experiências sociais – do que tanto o próprio Christopher Hill quanto Thompson posteriormente iriam se valer. É o que, por exemplo, sugerem algumas análises sobre os impactos de novas idéias e práticas sociais, como a que faz acerca da “idéia de lucro”, considerando os perigos do anacronismo:

no século XVII, a idéia de o lucro ser mais importante do que a vida humana – que agora nos é tão familiar que perdemos todo o sentido de indignação moral – era demasiado nova e chocante.²⁴

A *Revolução Inglesa de 1640* destaca-se igualmente pela presença do estudo dos setores subalternos mais radicais, como os *levellers* e *diggers*. Estes, que ousaram reivindicar conquistas sociais para as classes populares no momento da ascensão burguesa, foram vistos como os “representantes das idéias dos pequenos produtores” ou aqueles que “no seio da revolução burguesa (...) representaram ao máximo os interesses dos que não possuíam bens”²⁵. Hill demonstra compartilhar com o marxismo de sua época, ao analisar a função social “pequeno-burguesa” desses setores, estabelecendo uma explicação da derrota de seus projetos por não representarem uma classe “suficientemente homogênea para ser capaz de atingir seus objetivos”.

A cabal realização das tarefas democráticas, mesmo no caso de uma revolução burguesa, não é possível sem uma classe trabalhadora apta a levá-las a cabo.²⁶

Christopher Hill não rejeita moralmente a atuação desses setores no processo revolucionário inglês. Pelo contrário, finaliza aquele ensaio com um apelo significativo sobre a luta do *digger* Winstanley:

‘A liberdade’, acrescentou com amargura nascida da experiência mas também com orgulho e confiança, ‘a liberdade é o homem que virará o mundo às avessas, por isso não admira que tenha inimigos’. E, para Winstanley, liberdade não era um *slogan* de político barato: significava a viva luta de companheiros para construir uma sociedade baseada na propriedade comum, uma sociedade que as pessoas achassem digna de ser defendida com todas as suas forças, por ser a *sua* sociedade. ‘A verdadeira liberdade reside na comunhão de espírito e na comunhão dos tesouros terrestres’.²⁷

²⁴ Idem, p. 29.

²⁵ Idem, p. 86 e p. 92-93.

²⁶ Idem, p. 91-92.

²⁷ Idem, p. 110-111.

Detive-me no ensaio de 1940 por considerar que aqui se encontra um momento fundante na obra de Christopher Hill. Sem dúvida, a despeito das fortes mudanças que posteriormente os trabalhos de Hill sofreriam, *A Revolução Inglesa de 1640* oferece um quadro geral bem determinado do que ficou conhecido como o “século de Christopher Hill”, abordando os problemas mais detidamente analisados em estudos menos generalizadores.

Não há dúvida também que existe um contraste claro entre as perspectivas analíticas desse trabalho e as obras posteriores de E. P. Thompson, e isso deve ser ressaltado. Não obstante, as semelhanças e confluências de análise estão inequivocamente presentes. No que diz respeito à análise das lutas de classes, assim como em relação a Maurice Dobb, Christopher Hill foi pioneiro no marxismo inglês ao fazer uma história onde os “homens comuns” assumiam um papel fundamental no quadro social da época.

Em contraste com as concepções de Thompson, entretanto, o qualificativo “progressista”, ao explicar o papel da burguesia no processo revolucionário inglês, estava presente como elemento central nesse ensaio; o que caracterizou as concepções não só de Hill, mas de grande parte daquela geração de historiadores. Mas também, devemos observar o modo *como* Hill entende o caráter “progressivo”.

A palavra *progressivo*, tal como é utilizado neste ensaio, não implica necessariamente aprovação moral. Significa, simplesmente, que a tendência ou grupo social aqui descritos contribuíram para a expansão da riqueza da comunidade. A agricultura ‘progressiva’ (isto é, capitalista), dos séculos XVI e XVII conduziu à expropriação de inúmeros pequenos camponeses; a riqueza produzida pelos novos métodos concentrou-se nas mãos de um pequeno grupo de exploradores; a comunidade de aldeia foi destruída. Não obstante, produzia-se mais riqueza: a alternativa teria sido a estagnação econômica e o retrocesso.²⁸

Christopher Hill demonstra já aqui uma certa crítica à visão do progresso na história, mesmo que limitada, quando trata dos padrões da “alternativa” frente à “estagnação econômica e o retrocesso”. Em livros posteriores, como *O Mundo de Ponta-Cabeça* (1972) e *Experience of Defeat*

²⁸ Idem, p. 8-9.

(1984), o qualificativo "progressista" deixaria definitivamente de fazer parte das suas análises.

Dessa forma, os problemas históricos de *A Revolução Inglesa de 1640* seriam melhor desenvolvidos em outras pesquisas, como aquelas que levaram à publicação de *Economic Problems of the Church* (1956), *Puritanism and Revolution* (1958), *As Origens Intelectuais da Revolução Inglesa* (1965), *O Eleito de Deus* (1970) e *O Mundo de Ponta-Cabeça* (1972), considerando os livros mais significativos.

Enfim, outro grande motivo para analisar Christopher Hill, no entendimento da relação com a produção histórica de Thompson, está no fato de que foi um dos primeiros a lançar mão dos problemas referentes às tradições do povo comum inglês e a sua relação com as lutas sociais, tema tão caro à *Formação da Classe Operária Inglesa* e a outros estudos de Thompson.

The Norman Yoke, publicado pela primeira vez em 1956, em *Democracy and Labour Movement*, é uma referência significativa nesse sentido. Nesse ensaio, C. Hill recompôs o processo dos diferentes usos feitos durante a história moderna inglesa sobre o mito do Jugo Normando, essa conquista que, em 1066, os Anglo-Saxões sofreram e, subseqüentemente, marcaria a história da Inglaterra.

Christopher Hill recompôs a trajetória de apropriações que a teoria da Conquista Normanda teve ao longo dos séculos XVII-XIX, ressaltando os diferentes significados sociais ao longo da história nacional britânica. É significativa a confluência entre a abordagem de Christopher Hill do Jugo Normando, onde a tradição de dissidentes radicais ingleses reivindicava, sob diferentes matizes e experiências de classe, um retorno à liberdade concebida a partir de um "passado perdido", com aquela tradição ressaltada por Thompson do "inglês livre de nascimento". O próprio Thompson é quem ressalta, nesse sentido, que essa tradição remontava aos Debates de Putney, na década de 1650, sobre os quais os estudos de Hill revelam importantes aspectos.

Christopher Hill foi, desde a remota publicação de *A Revolução Inglesa de 1640*, um dos mais influentes historiadores da sua geração. No que diz respeito à nossa preocupação neste capítulo, qual seja, apresentar na historiografia social inglesa as matrizes do pensamento de Thompson, Hill destacou-se como um dos mais completos historiadores, demonstrando com seus estudos uma abordagem eminentemente social da história.

2. 3. A História Operária de Eric Hobsbawn

Indubitavelmente, no entanto, quem mais diretamente parece ter marcado as pesquisas de E. P. Thompson durante os anos de elaboração de *A Formação* foi Eric Hobsbawn. Jovem intelectual e ativo membro do Partido Comunista, Hobsbawn destacava-se na década de 1940 por suas pesquisas sobre movimento operário. Sua tese de doutoramento, defendida em 1950, havia sido um estudo sobre *Fabianismo e os Fabianos – 1884-1914*. Seus artigos desse período instigaram debates sobre problemas históricos como a relação do metodismo e a classe operária, o “padrão de vida” na Revolução Industrial, e a “aristocracia operária”.

Dois trabalhos de Hobsbawn devem ser destacados aqui: *Rebeldes Primitivos*, de 1957 e *Os Trabalhadores*, de 1963. Os ensaios que compõem essas obras retratam uma aproximação do campo temático comum entre Hobsbawn e Thompson. Em *Rebeldes Primitivos*, por exemplo, temos uma abordagem sobre os primórdios das lutas proletárias e camponesas européia, uma análise do banditismo social e dos movimentos milenaristas. Os *Trabalhadores*, por seu lado, reúne aqueles ensaios dos quais se valeu Thompson para a escritura de *William Morris: Romantic to revolutionary*, em 1955, e *A Formação da Classe Operária Inglesa*, onde os ensaios sobre Tom Paine, “Os destruidores de máquinas”, “O metodismo e a ameaça de revolução na Inglaterra”, “Hyndman e a FSD” e “Tradições trabalhistas” conformaram problemas históricos importantes.

Sobre *Rebeldes Primitivos*, importantes foram os motivos apontados pelo próprio autor, anos depois, ao explicar seu interesse pela temática dos “movimentos primitivos”. Hobsbawn, em entrevista à *Radical History Review*, ressaltou o contato com intelectuais comunistas italianos e com as obras de Gramsci como dois importantes estímulos para a publicação de *Rebeldes Primitivos*. Além disso, Hobsbawn falou do terceiro Congresso do Partido Comunista britânico e a desestalinização como acontecimentos que tornaram marcante o ano de 1956 para a esquerda comunista inglesa.

Aqui, Hobsbawn e Thompson conservam uma certa distância no campo das opiniões políticas acerca dos acontecimentos de 1956, distância que se demonstra igualmente presente ao observamos os estilos e concepções teóricas dos dois autores. Dessa forma, Hobsbawn avalia:

It's pretty clear that at the time I wrote Primitive Rebels I was also trying to rething the bases of revolutionary activity, rather than to accept uncritically what a lot of militant Communists had accepted in the past. You can read Primitive Rebels as an attempt to see whether we were right in believing in a strongly organized party. The answer is yes.²⁹

Para Thompson, como visto no capítulo anterior, o questionamento acerca da permanência nos quadros do Partido Comunista após os acontecimentos de 1956 levou-o a uma opinião diferente e contrária à de Hobsbawn. No entanto, quanto ao assunto que por ora abordo, mais importante é comparar o *conteúdo historiográfico*, onde se demonstraram divergentes suas visões sobre o caráter dos movimentos sociais não qualificáveis de “modernos”. Hobsbawn classifica como “primitivos” e “pré-políticos” os movimentos camponeses, milenaristas, de banditismo social, os rituais e a religiosidade operárias que explora em *Rebeldes Primitivos*. Seu olhar, por vezes, traça uma análise *evolucionista* da história, estabelecendo uma tipificação rígida do movimento operário – ressaltando as caracterizações de “primitivo” ou “maduro” – e ressalta os motivos da incapacidade daqueles “movimentos primitivos” chegarem a se constituir numa alternativa histórica para o sistema capitalista.

²⁹ E. Hobsbawn. “Interview” In: *Visions of History*. New York: Pantheon Books, s/d, p. 32-33.

Por outro lado, *Os Trabalhadores* oferece uma reconsideração ao sentido histórico atribuído por *Rebeldes Primitivos*. Os ensaios publicados em *Os Trabalhadores*, como fala Hobsbawn, “ficam fora dos limites da história cronológica direta ou narrativa dos movimentos trabalhistas. Isto foi iniciado” – avalia o autor referindo-se à tradição de estudos sobre a história do trabalho na Inglaterra – “com inteligência pelos Webbs e G. D. H. Cole, e na idade do ouro da história do trabalhismo inglês que começou cerca de quinze anos atrás, um certo número de estudiosos excelentes continuaram, ampliaram ou reviram o trabalho deles.”

Os Trabalhadores encontra-se na esteira dos trabalhos de Sidney e Beatrice Webb, da trilogia *The Village Labourer* (1911), *The Town Labourer* (1917), e *The Skilled Labourer* (1919) de John e Barbara Hammond, os grandes nomes da historiografia fabiana do movimento operário na Inglaterra. Harvey Kaye, nesse sentido, atenta para o compartilhamento da visão “pessimista” da Revolução Industrial inglesa entre os Hammond, Hobsbawn e Thompson³⁰.

Hobsbawn, em *Os Trabalhadores*, vem a desconstruir a visão que Thompson veio a classificar como “condescendente” da história do movimento operário. Para Hobsbawn, quando discute as práticas de quebra de máquinas entre os operários ingleses entre os séculos 18 e 19,

em grande parte das discussões sobre a quebra de máquinas ainda se pode detectar a presunção dos apologistas econômicos da classe média do século dezenove, de que se devia ensinar aos operários a não baterem com a cabeça contra a verdade econômica, por mais intragável que ela fosse; dos Fabianos e Liberais, de que os métodos com emprego da força na ação trabalhista são menos eficazes do que as negociações pacíficas; de ambos, de que o início do movimento trabalhista não sabia o que estava fazendo, mais simplesmente agiam, cegamente e às apalpadelas, à pressão da miséria, como os animais no laboratório reagem às correntes elétricas.³¹

Hobsbawn, como um dos mais ativos e influentes historiadores da geração de Thompson, adquire ainda relevância por seu livro *A Era das Revoluções* (1963), que exerceu grande impacto na década de 1960 por, num

³⁰ H. Kaye. *Op. cit.*, p. 136-7.

³¹ E. Hobsbawn. *Os Trabalhadores*. São Paulo: Paz e Terra, 1981, p. 17-18.

esforço de síntese, apresentar uma visão materialista histórica sobre “a grande revolução européia” que se inaugurou em 1789, com a queda da Bastilha na França, e teve seu final nos movimentos revolucionários de 1848, que atingiram diversas nações do continente. Em nota bibliográfica à *Formação*, Thompson indicou essa obra como aquela que poderia oferecer “um quadro mais amplo” da história do período³².

Como já demonstrado nas páginas acima, os historiadores sociais ingleses mais próximos a E. P. Thompson empreenderam o esforço por resgatar *tradições* passadas de um povo militante e ativo, navegando na contra corrente da historiografia oficial inglesa que ressaltava a deferência e passividade do povo comum, combinando essa representação do popular ao mito de uma sociedade consensual ou mesmo, quando se trata do século 18, “uma sociedade de uma só classe”. Renato Janine Ribeiro, sobre isso, por exemplo, afirmou:

Se nós, brasileiros, devemos continuamente lidar com o mito do povo bom, cordial, submisso, os ingleses têm um mito parecido, talvez ainda mais forte em sua cultura: o da sociedade na qual as mudanças se fazem de maneira consensual, na qual a gentileza (termo que remete à pequena nobreza, à *gentry*) prevalece sobre os conflitos, e estes não desandam em confronto.³³

Assim, entre os historiadores marxistas ingleses, durante os anos posteriores a Segunda Guerra, é perceptível uma preferência por tematizar aqueles momentos da história onde as lutas de classes assumiam feições mais *articuladas*, onde os confrontos haviam sido mais radicais e traumáticos (a Revolução Inglesa do século 17 e as lutas operárias durante a Revolução Industrial como seus grandes exemplos). Como ressaltou Harvey Kaye, os trabalhos de Hobsbawn representavam com clareza essa tendência, procurando sempre a análise de uma classe operária no seu “sentido completo” (*full sense*).

Edward Thompson, por outro lado, foi um dos primeiros que objetaram essa tendência. Seus trabalhos, principalmente aqueles desde *A Formação da Classe Operária Inglesa*, procuraram “derrubar as muralhas

³² E. Thompson. *The Making of English Working Class*. London: Penguin, 1968, p. 944.

³³ R. Ribeiro. “Apresentação” In: C. Hill. *O Mundo de Ponta-Cabeça*, p. 11.

chinesas que separam o século 18 do 19, e se interpõem entre a história da agitação operária e a história cultural e intelectual do resto da nação”³⁴. Quanto a esse aspecto em particular da obra de Thompson, é fundamental atentarmos para as influências exercidas por George Rudé.

2. 4. A História das Multidões: George Rudé

George Rudé caracteriza-se como aquela exceção de que falou certa vez Hobsbawn ao comentar as preferências temáticas dos historiadores marxistas de sua geração. Nas palavras de Hobsbawn:

*The other theme which seems to have preoccupied the section was that of the development of the modern state apparatus, both central (1950) and local. As for the no-man's land between the Group's two most flourishing sections, we simply had nobody who knew much about it, until George Rudé, a lone explorer, ventured into the period of John Wilkes. (He may have taken the initiative in getting us to organize our only conference on eighteenth-century Britain).*³⁵

Mais particularmente, George Rudé foi um historiador que se preocupou em estabelecer a “identidade das multidões”, procurando resgatar o sentido que os termos de Asa Briggs sugerem, ao ver como tarefa da história social localizar os “rostos na multidão”. Em estudos como *The Crowd in the French Revolution* (1959), *Wilkes and Liberty* e *A Multidão na História* (1964), Rudé constituiu uma visão sobre as ações das multidões confrontando-se à tradição conservadora representada por Edmund Burke, que qualificava de “multidão porca” os agentes populares, ou por Hippolyte Taine, quando descrevia como “fezes da sociedade”, “bandidos”, “larápios”, “selvagens”, “pobres” e “prostitutas” os participantes das “turbas”. Contra essa visão “a partir de cima” da tradição conservadora – característica compartilhada também pela visão mais “democrática” de republicanos como Jules Michelet –, Rudé chamou atenção para os perigos de se projetar sobre os atores sociais da história das multidões aspirações políticas, fantasias e medos estranhos

³⁴ E. Thompson. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, vol. 1. Tradução Denise Bottmann, 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 111.

³⁵ E. Hobsbawn. “The Historians' Group of the Communist Party” In: *Op. cit.*, p. 37.

aos atores sociais, negligenciando questões históricas básicas dos movimentos populares.

Cela est vrai tant pour les monarchistes constitutionnels comme Mignet et Thiers pendant les années 1820, pour ceux qui, comme Michelet et Louis Blanc, s'inspiraient des événements de 1848, que pour un libéral contrarié comme Taine dans les années 1870, et même, quoique de façon moins évidente, pour un radical de la III^e République comme Aulard. Malgré des attitudes profondément différentes à l'égard de la tradition révolutionnaire, malgré l'hostilité ou la révérence pour les chefs et les victimes de la grande révolution, tous ces auteurs sont enclins à voir "d'en haut" les événements et les participants, à les voir du point de vue de la salle de réunion du Comité de salut public, de la tribune de l'Assemblée nationale ou du Club des Jacobins, ou des colonnes de la presse révolutionnaire.³⁶

George Rudé, desse modo, destaca, naqueles movimentos populares como os motins de *taxation populaire* na França e Inglaterra, "Wilkes e Liberdade", motins Gordon, as ações de multidão na Revolução Francesa, o luddismo, o cartismo e muitos outros, a composição social de seus agentes. Com questões históricas básicas, como "o que?", "quem?", "como?" e "por que?", referentes às multidões, o historiador marxista valorizou suas pesquisas, na intenção de demonstrar interesses e aspirações próprios dos que, em determinados momentos históricos, viram na subversão da ordem o caminho da mudança e transformação social.

Na visão de Rudé, o estudo das multidões constituiu-se em importante instrumento de compreensão de *padrões históricos das lutas de classe* durante a era "pré-industrial". O comportamento popular assumiu, com a industrialização, novos padrões, definidos tanto pelas rupturas quanto pelas continuidades com a fase histórica anterior. Assim, dizia Rudé,

Na sociedade industrial, as perturbações mais suscetíveis de significação histórica tomam a forma de greves e outras disputas trabalhistas, ou de reuniões públicas de massa e manifestações conduzidas por organizações políticas. Seus objetivos tendem (embora nem sempre) a ser bem definidos, voltados para a frente e bastante racionais, mesmo se apenas aceitáveis, à primeira vista, a um dos lados da disputa. E os participantes tendem, exceto em comunidades camponesas distintas, a ser trabalhadores assalariados e industriais. Da mesma forma, a era "pré-industrial" tem um tipo

³⁶ G. Rudé. *La Foule dans la Révolution Française*. Tradução: Albert Jordan. Paris: François Marpero, 1982, p. 17.

próprio de agitação, cujos objetivos, comportamento, formas de ação e participantes são, mais ou menos, peculiares à época.³⁷

Os trabalhos de George Rudé demarcam, portanto, um momento importante da historiografia social britânica, por lançar luzes sobre uma fase histórica então pouco explorada pelos pesquisadores. Se levarmos em consideração a primeira parte de *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Rudé ocupa uma privilegiada dimensão na obra de E. P. Thompson. Retomando padrões e comportamentos de uma tradição popular “pré-industrial”, muitas vezes tomando os mesmos aspectos abordados por Rudé, Thompson entendia como necessário destruir a “muralha chinesa” que separava o século 18 do 19, isto é, buscava relativizar as conclusões dos que viam comumente no surgimento da moderna classe operária industrial uma ruptura completa com os antigos modos de luta e vida. Além disso, como Thompson, Rudé explicitava que as conclusões do historiador, ao questionar as fontes históricas, assumiam sempre características muito mais “experimentais e não definitivas”³⁸. No que diz respeito à visão a partir “de baixo” da história, Rudé foi, desse modo, um momento fundamental na emergência da nova historiografia social.

2. 5. A Tradição Cultural: Raymond Williams

Por fim, devo falar sobre a importância dos chamados “estudos culturais” (*cultural studies*) que na Inglaterra desse período tiveram em *The Uses of Literacy*, de Richard Hoggart, e em *Cultura e Sociedade* (1958) e em *The Long Revolution* (1960), de Raymond Williams, as obras de maior expressão. Entre estes, Raymond Williams foi quem mais destacadamente figurou como referência pessoal e intelectual para Edward Thompson.

³⁷ G. Rudé. *A Multidão na História: Estudos dos Movimentos Populares na França e na Inglaterra*. Rio de Janeiro: Campus, 1991, p. 3.

³⁸ Idem, p. 214.

Referindo-se, certa vez, à presença de Williams na *New Left*, Thompson considerou: "ele é nosso melhor homem"³⁹.

Tendo sido um eminente pesquisador da literatura nacional britânica e um qualificado crítico dos meios de comunicação desde os anos 1940, na Universidade de Cambridge, bem como editor de *Politics and Letters* e *Universities and Left Review*, Raymond Williams, em 1958, com *Cultura e Sociedade*, deu início a uma bastante peculiar análise acerca do surgimento, na cultura nacional britânica, da *grande tradição* de escritores que, com a ascensão do industrialismo capitalista, passaram a encarar o novo sistema fabril e a presença da classe operária. Considerando certas palavras recorrentes nessa tradição, como *indústria, democracia, classe, arte e cultura*, Williams escrevia:

Certas palavras, a que se dá importância capital no inglês comum de nossos dias, incorporaram-se a esse idioma nas últimas décadas do século dezoito e na primeira metade do século dezenove ou, a partir dessa época, adquiririam sentidos novos e importantes. É visível, em verdade, um padrão geral de mudança no uso dessas palavras e dele podemos valer-nos como de um especial sistema de referência, para reexaminar as modificações mais amplas de vida e de pensamento a que, evidentemente, correspondem as alterações de linguagem.⁴⁰

Sendo assim, *Cultura e Sociedade* ofereceu para a geração de Thompson uma importante análise marxista da cultura nacional britânica – particularmente a literária –, em que o antigo reducionismo "materialista" do marxismo ortodoxo tendeu a ser superado por uma visão mais "cultural" da realidade. Para Raymond Williams, tratava-se de oferecer uma abordagem mais relacional da cultura, abordagem que se via comprometida pela forma hegemônica do tratamento dado à cultura nos meios intelectuais de esquerda na Inglaterra. Confrontando-se à idéia de que a cultura constituía uma instância superestrutural da sociedade, Williams argumentava a favor de um conceito de cultura que servisse ao entendimento do papel ativo que as idéias possuíam na determinação da história social.

³⁹ E. Thompson. "The Long Revolution I" In: *New Left Review*, nº 9, 1961, p. 24.

⁴⁰ R. Williams. *Cultura e Sociedade 1780-1950*. Tradução: Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1969, p. 15.

The Long Revolution, publicado em 1960, veio aprofundar alguns aspectos levantados antes em *Cultura e Sociedade*. Nesse momento, Thompson, nos números 9 e 10 de *New Left Review*, em 1961, publicou dois artigos críticos sobre o livro de Raymond Williams, de onde podemos perceber em que termos se deram algumas aproximações de abordagem entre ambos os intelectuais. Naqueles artigos, Thompson avaliava sobre Raymond Williams o seguinte:

This is to say that his work is very important indeed, and that – so far as we can speak of a New Left – he is our best man. But, paradoxically, his influence as a socialist critic has been accompanied by – and has, to a certain degree, been the consequence of – his own partial disengagement from the socialist intellectual tradition.⁴¹

Edward Thompson, assim, relativizou o valor das idéias de Raymond Williams, considerando a ausência de uma noção de cultura marcada pelo *conflito social*, noção que Thompson entendia vinculada à “tradição intelectual socialista” a qual Williams não pertenceu completamente. Para Thompson, quando Raymond Williams falava da “Tradição” apresentava uma visão que tendia a estabelecer uma relação de *continuidade entre escritos e escritores* muito diversos. Tendeu a considerar essa Tradição como uma tradição nacional, na forma de um modelo, não estabelecendo as nuances de classe nela presente. Assim, questiona Thompson:

I am very doubtful as to whether The Tradition is a helpful notion at all; indeed, I am of the opinion that there is not one but two major traditions under review in Culture and Society, with sub-traditions within both, and that the extraordinarily fine local criticism from which this book is made up becomes blurred just at those points where this notion of The Tradition obtrudes.⁴²

Criticando as pretensões da “história cultural” que fazia Williams, como a história de “todo um sistema de vida”, Thompson contrapunha a idéia de “todo um sistema de luta”.

Cada teoría de la cultura debe incluir el concepto de la interacción dialéctica entre cultura y algo que no es cultura. Debemos suponer

⁴¹

⁴² E. Thompson. “The Long Revolution I” In: *New Left Review*, nº 9, 1961, p. 24-25.

que la materia prima de la experiencia vital está en uno de los polos y todas las disciplinas y sistemas humanos e infinitamente complejos, perspicuos y no perspicuos, formalizados en instituciones o dispersos de las maneras menos formales, que "manejan", transmiten o tergiversan esta materia prima están en lo otro. Es el proceso activo – que es al mismo tiempo el proceso a través del cual los hombres hacen su historia – en lo que estoy insistiendo.⁴³

Dessa forma, a análise que Thompson fez das idéias de Raymond Williams foi importante para a conformação de sua concepção acerca da relação que as lutas sociais exercem sobre a cultura em uma determinada sociedade. Na crítica elaborada por Thompson, "não há nem bons nem maus homens na história de Mr. Williams, só dominantes e subordinadas 'estruturas de sentimentos'". Ressaltava, assim, um caráter muito mais complexo da esfera cultural, considerando as diversas tensões que marcam a experiência social.

A tradição dos marxistas ingleses conformou, assim, para Thompson, um patrimônio intelectual decisivo. Ao lado de Marx, Morris, William Blake, Antônio Gramsci, Christopher Caldwell, Vico e Swift – que recorrentemente são referidos nas suas obras como grandes inspiradores –, a geração de marxistas ingleses visitada neste capítulo constitui a matriz do pensamento de Edward Thompson.

Em todos os principais estudos elaborados nesse período, encontra-se presente uma "estrutura de sentimentos" comum, na qual as noções de tradição e experiência emergem como problemáticas importantes. No capítulo seguinte, vê-se como em *A Formação da Classe Operária Inglesa* os principais elementos intelectuais da história social inglesa estiveram presentes na estruturação de uma narrativa e reflexão históricas bastante peculiares.

⁴³ E. Thompson, "Política de la teoría" In: R. Samuel (ed.). *Historia Popular y Teoría Socialista*. Tradução: Jordi Beltran, 2 ed. Barcelona: Ed. Crítica, 1984, p. 304.

Capítulo 3

Tradição e Experiência em *A Formação da Classe Operária Inglesa*

Na anteriormente comentada entrevista concedida a *Radical History Review*, em 1976, falando sobre *A Formação da Classe Operária Inglesa*, E. P. Thompson dizia:

Acepté escribir MEWC porque estaba mal económicamente y un editor quería un libro de texto sobre la clase obrera inglesa de 1832 a 1945. Yo le sugerí que podía ser de 1790 a 1945 y MEWC es el primer capítulo. Se repite la historia de Morris. El material me cautivó. No lo planeé así desde el principio. No significa esto que no hubiera, al escribirlo, una gran cantidad de planificación consciente. Pero lo cierto es que, otra vez, el material me dominó, mucho más de lo que yo hubiera creído.¹

Como resultado desse esforço de escrita “não muito planejado”, Thompson publicou em 1963 uma volumosa obra que tratava da história dos primórdios da classe operária na Inglaterra. O trabalho de dar continuidade ao projeto original – de fazer a história da classe operária até 1945 – não veio a render frutos. Até o fim de sua vida, Thompson voltou suas investigações históricas cada vez mais para o século 18. Nem por isso, *A Formação da Classe Operária Inglesa* deixou de ser uma obra de fundamental importância. Pelo contrário, já nos primeiros anos após sua primeira edição, essa obra tornou-se um dos maiores referenciais para a história social contemporânea. Stuart Hall, por exemplo, afirmava em 1980:

Su libro La formación histórica de la clase obrera pasó rápidamente – y justificadamente – a ser un clásico, e inauguró una nueva fase de la

¹ E. Thompson. “Una entrevista con E. P. Thompson” In: *Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase*. Tradução: Eva Rodríguez, 3 ed. Barcelona: Ed. Crítica, 1989, p. 307. “MEWC” são as iniciais de *The Making of the English Working Class*, título original de *A Formação da Classe Operária Inglesa*.

*historia social, proporcionando una fuente de inspiración política muy alejada de los historiadores profesionales.*²

Sendo assim, os debates que marcaram a recepção de *A Formação da Classe Operária Inglesa* apresentaram, entre críticos e entusiastas, aspectos teóricos e ideológicos de grande importância para o entendimento de um amplo quadro da cultura histórica durante os anos 1960³.

É momento, assim, de fazer algumas incursões nessa obra de E. P. Thompson a fim de, através de um exercício de análise crítica sobre *A Formação da Classe Operária Inglesa*, localizar alguns dos principais aspectos considerados pelos historiadores sociais na época. Interessa, nesse sentido, particularmente a primeira parte do livro – *A Árvore da Liberdade* –, onde Thompson explora a temática das tradições nacionais do povo britânico. Faz-se necessário, assim, encontrar nesta obra sua organização narrativa, a coerência de uma “planificação consciente” por parte de Thompson, nem sempre explicitada ou admitida⁴.

² S. Hall, “En defensa de la teoría”. In: R. Samuel (ed.). *Historia Popular y Teoría Socialista*. Tradução: Jordi Beltran, 2 ed. Barcelona: Ed. Crítica, 1984, p. 277. A recepção de *A Formação da Classe Operária Inglesa* em outros países são analisados em C. Batalha. “A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetória e Tendências” In: FREITAS, M. (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 145-158; J. Barreiro. “E. P. Thompson e a Historiografia Brasileira: Revisões Críticas e Projeções” In: *Projeto História*, 12, 1995; R. Chandavakar. “The Making of the English Working Class: E. P. Thompson and Indian History” In: *History Workshop Review*, 43, 1997; F. Cooper. “Work, Class and Empire: An African Historian's Retrospective on E. P. Thompson” In: *Social History*, vol. 20, 2, 1995.

³ Cf. F. Donnelly. “Ideology and Early English Working-Class History: Edward Thompson and his Critics” In: *Social History*, vol. 1, 2, 1985; P. Anderson. *Arguments Within English Marxism*. London: New Left Books, 1960; R. Johnson. “Edward Thompson, Eugene Genovese, and Socialist-Humanist History” In: *History Workshop Review*, 6, 1978; S. Clark. “Socialist Humanism and the Critique of Economism” In: *History Workshop Review*, 8, 1979.

⁴ Em entrevista recente, Keith Thomas considera: “Admiro um monte de livros e gostaria de ter escrito (na sua época, evidentemente, e não agora): *A Sociedade Feudal*, de Marc Bloch, e, por razões diferentes, *A Religião e o Surgimento do Capitalismo*, de Tawney. Admiro também *The Making of the English Working Class*, de E. P. Thompson, apesar de achá-lo muito desestruturado.” K. Thomas. “Entrevista” In: M. Pallares-Burke. *As Muitas Faces da História: Nove Entrevistas*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 150.

3. 1. O Fazer-se da Classe Operária

A Formação da Classe Operária Inglesa é um livro muito peculiar, a começar pelo seu título, que Thompson considerava “um tanto desajeitado, mas adequado ao seu propósito”. A tradução para o português não conservou o sentido do título original *The Making of the English Working Class*. A rigor, a melhor forma de expressá-lo em português seria traduzi-lo por “O Fazer-se da Classe Operária Inglesa”⁵. Na tradução espanhola, tentaram oferecer um título mais fiel através dos termos *La Formación Histórica de la Clase Obrera*, mas mesmo assim, permaneceu uma tentativa muito aquém do sentido original do título em inglês. A opção de Thompson pela palavra *making*, de acordo com o que ele próprio afirmara, possui razões bastante importantes para a compreensão de toda a obra, sugerindo que o entendimento do processo de formação da classe operária na Inglaterra deveria derivar da análise de um processo social eminentemente *ativo*, localizado nas práticas sociais dos sujeitos históricos (os trabalhadores ingleses) que construíram no período todo um novo conjunto de relações sociais a partir de suas próprias experiências.

As principais concepções acerca dessa visão da formação da classe operária – concepções que guardam hoje na historiografia uma grande atualidade, inclusive para preocupações que escapam às temáticas específicas do livro de Thompson –, estão expressas mais claramente no prefácio de *A Formação da Classe Operária Inglesa*, onde Thompson escreve:

Fazer-se, porque é um estudo sobre um processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos. A classe operária não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente no seu próprio fazer-se. (p. 9)

⁵ Denise Bottmann, tradutora de *The Making of the English Working Class* para o Brasil, considerando esses aspectos, afirma: “Por várias razões, optou-se pelo título brasileiro *A Formação da Classe Operária Inglesa*. No entanto, a palavra ‘formação’ perde em muito o conteúdo subjetivo e processual de ‘making’: ao substantivar o gerúndio de *to make*, o autor pretende, efetiva e conscientemente, ressaltar esse movimento de ‘autofazer-se’ das classes sociais ao longo da história”. Cf. E. Thompson. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, vol. 1. Tradução: Denise Bottmann, 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 9. Pelo motivo de, por muitas vezes, neste capítulo, ter de citar *A Formação da Classe Operária Inglesa*, convencionarei fazer referência à página sempre após as citações, entre parênteses.

E. P. Thompson, nesse prefácio, localizou que era “na matéria-prima da experiência” e na “consciência” que a classe operária fazia-se compreensível como um *fenômeno histórico*. Ao ressaltar esse aspecto, Thompson contrapunha-se à representação da classe social como uma “estrutura” ou como uma “categoria”. Dessa maneira, destacava-se a compreensão do processo histórico estudado por Thompson como “algo fluido”, que escapa aos exemplos “puros” oferecidos pelas “mais finas redes sociológicas”.

A relação precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais. Além disso, não podemos ter duas classes distintas, cada qual com um ser independente, colocando-as a seguir *em relação* recíproca. Não podemos ter amor sem amantes, nem submissão sem senhores rurais e camponeses. (p. 10)

Ora, ao ressaltar noções como as de ação (*agency*), experiência e relações sociais, Thompson termina por apresentar algumas perspectivas para se repensar o próprio conceito de classe social, em nome de um conceito mais vinculado aos fenômenos históricos, das “pessoas e contextos reais”. Em certo momento do texto, Thompson afirma que “a classe acontece...”, e isso é significativo porque chama a atenção dos que estudam a classe para as lógicas de funcionamento dos grupos sociais atuantes, lógicas que escapam aos esquemas rígidos de interpretação difundidos naqueles anos de 1960 entre cientistas sociais e historiadores. Além disso, Thompson demonstra que, quando se fala em *lógicas* de grupos sociais que vivem experiências parecidas, isso não estabelece necessariamente uma *lei* (p. 10).

Na atmosfera intelectual européia na qual Thompson vivia, quando da publicação de seu livro, eram outras as preocupações quanto ao tratamento dado aos processos históricos e às classes sociais. Nesse prefácio, é expressiva a contraposição às noções *reificadas* dos fenômenos históricos; e Thompson acusava: “Existe atualmente uma tentação generalizada em se supor que a classe é uma coisa.” (p. 10) Em grande parte, esse erro era cometido por estudos marxistas (de um “marxismo” de vinculação política substitucionista), preocupados em definir as classes sociais como dotadas de uma existência real, mas de uma “realidade” representada de modo tal que se fizesse possível se deduzir dessa “realidade” uma consciência de classe *ideal*.

Há uma superestrutura cultural, por onde esse reconhecimento desponta sob formas ineficazes. Essas “defasagens” e distorções culturais constituem um incômodo, de modo que é mais fácil passar para alguma teoria substitutiva: o partido, a seita ou o teórico que desvenda a consciência de classe, não como ela é, mas como deveria ser. (p. 10)

As noções de “classe” e de “consciência de classe” estão, dessa maneira, vinculadas às observações das experiências dos grupos e indivíduos que compõem a classe muito mais do que com o tratamento “teoricisante” sobre as categorias e estruturas que essas experiências conformam. Mas Thompson também alerta para o fato de que esse amontoado de experiências só se torna compreensível na medida em que esteja disposto num “período adequado”, o que possibilita perceber “padrões em suas relações, suas idéias e instituições” (p. 12).

A Formação da Classe Operária Inglesa foi elaborado, assim, a partir de concepções históricas definidas em contraposição a determinadas “ortodoxias predominantes” contra as quais Thompson sugere, com seu livro, um novo olhar. Ao selecionar seus temas, Thompson procurou fugir àqueles modelos cunhados pela historiografia contemporânea profundamente marcada por uma visão da classe como “vítima passiva do *laissez-faire*”, passividade da qual somente alguns líderes e organizadores com visão de mais longo alcance poderiam escapar (é o caso da “ortodoxia fabiana”); ou (para a “ortodoxia dos historiadores econômicos empíricos”) uma visão da classe como “força de trabalho, migrantes ou dados de séries estatísticas”; ou também a visão própria às concepções históricas que estudavam a classe social “em busca dos pioneiros precursores do Estado do Bem-Estar Social, progenitores de uma Comunidade Socialista ou (mais recentemente) precoces exemplares de relações industriais racionais” (e Thompson chama essa de “ortodoxia do *Progresso do Peregrino*”, alusão ao título de um livro de grande influência no meio religioso das seitas dissidentes do século 18 na Inglaterra) (p. 12-13).

Ora, essas “ortodoxias” (além da grande importância que tiveram para o conhecimento histórico) foram responsáveis por profundas distorções na compreensão das experiências da classe operária, ou quando obscureciam a atuação e o grau de influência dos esforços conscientes dos trabalhadores, ou quando elegiam apenas os projetos históricos vencedores como dignos do

conhecimento. E Thompson diz: “os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores são esquecidos”.

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser, condenados em vida, vítimas acidentais. (p. 13)

Thompson, ao expor as razões que o nortearam na escrita de *A Formação da Classe Operária Inglesa*, faz no prefácio uma série de considerações bastante pertinentes para o quadro intelectual no qual vivia não apenas a historiografia, mas o conjunto de concepções que envolviam os projetos de transformação social. No enfoque de sua narrativa (que descreve artesãos e trabalhadores rurais, metodistas e luddistas, Tom Paine e William Cobbett, a disciplina fabril e a reação política), Thompson demonstra ter uma forte desconfiança no progresso e um interesse pelas experiências multifacetadas da classe.

3. 2. A Estrutura Narrativa de *A Formação da Classe Operária Inglesa*

“Este é antes um conjunto de estudos sobre temas correlatos do que uma narrativa seqüenciada.” (p. 12) Na primeira parte de *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Thompson tratou das influências subjetivas presentes nas tradições populares, de experiências religiosas, da vida das “maiorias inarticuladas”; da idéia do “inglês livre de nascimento” e da luta do radicalismo inglês que, durante os anos de guerra contra a França, encontrou uma conjuntura de reação, perseguição, prisões, espionagens, fechamento político.

Na segunda parte (*A Maldição de Adão*), Thompson passa às experiências de exploração no mundo do trabalho. Desconfirma o que os historiadores econômicos diziam demonstrar ser um aumento no padrão de

vida da classe operária, apontando para o trágico modo de vida de artesãos, tecelões e trabalhadores rurais durante a Revolução Industrial. Thompson pretendeu "avaliar o caráter da nova disciplina industrial do trabalho" e estudou as influências do metodismo quanto a esse processo verificado de disciplinarização. Também se preocupou em tratar dos problemas de habitação, da situação das mulheres, dos irlandeses e estudou rituais comunitários.

E em *A Força dos Trabalhadores*, terceira parte, Thompson resgatou a história do radicalismo popular e do movimento operário que, em torno do ano de 1832, provocaram na Inglaterra uma situação quase insurrecional. Thompson estudou a atuação dos luddistas, recompondo os laços que os quebradores de máquinas moldaram nas lutas sindicais. No capítulo *Demagogos e Mártires*, acompanhou a atuação dos líderes operários, das organizações, e descreveu os protestos de Peterloo. O livro termina abordando a consciência de classe através da cultura radical, suas idéias expressas num jornalismo de novo estilo, e observando o owenismo às vésperas da reforma de 1832.

A classe operária estudada por Thompson é apresentada, dessa forma, nas suas diferentes faces, sendo seus principais problemas históricos aqueles das tradições culturais e da nova conjuntura nos anos 1790, as mudanças no modo de vida dos trabalhadores e as lutas e definições dos interesses operários até 1832.

Nesse esforço de compreensão ora em curso, procuro considerar os principais elementos narrativos que oferecem à obra de Thompson a coerência de um discurso histórico explicativo. Assim, neste capítulo, o leitor encontrará um tratamento de *A Formação da Classe Operária Inglesa* no qual procuro demonstrar que esse discurso histórico coerente se torna possível a partir das noções de tradição e experiência.

3. 3. Tradições e Experiências na Formação da Classe Operária

Em *A Árvore da Liberdade*, primeira parte do livro, Thompson apresenta o surgimento da Sociedade Londrina de Correspondência (*London Corresponding Society*). Aqui são descritas as características da organização operária através do primeiro encontro de fundação da SLC, compreendendo o pensamento dos oficiais e pequenos mestres da “Londres Radical”, na década de 1790.

No primeiro mês de sua existência, a sociedade, por cinco noites seguidas, debateu a questão: “Nós, que somos artesãos, lojistas e artífices mecânicos, temos algum direito a obter uma Reforma Parlamentar?”, tomando-a “de todos os pontos de vista de que somos capazes de apresentar o tema a nossas mentes”. Decidiram que tinham tal direito. (p. 16)

E. P. Thompson, estudando as atas do Conselho Privado, identificou o comportamento de John Thelwall e outros trabalhadores diante dos tribunais após uma onda de prisões de acusados de “práticas sediciosas” em 1794, quando demonstraram possuir um espírito desafiador. Informando acerca das atitudes de homens como Thomas Hardy e John Thelwall, Thompson identificou os padrões de confronto dos prisioneiros e afirmou:

Pelos padrões dos cem anos seguintes, os antagonistas parecem ter sido estranhamente amadores e incertos quanto ao seu papel, ensaiando em confrontos curiosamente pessoais o que seriam os embates massivos impessoais do futuro. Misturam-se civilidade e malignidade; ainda há espaço para atos de gentileza pessoal, ao lado da malícia do ódio de classe. (p. 17)

Chamando atenção para as frágeis fronteiras entre artesãos e lojistas, oficiais e pequenos mestres, Thompson vai definindo as características do trabalhador radical típico nas primeiras formas de organização operária. Localiza o alcance da SLC (por cafés, tavernas e igrejas e nas comunidades operárias mais antigas). A “Londres Radical” era um centro heterogêneo e fluido, onde os trabalhadores estavam mais “sujeitos a motivações ‘ideais’ e intelectuais”.

Mesmo considerando a Sociedade Londrina de Correspondência mais precisamente “radical popular” que “operária”, Thompson indica nela o surgimento de um “novo tipo de organização”.

Eis o trabalhador como secretário. Eis a baixa subscrição semanal. Eis o entrecruzamento de temas políticos e econômicos – “a dureza dos tempos” e a Reforma Parlamentar. Eis a função da reunião, tanto como ocasião social quanto centro para a atividade política. Eis a atenção realista para as formalidades de procedimento. Eis, acima de tudo, a determinação de propagar opiniões e de organizar os adeptos, contida na diretriz: “Que o número de nossos Membros seja ilimitado”. (p. 19-20)

A “organização operária” trazia, assim, o termo da noção de exclusividade da política como atribuição de uma elite hereditária, que identificava direito político e propriedade. Ao mesmo tempo, assumia um comportamento mais autônomo, distanciando-se do das “turbas” do século 18, dirigidas muitas vezes por uma fração radical.

Abrir as portas à propaganda e à agitação, dessa forma “ilimitada”, implicava uma nova noção de democracia, que punha de lado as velhas inibições e confiava nos processos de auto-ativação e auto-organização da gente simples. (p. 20)

Thompson aponta para os Debates de Putney, ocorridos entre representantes de soldados *levellers*, generais e membros do parlamento inglês durante as guerras civis do século 17, quando aqueles representantes radicais lançaram o desafio de alcançar, para os estratos mais inferiores da sociedade, o sufrágio popular. Como naquele momento da história britânica, as autoridades inglesas recorreram à manutenção da propriedade como forma de justificar a não aceitação de reformas profundas.

Ler as controvérsias dos anos 1790 entre reformadores e autoridades, e entre os diferentes grupos reformadores, é ver ressuscitarem os Debates de Putney. O “homem mais pobre” da Inglaterra, o homem com o “direito de nascimento” se convertem nos *Direitos do Homem*, enquanto que a agitação de um “número ilimitado” de membros é vista por Burke como a ameaça da “multidão porca”. (p. 22)

Número Ilimitado de Membros é um capítulo introdutório, no qual se encontram os principais elementos desdobrados nos textos que seguem o restante da primeira parte de *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Thompson buscou aqui traçar as principais características presentes na história

da formação da classe operária durante os anos 1790, momento no qual se verifica “a continuidade das tradições e o contexto que se alterou”. Recusando-se a mostrar apenas “as coisas novas”, Thompson, na primeira parte do livro, volta-se para “as longas tradições dos artesãos e artífices urbanos” (p. 23).

3. 3. 1. Dissidências Religiosas: Um viveiro para as variantes da cultura operária

A primeira tradição resgatada por Thompson foi aquela forjada entre as seitas *dissidentes*, de “muitas tendências intelectuais e teológicas conflitantes”. Em meio a um contexto cultural complexo, no qual confundiram-se ideais milenaristas e perspectivas iluministas, são apresentadas as principais seitas atuantes na Inglaterra no século 18. Thompson ressalta a grande pluralidade de grupos dissidentes e o declínio da Igreja Prebisteriana.

Em matéria de organização eclesial, as seitas dissidentes muitas vezes levaram os princípios de autogestão e da autonomia local aos limites da anarquia. Qualquer autoridade centralizada – até mesmo a consulta e a associação entre igrejas – era vista como “produtora de grande apostasia anticristã”. (p. 27-28)

Se é verdade que o cristianismo dos unitaristas, com sua “candura” e desconfiança frente ao “entusiasmo”, atraíram a atenção de artesãos e lojistas de Londres e grupos semelhantes nas cidades grandes, por outro lado, suas características foram julgadas pelas majorias como “frio demais, distante e polido demais, e por demais associado aos valores confortáveis de uma classe em prosperidade” (p. 28).

Thompson falou também que, no contexto do século 18, muito daquele cenário de vinculações radicais de batistas, quacres, *diggers*, *ranter*s etc. de um século anterior havia dado espaço para um momento de relativa calma dos espíritos.

Num certo sentido, pode-se ver a mudança nas diferentes associações evocadas por duas palavras: a energia positiva do *Puritanismo*, o recuo defensivo da *Dissidência*. Mas devemos ver também como a resolução das seitas em “pacientemente sofrer o

“mundo”, permitiu-lhe combinar o quietismo político com uma espécie de radicalismo adormecido – preservado nas imagens de sermões e versículos cantados e na forma democrática de organização –, que poderia, num certo contexto mais promissor, se reavivar uma vez mais. (p. 13)

Thompson observou que a publicação de o *Progresso do Peregrino* (*Pilgrim's Progress*), de John Bunyan (um dos “textos de fundação do movimento operário inglês”, no qual o leitor deparava-se com diálogos de forte apelo moralista, travados entre o Cristão, o Sr. Segundas-Intenções, Sr. Apegado-ao-Mundo, Poupa Tudo e Amor-ao-Dinheiro), contribuiu para a sustentação do “patrimônio das lutas”. Nele, Thompson observou, “era possível imaginar a ‘recompensa’ dos humildes e ainda gozar de uma certa vingança sobre seus opressores, ao imaginar seus tormentos futuros” (p. 34).

No quadro histórico apresentado por Thompson, podemos perceber um determinado clima de abertura para idéias inesperadas e não ortodoxas, do qual o radicalismo político da última década daquele século resgataria um forte estímulo.

A história intelectual da Dissidência é composta de choques, cismas, mutações; muitas vezes sentem-se nela os germes adormecidos do radicalismo político, prontos para germinar logo que semeados num contexto social promissor e favorável. (p. 36)

O tratamento dispensado ao metodismo (o mais influente grupo dissidente daquele período) procurou apreender os seus diferentes aspectos como fenômeno histórico, cultural e religioso. Diante das possibilidades de ampliação do fosso cultural entre a elite inglesa e os trabalhadores, na forma do revivalismo evangélico, o metodismo ofereceu uma maneira de conter os impulsos “mais intelectuais e democráticos”. John Wesley, o pastor fundador dos metodistas, voltou-se para aquelas camadas populares mais “descobertas” pelas outras seitas dissidentes: “prostitutas, taberneiros e ladrões”. Dessa forma, Wesley é apresentado como um personagem enérgico e hábil.

Conseguiu combinar nas proporções exatas democracia e disciplina, doutrina e emotividade; seu sucesso não se encontrava tanto nos encontros revivalistas históricos (que não eram infreqüentes no século de Tyburn), mas na organização de sociedades metodistas autossustentadas em centros comerciais e comunidades mineiras, têxteis e operárias em geral, com uma participação democrática de seus membros na vida da igreja tanto estimulada quanto estritamente vigiada e disciplinada. (p. 38)

Da grande difusão do metodismo, e dessa combinação em “proporções exatas” de características contraditórias que o pastor Wesley foi capaz de imprimir, coloca-se o problema do real papel que o metodismo teve na trajetória da formação da classe operária inglesa.

Poderíamos supor, a partir de alguns relatos populares, que o metodismo foi apenas uma base inicial para os organizadores radicais e sindicalistas, todos formados pela imagem do mártir de Torpuddle, George Loveless, com sua “pequena biblioteca teológica” e sua franca independência. A questão é muito mais complexa. A um certo nível, pode-se reconhecer sem a menor dificuldade o caráter reacionário – na verdade, odiosamente subserviente – do weslyanismo oficial. (p. 42)

Ora, aqui Thompson adentra no conflituoso debate sobre o “papel do metodismo” que procurava perceber se esse havia ou não impedido o crescimento de um movimento revolucionário na Inglaterra desse período.

O fato é que em 1797 ocorreu a primeira cisão importante no metodismo inglês. Alexander Kilham encabeçou a formação da Nova União Metodista, “que adotou várias de suas propostas por uma estrutura mais democrática”. Em outro momento da narrativa, Thompson afirma ser mais que mera suposição as ligações entre a Nova União e as organizações jacobinas.

Mas, mesmo descrevendo longamente que o metodismo nunca superou sua tensão entre tendências democráticas e autoritárias, o texto de Thompson denuncia sua visão do metodismo enquanto um fenômeno de *reação*.

Foi nos anos contra-revolucionários *após* 1795 que o metodismo realizou seu maior avanço entre o operariado e agiu de forma mais evidente como força social estabilizadora ou regressiva. Esvaziado, pela cisão kilhamista, dos seus elementos mais democráticos aparece nesses anos quase como um novo fenômeno – e que pode ser visto como a consequência de uma reação política da qual foi em grande parte causador. (p. 47)

Mas da tradição dos grupos religiosos e seitas do século 18 surgiram também, para além do fenômeno metodista, outros traços culturais igualmente importantes. E Thompson considerava:

É impossível oferecer um resumo fácil da tradição dissidente, que foi um dos elementos precipitados pela agitação jacobina inglesa. É a sua diversidade que desafia qualquer generalização, e é ela a sua

mais importante característica. Na complexidade de seitas concorrentes e capelas divididas temos o viveiro para as variantes da cultura operária do século 19. (p. 52)

A liberdade de consciência era vista por Thompson como o “único grande valor que o povo comum preservara da *Commonwealth* de Cromwell”. E a investigação desse elemento da consciência plebéia Thompson foi buscar na imagética milenarista, caracterizada por uma existência “subterrânea” na cultura popular inglesa, cujas origens se perdem em algum momento remoto do passado medieval. Thompson cita um trecho de um discurso de Mãe Jane Wardley que diz:

Arrependei-vos. Pois o Reino de Deus está próximo. O novo céu e a nova terra profetizados pelos antigos estão por chegar... E quando Cristo surgir novamente, e a verdadeira igreja ascender em glória plena e transcendente, então todos os nomes anticristãos – os padres, a igreja, o papa – serão varridos. (p. 49)

Nessa citação estão contidas características as mais marcantes de uma cultura popular rebelde, expressa por um vocabulário religioso, mas com poderosas potencialidades de transformação secular. Thompson rejeita, ao tratar da imagética milenarista, as caracterizações de historiadores que afirmavam ver naquele fenômeno evidências de fanatismo paranóico.

Entre essa imagética e a experiência social havia um intercâmbio contínuo – um diálogo entre atitudes e realidade que era às vezes frutífero, às vezes árido, às vezes masoquista, mas raramente “paranóico”. (p. 51)

Nesse capítulo que aborda a tradição dissidente popular do século 18 (*O Cristão e o Demônio*), a partir da qual procura estabelecer ligações com o surgimento, no fim daquele século, do radicalismo popular, por motivos óbvios, Thompson estuda atitudes e idéias de uma minoria das classes trabalhadoras. É com o intuito de apreender alguns traços do patrimônio cultural forjado entre as “maiorias” que Thompson escreve *As Fortalezas de Satanás* (terceiro capítulo de *A Formação da Classe Operária Inglesa*).

3. 3. 2. Tradição e Experiências de “Assassinos, Bêbados e Ladrões”

As maiorias sem linguagem articulada, por definição, deixam pouco registro de seus pensamentos. Apreendemos relances em momentos de crise, como nos Motins de Gordon, e ainda assim a crise não é uma condição típica. É tentador procurá-los nos arquivos pressupostos de que, no final do século 18, os “pobres de Cristo” podem se dividir entre, de um lado, pecadores penitentes e, de outro, assassinos, bêbados e ladrões. (p. 57)

Thompson procura tratar também da consciência “subpolítica” do povo trabalhador inglês, consciência essa apenas apreensível pelos recursos de leitura do passado capazes de perceber a “linguagem menos articulada” (“uma literatura que deve ser exposta a uma luz satânica”, por vezes). Considera Thompson, portanto, que inicialmente

É fácil traçar uma falsa divisão do povo na Revolução Industrial, entre os bons organizados ou que freqüentam as capelas e os maus dissolutos, visto que as fontes, pelo menos por quatro direções, impelem-nos a essa conclusão. Os fatos, tais como estão disponíveis, foram muitas vezes apresentados de forma espetacular e organizados segundo propósitos pejorativos. (p. 57)

As maiores dificuldades contidas naqueles “propósitos pejorativos” para o conhecimento da classe trabalhadora estavam na obliteração dos laços que unificavam os pólos extremados pelos “bons organizados” e os “maus dissolutos”. Thompson percebe que havia na época uma determinada pressão em representar como “criminosas” aquelas pessoas sem emprego estável e sem propriedade – o que dizia, sem dúvida, muito da verdadeira situação. Mas essa representação dos trabalhadores dizia igualmente que a “maioria de homens e mulheres de posses sentiu a necessidade de pôr em ordem as casas dos pobres”. Nas classes superiores gestou-se, naquelas décadas, uma maior preocupação “humanitária”. Além disso, concorreram ainda para uma visão “distorcida” das maiorias populares “as atitudes utilitárias da nova classe manufatureira, cuja necessidade de impor uma disciplina de trabalho nas cidades fabris tornou-a hostil a muitos divertimentos e frivolidades tradicionais”; a pressão dos metodistas, “com sua procissão interminável de pecadores a bater no peito e torrenciais biografias confessionais na imprensa”; e mesmo os

esforços de autodisciplina exigidos pelos primeiros líderes populares, como Francis Place, que dizia: “Detesto tabernas e freqüentadores de tabernas. Não consigo beber, não consigo conversar muito tempo com palermas” (p. 58-61).

Precisamos de mais estudos sobre as atitudes sociais de criminosos, soldados e marinheiros, e sobre a vida de taberna; e deveríamos olhar as evidências, não com olhos moralizadores (nem sempre os “pobres de Cristo” eram agradáveis), mas com olhos para os valores brechtianos – o fanatismo, a ironia em face das homilias do *Establishment*, a tenacidade da autopreservação. (p. 61)

Também lembrava Thompson o “submundo” dos cantores de balada e das feiras que transmitiam tradições para o século 19, “pois dessa forma os ‘sem linguagem articulada’ conservaram certos valores –, apesar das pressões inibidoras de magistrados, usineiros e metodistas” (p. 62).

As *Fortalezas de Satanás* procura, portanto, aproximar o leitor daquelas tradições construídas pelos “fenômenos do motim e da turba”. E, quanto a isso, Thompson considera importante compreender que sempre persistiram algumas atitudes populares em relação ao crime que, por vezes, chegaram a constituir um verdadeiro código não-escrito totalmente diferente das leis do país. Alguns crimes eram condenados tanto pelos códigos escritos quanto pelos não-escritos (era o caso de assassinatos de mulheres e crianças, por exemplo). Outros eram apenas parcialmente aceitos pelos populares, como os de salteadores e piratas, que eram ao mesmo tempo um “mito heróico” e uma advertência aos jovens. Mas Thompson demonstra que havia aqueles crimes que eram “ativamente perdoados por comunidades inteiras: a cunhagem de moedas falsas, a caça e pesca ilícitas, a sonegação de taxas (o imposto de janela e dízimos) ou impostos de consumo, a fuga ao recrutamento”.

Esta distinção entre o código legal e o código popular não-escrito é um lugar-comum em qualquer época. Mas raramente os dois códigos se distinguiram um do outro de forma mais aguda do que na segunda metade do século 18. Podem-se mesmo considerar esses anos como uma época em que a luta de classes era travada, de um lado, em termos da praça de execução de Tyburn, das masmorras e das casas de correção; de outro lado, o crime, o distúrbio e a ação turbulenta. (p. 62)

Não causa surpresa, assim, que o número de delitos capitais tenha aumentado naqueles anos. Thompson mostra que muitas leis capitais existiam

para punir práticas largamente difundidas entre as populações pobres: um pequeno roubo, a destruição de um tear de seda, a derrubada de cercas, o incêndio de moendas de trigo eram alguns exemplos de crimes que levaram muitos homens e mulheres trabalhadores para a forca. E Thompson afirmava: "A expansão comercial, o movimento de fechamento das terras comunais, os anos iniciais da Revolução Industrial – tudo ocorreu à sombra da forca" (p. 64).

Quando as atitudes de trabalhadores contra as leis estatais deixavam de ser uma atitude apenas individual, e se combinavam com um desprezo mais generalizado pelas normas, então se faziam presentes as causas necessárias para o surgimento dos motins. Thompson informa que "o povo inglês era conhecido por toda a Europa pela sua turbulência", que os motins eram ocasionados "pelo preço do pão, pelos pedágios e portagens, impostos de consumo, 'resgates', greves, nova maquinaria, fechamento das terras comunais, recrutamento e uma série de outras injustiças" (p. 64-65). Tinha em mente a agitação de Wilkes nos anos 1760 e 1770, os Motins de Gordon (1780), os tumultos de Bristol (1831), o luddismo (1811-13), os Motins de East Anglian (1816), os Motins de Rebecca (1839 e 1842), dentre outras ações de multidão que se tornaram o principal interesse de pesquisa do historiador George Rudé⁶.

Thompson evoca exatamente *A Multidão na Revolução Francesa*, de Rudé, para demonstrar que somente com muita prudência deveriam os historiadores tratar aquelas ações como produtos de turbas (*mobs*), e "apenas justificado pela ocasião específica".

Os historiadores têm usado o termo demasiado desleixadamente, para escapar a análises ulteriores, ou ainda numa atitude preconceituosa, sugerindo elementos criminosos motivados pela ânsia de saques. E dr. Rudé sugere que o termo "multidão revolucionária" pode ser mais útil nas discussões sobre os motins no final do século 18, tanto na Inglaterra como na França revolucionária. (p. 65)

Thompson identifica duas formas gerais de ações turbulentas no século 18: "a ação direta popular mais ou menos espontânea e a utilização deliberada da multidão como instrumento de pressão, por pessoas 'acima' ou à parte da

⁶ Cf. G. Rudé. *A Multidão na História: Estudos dos Movimentos Populares na França e na Inglaterra*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

multidão" (p. 65). A primeira forma – que alguns anos depois seria objeto de estudo de Thompson num importante artigo intitulado *A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII*⁷ – possuía bases populares articuladas e encontrava sua legitimidade em tradições sofisticadas do povo.

Raramente era uma mera gritaria que culminava no arrombamento de celeiros ou no saque de lojas. Ele vinha legitimado pelos pressupostos de uma economia moral mais antiga, que ensinava ser imoral qualquer método desonesto de aumentar o preço dos alimentos, para se aproveitar das necessidades do povo. (p. 65-66)

Essa noção de "economia moral" popular, considerava Thompson, rejeitava as leis de oferta e procura que levava sempre à alta dos preços nos momentos de escassez. A economia moral regulava os preços "por meio de um intrincado tecido de legislação e costumes". Thompson argumenta que a característica violenta ou turbulenta dos motins por alimentos (como verificada no "Grande Motim do Queijo" em Nottingham, em 1764, "quando queijos inteiros rolaram pelas ruas"), indicava motivos mais complexos que a fome. As "turbas" mostravam autodisciplina, costumeiramente agindo de uma forma muito parecida com a *taxation populaire* da França, onde os camponeses arrancavam os produtos dos armazéns e lojas, vendiam-nos por um "preço justo", e em seguida davam o dinheiro da venda para seu dono (p. 66-68).

Na conjuntura da última década do século 18 ocorreu, assim, "um esforço desesperado do povo para reimpôr a economia moral mais antiga", um momento onde a tradição popular encontrou-se com as primeiras agitações jacobinas resultando uma grande convulsão na Inglaterra. As últimas medidas liberais paternalistas que buscaram garantir o direito costumeiro contra açambarcadores e monopolistas surgiram nesse período.

Daí em diante, a liquidação total dos controles consuetudinários em muito contribuiu para a animosidade popular contra um Parlamento composto de proprietários rurais protecionistas e magnatas comerciais a favor do *laissez-faire*. (p. 72)

Ao lado dessas ações dotadas de uma sofisticada noção de legitimidade e auto-organização, no entanto, existiam outras ações de características mais próximas das representações "desleixadas" e

⁷ Cf. Thompson, E. *Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p.150-202.

“preconceituosas” sobre as “turbas” (*mobs*). Fala Thompson que, desde o acordo de 1688, os beneficiários daquele compromisso encorajavam a antipatia popular contra papistas (jacobitas em potencial) e dissidentes (*levellers* em potencial): “uma turba era um complemento muito útil para os magistrados, num país tão escassamente policiado”. Fidalgos e párocos por vezes incitavam ativamente os motins, por vezes simplesmente acobertavam os crimes cometidos, manipulando, em comunhão com os magistrados, os julgamentos. Thompson expõe que até John Wesley, um defensor incondicional da ordem, chegou a elogiar um motim ocorrido em Walsall.

E Thompson ainda afirma:

Mas mais importante do que essas manifestações provincianas do sentimento popular sobre questões particulares era a turba de Londres, cuja presença é continuamente sentida na história política do século 18, e que foi inteiramente retirada por Wilkes do controle das autoridades nos anos 1760. Num certo sentido, era uma turba em transição, em vias de se tornar uma multidão radical autoconsciente; o fermento da Dissidência e da educação política entrava em ação, dando ao povo uma predisposição para assumir a defesa das liberdades populares, desafiando as autoridades, em “movimentos de protesto social, onde o conflito subjacente dos pobres contra os ricos... é claramente visível...”. (p. 73)

Thompson concorda em parte com os argumentos levantados por Rudé em *Wilkes and Liberty* quando este historiador demonstrava que os protestos não eram, como se pensava, compostos por arruaceiros e “elementos criminosos”, mas por comerciantes, serventes, carvoeiros, marinheiros, artesãos e assalariados de todos os tipos. Também admite que eram muito diferentes os “valentões” pagos para provocar as manifestações de apoio ao candidato antiwilkista, Proctor, e “a ebulição espontânea da maioria wilkista”. Essas características davam aos motins wilkistas uma feição republicana ou revolucionária muito forte, principalmente naquelas ocasiões em que os conflitos industriais se misturavam às suas reivindicações. Thompson cita as palavras de ordem dos manifestantes: “Maldito seja o Rei! Maldito seja o Governo! Malditas sejam as Justiças!”, “Esta é a oportunidade mais gloriosa já surgida para uma Revolução!” (p. 73).

Mas, por outro lado, E. P. Thompson chama atenção para o fato de que era muitas vezes o próprio John Wilkes quem se comportava como aquele

elemento estranho à turba que incitava o povo para agir por interesses de mercadores e negociantes. Também fala acerca da “consciência política” da multidão o seguinte:

A multidão wilkista fica de fato a meio caminho do surgimento de uma consciência política popular; embora seu *slogan* mais popular fosse “Liberdade!”, muitos de seus membros eram altamente volúveis e podiam da mesma forma dar meia-volta e atacar elementos “estranhos” ou quebrar as vidraças de cidadãos que não as tivessem enfeitado e iluminado nas ocasiões “patrióticas”. (p. 74-75)

Essas considerações acerca da “consciência política wilkista”, combinada com a observação das várias fases por que passaram os Motins de Gordon, levam Thompson a afirmar que nessa tradição popular “subpolítica” da Inglaterra havia uma “mistura de turba manifesta e multidão revolucionária” (p. 76). Não obstante, essa mistura – tão útil a fidalgos, políticos e magistrados – deixou de ser admitida na Inglaterra após a Revolução Francesa. Desde então, passaram a temer muito mais as “energias perigosas”.

Na procura pela explicação histórica acerca dos motins no século 18, Thompson escreve: “As verdadeiras *turbas*, no sentido de ‘bandos a soldo agindo a favor de interesses externos’, são as turbas da ‘Igreja e Rei’, empregadas de 1792 em diante para aterrorizar os jacobinos ingleses” (p. 80). E, assim como em relação ao patrimônio cultural herdado pela tradição religiosa dissidente, que Thompson considerava estar ancorado na “diversidade”, também os diferentes comportamentos verificados nas “ações turbulentas e subpolíticas” foram um “viveiro para as variantes da cultura operária do século 19”.

3. 3. 3. Os Direitos do “Inglês Livre de Nascimento”

O *Inglês Livre de Nascimento* é a máxima que norteia e intitula a narrativa de Thompson no resgate da terceira e última tradição popular presente na primeira parte de *A Formação da Classe Operária Inglesa*. É em torno dela que Thompson procurou explorar o conjunto de noções que conformaram o “consenso moral” presente no século 18 inglês, que definiu um

padrão de valores importantes para a cultura dos trabalhadores britânicos quando das suas lutas travadas na década de 1790.

Mais uma vez, Thompson considerou, no início desse capítulo, as mudanças de sentimentos que ocorreram entre o povo inglês, perceptíveis através das atitudes “subpolíticas” da classe trabalhadora. Assim, se, em 1797, os defensores de Thomas Hardy estavam “lutando na retaguarda” e “multidões de vagabundos” (Francis Place) ainda participavam de turbas de “Igreja e Rei” contra os jacobinos, nos primeiros anos do século 19 uma “nova conjuntura” se fez presente com as eleições de 1807, em Westminster, na “Londres Radical”, quando Sir Francis Burdett e Lord Cochrane foram eleitos com o apoio de um “comitê eleitoral radical”.

De vez em quando, entre 1815 e 1850, radicais, owenistas ou cartistas lamentavam a apatia do povo. Mas – se deixarmos de lado os tumultos eleitorais habituais – é verdade que, de modo geral, os reformadores estavam protegidos pelo apoio de comunidades operárias. Em épocas de eleição nas grandes cidades, a votação aberta com a mão levantada, nos palanques eleitorais, que precedia as apurações, dava vitória esmagadora para o candidato mais radical. Os reformadores deixaram de temer “a turba”, ao passo que as autoridades eram obrigadas a formar quartelamentos e tomar precauções contra a “multidão revolucionária”. Este é um fato tão grandioso da história que muitas vezes passa facilmente despercebido ou é aceito sem questionamento; no entanto, indica uma alteração fundamental na ênfase das atitudes inarticuladas e “subpolíticas” das massas. (p. 84)

Essa alteração estava relacionada com as noções populares de “independência”, patriotismo e “direito de nascimento”. De modo geral, tanto os participantes dos “motins de Gordon” (1780), e os da “Igreja e Rei” (1791), que se mobilizavam contra os jacobinos reformadores, quanto os próprios reformadores e os trabalhadores que os apoiavam, compartilhavam, “de alguma maneira obscura”, da idéia de “que estavam defendendo a ‘Constituição’ contra elementos estranhos que ameaçavam seu ‘direito de nascimento’”(p. 84).

O patriotismo, o nacionalismo, e mesmo a intolerância e a repressão, estavam todos revestidos pela retórica da liberdade. Até a Velha Corrupção exaltava as liberdades britânicas; a liberdade, e não o poderio ou a honra nacional, era a palavra-chave do nobre, do demagogo e também do radical. Em nome da liberdade, Burke atacou e Paine defendeu a Revolução Francesa (...). (p. 84-85)

E. P. Thompson considera essas idéias como importantes para as atitudes populares porque elas definiram, de certa maneira, os “*limites* além dos quais não se poderia ‘empurrar’ o inglês” (p. 86).

Liberdade em relação ao absolutismo (isto é, monarquia constitucional), liberdade em relação a prisões arbitrárias, julgamentos por jurados, igualdade perante a lei, inviolabilidade da residência contra entradas e buscas arbitrárias, uma certa liberdade limitada de pensamento, expressão e consciência, a participação vicária na liberdade (ou no seu simulacro) proporcionada pelo direito de oposição parlamentar, eleições e tumultos eleitorais (embora o povo não tivesse o direito a voto, tinha o direito de desfilar, ovacionar e vaiar nos comícios eleitorais), bem como a liberdade de locomoção, comércio e venda da sua força de trabalho. Nenhuma dessas liberdades era insignificante; tomadas em conjunto, elas encarnam e refletem um consenso moral, do qual as autoridades por vezes partilhavam e que sempre tiveram que levar em consideração. (p. 85-86)

Partindo dessas considerações, Thompson tornou possível perceber, nessas noções de liberdade, uma posição do inglês “não tanto democrática, em qualquer sentido positivo, quanto anti-absolutista”. “Ele próprio se sentia um individualista, com poucos direitos definidos, mas protegido pelas leis contra a intrusão de um poder arbitrário” (p. 86)⁸.

Os “centros de recrutamento forçado” foram analisados por Thompson nessa perspectiva; a de um espaço social onde ocorreram fortes conflitos de diferentes setores do povo contra o surgimento de um aparato militar centralizado na Inglaterra. Compunha a idéia de liberdade inglesa a rejeição ao que era visto como um “sistema de tirania” pelos reformadores.

Um consenso absolutamente surpreendente de opiniões resistiu ao estabelecimento de ‘um tribunal supremo único e inapelável’, como o que em outros países se chama a ‘Alta Polícia’ – um máquina... inventada pelo despotismo...(p. 89)

Thompson também viu, nessa hostilidade, “uma curiosa mescla de atitude paroquial defensiva, teoria liberal e resistência popular”.

A pequena nobreza rural e a gente simples alimentavam conjuntamente costumes e direitos locais, contra os abusos do Estado; a hostilidade à “formação de novos direitos de propriedade” e aos “Paxás” contribuiu muito para a corrente liberal-radical que vem

⁸ Um pouco adiante no seu texto, Thompson afirma, no mesmo sentido: “Esse constitucionalismo tingia as reações menos articuladas do ‘inglês livre de nascimento’. Ele reivindicava poucos direitos além do ser deixado em paz” (p. 87).

de Cobbett a Oastler, e que atingiu seu máximo na resistência à Lei dos Pobres de 1843. (...) Mas até os Jacobinos sustentavam a convicção de que o império da lei era o legado característico do "inglês livre de nascimento" e sua proteção contra o poder arbitrário. (p. 89-90)

Assim, E. P. Thompson faz notar o surgimento do comportamento em torno da estruturação de uma Plataforma de reivindicações populares como um processo característico da segunda metade do século 18, quando diferentes setores da sociedade britânica viram na Constituição um campo de forças vital para a defesa do "inglês livre de nascimento". Tratava-se, na avaliação de Thompson, de uma reação às "corrupções da Constituição", uma espécie de defesa contra as atitudes degeneradas daqueles que eram vistos pelo povo inglês como os que estavam traindo as conquistas históricas da nação e do povo.

Decerto, os diferentes setores da sociedade inglesa que se colocavam nessa defesa constitucionalista agiram de modos diversos quanto aos métodos de luta que escolheram. Nem todos possuíram a determinação de um Major Cartwright, que "acreditava em métodos de agitação entre 'um número ilimitado de membros'" (p. 92).

Percebe-se, desse modo, que, ao estudar o constitucionalismo popular inglês nos últimos anos do século 18, Thompson identifica uma coexistência bastante peculiar entre "argumentos em termos de precedentes e tradições" e os novos métodos forjados na luta plebéia da classe operária. Nesse sentido, Thompson retoma, em seus argumentos, a abordagem já anteriormente elaborada por Christopher Hill em seu ensaio sobre o *Jugo Normando*, quando este historiador viu que "essas controvérsias constitucionalistas elaboradas e muitas vezes especiosas tinham um significado real. Mesmo as formas antiquaristas dos argumentos ocultam diferenças importantes na ênfase política" (p. 94)⁹.

⁹ Thompson faz referência, ao comentar o artigo de Christopher Hill, à edição de *Democracy and the Labour Movement*, ed. P. Saville (1954). Esse mesmo ensaio, *The Norman Yoke*, foi publicado também em Hill, C. *Puritanism and Revolution: Studies in Interpretation of the English Revolution of the 17^o Century*. London: Penguin Books, 1968.

É percebendo essa relação íntima entre os ideais tradicionais e as práticas sociais localizadas na “nova conjuntura”, que Thompson explica o papel fundamental de Thomas Paine, e seu livro *Direitos do Homem*, no movimento operário inglês. Segundo Thompson, referindo-se à retórica constitucionalista,

era necessário romper essa retórica, pois – mesmo quando adornada pelos improváveis termos saxões de Baxter – ele implicava na absoluta sacralidade de certas convenções: o respeito pela instituição monárquica, pelo princípio hereditário, pelos direitos tradicionais dos grandes latifundiários e da Igreja Anglicana e pela representação, não dos direitos humanos, mas dos direitos de propriedade. Uma vez enredados em argumentos constitucionalistas – mesmo quando utilizados para reivindicar o sufrágio masculino –, os reformadores ficavam presos nas ninharias de uma renovação constitucional fragmentária. (p. 95-96)

Assim, a exigência por “apresentar reivindicações democráticas muito mais amplas” levou o movimento plebeu inglês a rever seu vocabulário e suas categorias constitucionalistas. Foi nesse momento que as idéias de Thomas Paine ganharam uma surpreendente projeção entre os trabalhadores.

Nesse contexto, Thompson fala do papel da Revolução Francesa.

A Revolução Francesa estabeleceu um precedente mais amplo: uma nova constituição redigida à luz da razão e derivada de primeiros princípios, que lançava às sombras “as formas inadequadas, proibitivas, da tradição, lei e estatuto”. (p. 96)

Os ataques de Edmund Burke, em *Reflexões sobre a Revolução Francesa*, e as defesas de *Direitos do Homem*, de Paine, acerca do processo revolucionário francês, segundo a avaliação de Thompson, demonstram essa nova atitude de “retirada dos terrenos do argumento constitucional”. Com seu exemplo negativo de um tradicionalista conservador, Burke minou o “velho terreno” na medida que *Reflexões sobre a Revolução Francesa* “complementava a autoridade do precedente com a da sabedoria e experiência, e o respeito pela Constituição com o respeito pela tradição – esse ‘companheirismo... entre os vivos, os mortos e os que estão por nascer’” (p. 96). Burke tornou-se conhecido pelo povo inglês como aquele que tratou desrespeitosamente a “multidão porca”. Muitos panfletos foram lançados contra suas idéias, e isso contribuiu para sua rejeição.

E. P. Thompson considera *Direitos do Homem* “um texto fundante do movimento operário inglês”. Levando em consideração a longa análise que Thompson faz das obras e da vida de Thomas Paine em *A Formação da Classe Operária Inglesa*, esse pode ter sido, na visão do historiador, o mais importante documento daquele período para a classe trabalhadora. Em *Direitos do Homem*, Paine teria cunhado um novo estilo de escrita, e também uma nova postura diante dos sistemas de governo, fundando uma forma de pensamento acerca dos direitos do povo que significou uma ruptura radical com os padrões de “permanência”. Diante do conservadorismo radical de um Edmund Burke (uma vez que *Direitos do Homem* foi escrito contra *Reflexões sobre a Revolução Francesa*), Paine lançou bases para, na Inglaterra, constituir-se uma posição acerca dos direitos que tinha por base a Razão, e não qualquer defesa de uma Constituição tradicional.

Ele rejeitava de saída a estrutura do argumento constitucional: “Estou lutando pelos direitos dos vivos, e contra a imposição, o controle e a coerção sobre eles exercidos pela presumida autoridade manuscrita dos mortos”. Burke desejava “consignar para sempre os direitos da posteridade, sobre a autoridade de um pergaminho bolorento”, ao passo que Paine sustentava que cada geração sucessiva tinha competência para definir novamente os seus direitos e forma de governo. (p. 98)

Rompia Paine, dessa forma, com a noção de “princípio hereditário”, que considerava uma verdadeira superstição acerca do que era, na verdade, um “poder arbitrário”. Paine escreveu: “herdar um Governo é herdar o Povo, como se fossem rebanhos e manadas”; e, ao afirmar isso, procurou minar o próprio regime monárquico. Além disso, Paine apresentou uma teoria das classes sociais:

Onde Burke defende o governo e examina seu funcionamento à luz da experiência e da tradição, Paine fala pelos governados, e defende que a autoridade do governo deriva da conquista e do poder hereditário numa sociedade dividida em classes. (p. 100)

Sendo assim, Thomas Paine apontou para a noção da guerra social entre proprietários e não-proprietários, a ponto de Thompson considerar que, com Paine, “estamos próximos a uma teoria do anarquismo”, uma vez que na perspectiva que *Direitos do Homem* indicava “o que se requer é menos a reforma e sim a abolição do governo” (p. 100).

O alcance da crítica social de Thomas Paine é amplo, apesar de contraditório:

Por outro lado, a "sociedade", atuando como um governo através de um sistema representativo, abria novas possibilidades que subitamente irromperam na mente de Paine, enquanto escrevia o fundamental quinto capítulo da Segunda Parte dos *Direitos do Homem*. Aqui, após exaltar o empreendimento comercial e industrial, atacar violentamente a dominação colonial (e propor – posteriormente – a arbitragem internacional em lugar da guerra), criticar severamente o código penal ("barbárie legal"), denunciar privilégios, corporações e monopólios fechados, e vociferar contra a obrigação dos impostos, ele se detém por um momento sobre os pecados da aristocracia. (p. 101)

Mas apesar de radical e amplo no que diz respeito ao "nivelamento político", Paine não teria dado expressão ao "nivelamento econômico".

Em termos de democracia política, ele pretendia nivelar todas as distinções e privilégios hereditários, mas não deu expressão ao nivelamento econômico. Numa sociedade política, todos os homens devem ter iguais direitos como cidadãos; numa sociedade econômica, ele naturalmente deve se manter como patrão ou empregado, e o Estado não deveria intervir no capital de um ou nos salários do outro. Os *Direitos do Homem* e *A Riqueza das Nações* poderiam se complementar e se alimentar reciprocamente. E também nisso a principal tradição do radicalismo operário do século 19 tomou as feições de Paine. (p. 104)

Dessa forma, Thomas Paine encontra-se no vértice de muitos dos aspectos das idéias que viriam, no século 19, a constituir os traços gerais do pensamento do movimento operário. Sua defesa do livre-pensamento que fez em *A Idade da Razão* é indicada por Thompson como a origem de "verdadeiros painistas" como Carlile, James Watson ou Holyoake (p. 104).

Thompson considera que aquelas idéias expressas por Thomas Paine não eram, em absoluto, inéditas: "muitos ingleses do século 18 devem ter tido, em sua privacidade, os mesmos pensamentos": Paine "carece de qualquer profundidade de leitura", fato que levou o "juízo acadêmico" a considerá-lo (bem como a Edmund Burke) de "forma estranha", considerado-o como "mero divulgador". Não obstante, ninguém antes de Thomas Paine havia argumentado neste tom. Dessa forma, a importância de Thomas Paine encontra-se, para Thompson, muito mais na sua relevância histórica, na sua

capacidade de ter-se tornado popular na consciência que se estruturava no meio plebeu do “inglês livre de nascimento”.

O Inglês Livre de Nascimento finaliza tecendo algumas considerações acerca do suposto “totalitarismo” jacobino, em relação ao qual Thompson opõe algumas “verdades mais simplês”:

Paine e seus seguidores ingleses não pregavam o extermínio de seus oponentes, mas sim pregavam contra Tyburn e o código penal sanguinário. Os jacobinos ingleses defendiam o internacionalismo, a arbitragem em lugar da guerra, a tolerância aos dissidentes, católicos e livre-pensadores, o reconhecimento das virtudes humanas em “pagãos, turcos e judeus”. Pretenderam transformar, pela educação e pela agitação, “a turba” (nas palavras de Paine) de “adeptos de lutas *campais*” em adeptos do “*estandarte da liberdade*”. (p. 108-109)

Thompson, ao lançar essas “considerações morais”, na verdade, articula uma contraposição aos seus contemporâneos que praticavam, no meio acadêmico, uma “inversão ridícula dos papéis históricos”.

(...) os perseguidos são vistos como os precursores da opressão, e os opressores como vítimas de perseguição. E por isso fomos obrigados a passar por essas verdades elementares. Foi Paine quem depositou fé no livre funcionamento da opinião da “sociedade aberta”; “a humanidade não está disposta agora a que lhe digam o que não deve pensar ou ler”. Foi também Paine quem viu que, nos debates constitucionais do século 18, “a Nação sempre era deixada de lado”. Ao trazer a nação para o debate, ele necessariamente acionou forças que não poderia prever nem controlar. E isso se trata de democracia. (p. 109)

3. 4. Aspectos da Tradição e Experiência Populares

Na primeira parte de sua obra, E. P. Thompson aborda as tradições do povo trabalhador inglês como forma de localizar o “patrimônio subjetivo” que conformou, nos anos finais do século 18, as tendências históricas mais determinantes nas lutas sociais que fizeram surgir as identidades da classe operária. Como visto acima, essas tradições são tratadas historicamente, através de estudos sobre a religiosidade popular (presente nas numerosas seitas dissidentes, no metodismo, mas também na imagética milenarista), sobre as atitudes “subpolíticas” dos trabalhadores (ações de multidão que

encontravam seus padrões de legitimidade em noções de direitos e economia diferenciados e, por muitas vezes, opostos ao corpo normativo oficial), e sobre o “consenso moral” de liberdade amplamente difundido entre os britânicos, e que Thompson localiza na máxima do “inglês livre de nascimento”.

Pelo exposto acima, pôde-se perceber que Thompson procura oferecer uma noção de tradição popular muito mais complexa e dotada de valor histórico do que é comum se pensar, ou do que alguns dos próprios contemporâneos aos processos relatados por Thompson pensavam. O patrimônio cultural do povo é para Thompson, assim, algo muito diverso daquilo que os donos de fábricas da Revolução Industrial – e também os seus contemporâneos folcloristas¹⁰ – chamavam de “frivolidades tradicionais”.

Por outro lado, pode-se perceber igualmente que o papel que a tradição assume na explicação histórica de Thompson contrasta com as “ortodoxias” da historiografia, e isso parece fazer da obra de Thompson um marco importante nos estudos históricos. Nesse sentido, *A Formação da Classe Operária Inglesa* apresenta-se como um momento importante do pensamento histórico, ao reabilitar as experiências tradicionais plebéias consideradas “primitivas” ou “defasagens” culturais que distorciam a “verdadeira” vocação da classe operária¹¹.

3. 4. 1. Thompson e os “julgamentos normativos” da religião

Ao localizar as expressões religiosas da dissidência como um traço cultural importante para o surgimento de uma cultura rebelde entre os trabalhadores, Thompson reorienta o conhecimento histórico para um campo

¹⁰ E. Thompson. “Folklor, Antropologia y Historia Social” In: *Entrepasados – Revista de Historia*. Buenos Aires: 2, 1992.

¹¹ Para algumas considerações acerca da tradição popular inglesa cf. T. Nairn. “A Classe Trabalhadora da Inglaterra” In: R. Blackburn. *Ideologia na Ciência Social: Ensaio Crítico sobre a Teoria Social*. Tradução: Aulyde Rodrigues. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982; P. Anderson. *Arguments Within English Marxism*, 1960; _____. “Perry Anderson – Entrevista” In: *Projeto História*, 3, 1984; E. Thompson. *A Peculiaridade dos Ingleses e Outros Artigos*, vol. 1. Tradução: Alexandre Fortes e Antônio Luigi Negro, 3 ed. Campinas: Textos Didáticos, 10, 1993.

de estudo comumente encarado como um componente prejudicial ao *status* de classe.

Em *A Peculiaridade dos Ingleses* (1965), Thompson retomaria com termos mais diretamente polêmicos a esse assunto. Nesse ensaio, que escreveu com o intuito de contrapor-se, na *New Left Review*, às concepções históricas de Tom Nairn e Perry Anderson sobre o papel do “tradicionalismo” e “empirismo” britânicos (considerados por esses como um fator de profundo prejuízo para a “ideologia inglesa”), E. P. Thompson esclarecia os aspectos importantes que a tradição dissidente forjou enquanto uma “confrontação cultural de época”. Assim, Thompson explicava que o puritanismo britânico constituiu-se não tanto numa “paixão inútil”, mas principalmente num fenômeno social importante para o afastamento da “autoridade espiritual e intelectual” católica e, mais ainda, para a “decomposição comparativa de qualquer centro de autoridade”¹².

Em *Patrícios e Plebeus*, capítulo que inicia *Costumes em Comum* (1991) – mas que é uma reformulação de um artigo de 1974, *Patrician Society, Plebeian Culture* –, Thompson aprofundou esses argumentos quando considerou que o afastamento dos plebeus ingleses do século 18 de uma “autoridade espiritual e psíquica” do domínio paternal constituía o “elo mais fraco do sistema”.

Nos séculos XVI e XVII, o puritanismo decidira destruir os laços de idolatria e superstição – as capelas à beira da estrada, as igrejas pomposas, os cultos milagrosos locais, as práticas supersticiosas, o clero confessional – que, como ainda hoje se pode ver na Irlanda ou em parte da Europa meridional, são capazes de infundir no povo um temor reverente. A Restauração não conseguiu recuperar o tecido da idolatria papista, que, de qualquer modo, nunca despertara grande entusiasmo na Inglaterra. Mas a Restauração realmente afrouxou os novos laços de disciplina que o puritanismo introduzira em seu lugar. Quase não há dúvida de que o início do século XVIII presenciou um grande recuo do puritanismo, bem como a diminuição do número de seguidores puritanos populares até mesmo naqueles centros de artesãos que tinham alimentado às facções da Guerra Civil. Como resultado, os pobres tiveram acesso a alguma liberdade, ainda que de tipo negativo – libertaram-se da disciplina psíquica e da superstição moral do clero ou dos presbíteros.¹³

¹² Thompson, E. *A Peculiaridade dos Ingleses e Outros Artigos*, p. 53-54.

¹³ Thompson, E. *Costumes em Comum*, p. 50-51.

Na medida em que contribuía para o afastamento do domínio psíquico e espiritual, a tradição dissidente influenciou na cultura popular britânica através da estruturação de um comportamento autogestionário e de autonomia local dos trabalhadores. Como relata *O Cristão e o Demônio*, qualquer tendência de centralização na igreja era rechaçada, no século 18, como “produtora de grande apostasia anticristã”.

Sendo assim, a dissidência religiosa inglesa encontra-se no centro da experiência tradicional dos trabalhadores. A religiosidade, para Thompson, não se constitui numa dimensão meramente alienante, mas antes um campo de forças e embates de projetos sociais de forte significado histórico.

O século 18 dos trabalhadores ingleses aparece na narrativa histórica de Thompson articulado à presença constante do “revivalismo religioso” que, num contexto promissor (como aquele do final do século), poderia transformar o “quietismo político” numa situação social com novas idéias, não-ortodoxas. Essa nova situação, bem entendia Thompson, poderia surgir num velho leitor de *o Progresso do Peregrino*, ou num crente seguidor com ideais milenaristas.

Tudo indica, portanto, que, para Thompson, a consciência religiosa era pensada como um momento fundamental da tradição popular, momento em que os grupos sociais atuavam com um vocabulário religioso diante de experiências que, na maioria das vezes, não se constituíam de “religião” simplesmente, mas que faziam parte de experiências mais amplas da vida social.

Quando Thompson escreveu o artigo *An Open Letter to Leszek Kolakowski*, se expressou em torno dessa concepção de “consciência religiosa”. Dizia Thompson que, ao tratar a consciência religiosa como “irrepreensível”, como uma “auto-identificação confortável”, mas “ainda imperfeitamente definida”, Kolakowski não apresentava todas as dimensões possíveis num comportamento humano.

If “irreplaceable” is a statement not of fact but an imputation of value then it is a very different order of statement. If you imply that the religious consciousness was, is, and by implication may always be “irreplaceable”, because it fulfils some intrinsic human need – and a profoundly significant and valued need (since who would deny that

men should "self-identify" and be allowed to see themselves whole?) – then we are directed to an argument far too large to pursue, an argument, moreover, which entails so many insertions of normative judgements that it could not be pursued by logical means alone.¹⁴

Nas considerações de Thompson, a tradição dissidente aparece destituída de um sentido pejorativo ou absolutamente "negativo". Os desdobramentos de um "julgamento normativo" acerca da consciência religiosa, para a concepção de Thompson, impedem a apreensão das diferentes lógicas que caracterizam o comportamento humano.

Da mesma forma, não se deve esperar encontrar em Thompson um sentido de tradição religiosa caracterizado exclusivamente pelos elementos que contribuam "positivamente" com a formação da classe operária. O "papel do metodismo" expresso em *A Formação da Classe Operária Inglesa* é, nesse sentido, um desconfirmador dos que vêm na "leitura thompsoniana" uma visão "adocicada" da religião.

Como visto acima, John Wesley e seus seguidores foram apresentados como co-participantes de uma "reação política" dos anos 1790. O metodismo wesleyano foi visto por Thompson como uma combinação rara de "democracia e disciplina, doutrina e emotividade".

Pode-se inferir de sua visão acerca do metodismo, um momento de um debate marcante que ocorreu no período da publicação de *A Formação da Classe Operária Inglesa* e que tinha por problemática central a definição do papel que o metodismo desempenhou nas lutas de classes. Mais precisamente, Thompson procura articular em seu discurso histórico uma consideração acerca do metodismo inglês como um momento da experiência social dos trabalhadores que se viam diante de uma conjuntura política e econômica particularmente convulsiva, diante da qual o metodismo aparecia (na narrativa de Thompson) como uma experiência religiosa de central importância.

O "papel do metodismo" na cultura popular britânica vinha sendo debatido por historiadores durante os anos que antecederam o surgimento de

¹⁴ Thompson, E. "An Open Letter to Leszek Kolakowski" In: _____. *The Poverty of Theory and Others Essays*. London: Merlin, 1978, p. 218.

A Formação da Classe Operária Inglesa. Eric Hobsbawn, ao publicar "O metodismo e a ameaça de revolução na Inglaterra", demonstrava, por exemplo, que o período de ascensão do radicalismo inglês, no final do século 18, havia coincidido com um crescimento também bastante significativo do metodismo, o que, de certa forma, parece desconfirmar as teses dos que viam na experiência metodista uma espécie de impeditivo para uma crise revolucionária, que parecia eminente naqueles anos de revolução industrial¹⁵.

R. Currie e R. M. Hartwell, em uma resenha crítica a *Formação da Classe Operária Inglesa*, consideraram que o tratamento de Thompson apresentava uma interpretação inapropriada acerca do "papel do metodismo". Thompson, segundo esses críticos, haveria demonstrado que o metodismo frustrara a revolução na Inglaterra:

*The Methodists... were really frustrated revolutionaries; being prevented from dying on the barricades, they trooped into the chapels; vaintly thirsting for the blood of the bourgeois, they consoled themselves by bawling about the Blood of the Lamb.*¹⁶

No *Postscript* de 1968 (publicado na segunda edição de *A Formação da Classe Operária Inglesa*), Thompson contestou essa caracterização de sua abordagem, dizendo que, "de fato, a influência política direta do metodismo foi um interesse apenas secundário para mim quando escrevi os capítulos 2 e 11 [de *A Formação*]". Thompson, ao considerar os aspectos "reacionários" do wesleyanismo, não tinha, dessa forma, como pretensão *caracterizar* o movimento metodista, mas antes "dirigir a atenção para o choque cultural verificado na transição para o industrialismo maduro".

Methodism's function as a carrier of work-discipline was shared with Evangelicalism more generally, but in no other church is it to be seen so clearly. The Wesleyans first, and the Primitive Methodists after them, repeatedly sought for outright confrontations with the older, half-pagan popular culture, with its fairs, its sports, its drinks, and its picaresque hedonism.

A atenção de Thompson, quanto à consciência religiosa, também aqui, procura se voltar contra os "julgamentos normativos". São as experiências,

¹⁵ E. Hobsbawn, *Os Trabalhadores*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

¹⁶ R. Currie e R. M. Hartwell, "The Making of the English Working Class?" *Economic History Review*, 1965, cit. in. E. Thompson, *The Making of the English Working Class*, London: Penguin, 1968, p. 917.

enquanto componentes de relações sociais, que fazem do metodismo um objeto de interesse na narrativa de Thompson.

We may agree, with one historian of Methodism, that the life of the chapel did (for many people at many places) offer 'to the lonely and insecure a whole network of intimate social relationships'.

Dessa forma, Thompson percebia, no metodismo, mais uma expressão do revivalismo religioso que a tradição do século 18 deixava como herança aos trabalhadores britânicos. E, como um elemento de tradição, como uma experiência, o revivalismo metodista, para a concepção de Thompson, “não é um fenômeno que admite uma singular explicação”.

Além disso, Thompson percebeu que era preciso, para se entender o “papel do metodismo”, demonstrar que, como experiência religiosa, o revivalismo significava também um “deslocamento de energias”.

In this case the revivalism may be seen, immediatly, as a displacement of energies from 'temporal' to other-worldly concerns: but the village chapel, with its self-discipline and its resistance to deference, became the seed-bed from which the next generation of rural radicals and trade unionists would arise.¹⁷

Em *O Cristão e o Demônio*, Thompson ressalta no patrimônio cultural milenarista uma outra ligação tradicional cara à formação da classe operária: a liberdade de consciência constitui-se no valor mais importante resgatado pela imagética quiliasta.

O milenarismo pode ser pensado como uma das mais influentes fontes para a consciência libertária de Thompson. Ao longo de sua obra, em diversos momentos, ressalta os valores dessa tradição que, em *A Formação da Classe Operária Inglesa*, se apresenta ao leitor através de um complexo exercício de resgate, como uma tradição “obscura” e “subterrânea”.

Foram aqueles valores, expressos nos discursos e práticas milenaristas, bem como no texto de *O Progresso do Peregrino*, que Thompson localizou em variados momentos históricos da luta operária, caracterizando uma face antinômica na história dos trabalhadores ingleses.

¹⁷ E. Thompson, *Op. cit.*, p. 917-919.

Mesmo não havendo, em *A Formação da Classe Operária Inglesa*, um tratamento detido sobre a relação direta entre a imagética milenarista e a literatura dissidente e radical inglesa, é possível, entretanto, através da comparação com outros textos e obras de Thompson, perceber uma singularmente importante ligação dessa tradição com a experiência literária e biográfica de William Blake.

Assim, em *Witness Against the Beast* (1993), última obra escrita e publicada por Thompson ainda vivo, a relação entre a tradição milenarista e antinômica inglesa com a obra de William Blake é articulada através de uma sugestiva análise. Thompson considera Blake um herdeiro direto de John Bunyan (autor de *Progresso do Peregrino*).

In this episode, Bunyan is marking out a path which leads directly to antinomian conclusions, and which takes us, equally directly, into the structure of Blake's thought. We will not delay now to enquire how far John Bunyan endorsed these conclusions, or how far he hedged around his antinomian premises with doctrinal reservations. We will note only that this episode of temptation carries us into a characteristic diagram of oppositions:

<i>Works</i>	versus	<i>Faith</i>
<i>Morality</i>		<i>The Cross</i>
<i>Legality</i>		<i>The Gospel of Forgiveness of Sins</i>
<i>Bondage</i>		<i>Freedom</i>

And, if the path of Legality be taken, then it leads on to formalism, carnal policy, opportunism and, finally, to mere simpering Civility.

I will also argue that the doctrine of justification by faith, in its antinomian inflexion, was one of the most radical and potentially subversive of the vectors which carried the ideas of seventeenth-century Levellers and Ranters through to the next century.¹⁸

Dessa forma, entre os dois extremos do comportamento religioso inglês – o metodismo e sua disciplina rígida, o milenarismo e seu caráter antinômico – , Thompson procurou localizar momentos variados – gradações – da consciência e experiência religiosas.

¹⁸ E. Thompson, *Witness Against the Beast: William Blake and the Moral Law*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 4-5.

3. 4. 2. Sobre as Atitudes Subpolíticas

No que diz respeito à tradição da ação direta das multidões inglesas durante os anos que precederam a Era das Revoluções (para empregar os termos de Eric Hobsbawm), ao longo das últimas décadas – e, em parte, devido aos estudos de Thompson –, esse tem sido um tema que vem assumindo um papel importante na historiografia social¹⁹. Após a publicação de *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Thompson deu início a uma investigação mais sistemática sobre o assunto que, em seu livro de 1963, foi considerado apenas em traços largos. *A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII* seria publicada em 1971 em *Past and Present*. Sobre isso, Thompson afirma:

Embora tenha sido publicado pela primeira vez em 1971, comecei a trabalhar nele em 1963, enquanto aguardava as provas de *A formação da classe operária inglesa*. Iniciou-se então o projeto de um estudo em conjunto sobre os motins da fome na Inglaterra e na França na década de 1790, em colaboração com Richard Cobb, que publicou em 1964 o seu excelente *Terreur et subsistences, 1793-1795* [Terra e subsistências, 1793-1795].²⁰

Dessa forma, explica Thompson que o tema das multidões e da economia moral foi “um empreendimento central para os meus interesses de pesquisa durante quase dez anos”. Sendo assim, *As Fortalezas de Satanás* dá início a um momento marcante na trajetória intelectual de E. P. Thompson.

Como visto acima, *As Fortalezas de Satanás* inicia com algumas considerações metodológicas relevantes, quando Thompson argumenta em prol de uma “leitura satânica” para constituir um entendimento das “maiorias inarticuladas” com seus “valores brechtianos”. Tais considerações metodológicas chamam atenção para o fato de que, em larga escala, o tratamento histórico e teórico das classes subalternas encontra-se vinculado a sentidos históricos deveras marcados por “julgamentos normativos” estranhos

¹⁹ Ver M. Pamplona. “A Historiografia sobre o Protesto Popular: Uma Contribuição para o Estudo das Revoltas Urbanas” In: *Estudos Históricos*, vol. 9, nº 17, 1996.

²⁰ E. Thompson. *Costumes em Comum*, p. 203-204.

às lógicas dos grupos sociais, considerações características de concepções históricas “vistas de cima”²¹.

As “maiorias sem linguagem articulada” constituem, para Thompson, um setor social cujo estudo torna-se central para o entendimento da história do movimento operário. São a esses elementos do povo, que no século 19 viriam a conformar as “classes perigosas” das cidades industriais europeias²², que Thompson procura dar visibilidade através de atitudes qualificadas pelo autor como “subpolíticas”.

Sendo assim, o termo “subpolítico” surge na obra de Thompson como um recurso de compreensão de processos marcadamente obscuros para o conhecimento histórico, uma vez que as práticas dos trabalhadores não se expressavam em formas “políticas” típicas, como as participações em eleições, pressões parlamentares ou campanhas sindicais regulares, características do movimento operário do século 19²³.

Nesse aspecto, emerge do texto de Thompson, mais uma vez, uma problemática que toca em questões importantes, tanto para a historiografia de esquerda, quanto para os debates do movimento comunista. No capítulo anterior, apresentei como Hobsbawn, em 1957, no seu livro *Rebeldes Primitivos*, via alguns movimentos populares europeus como “pré-políticos”.

²¹ Metodologicamente, parecem ser muito próximas as perspectivas expressas por Thompson e aquelas de Carlo Ginzburg com o “seu” paradigma indiciário. “Mas o mesmo paradigma indiciário usados para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem uma estrutura social como a do capitalismo maduro. (...) Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.” Cf. C. Ginzburg. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. Tradução: Federico Carotti, 3 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 177.

²² Cf. M. Bresciani. *Londres e Paris no Século XIX: O Espetáculo da Pobreza*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 110; S. Chalhoub. *Cidade Febril. Cortiços e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 20-21.

²³ Em um depoimento esclarecedor, Mercedes Vilanova – falando acerca de suas pesquisas que buscavam estudar militantes e maioria durante as lutas da guerra civil espanhola – afirma: “Constatee as dificuldades em estudar esta relação, em parte, porque na época franquista era muito difícil ter acesso às fontes, e também a história escrita estava errada, pois retratava somente o ponto de vista do militante. As maiorias não falam ou, se falam nós, os acadêmicos, não as entendemos, *somos surdos à palavra da maioria*.” (“Entrevista – Mercedes Vilanova” In: *Projeto História*, 12, 1995, p. 157.) Também E. Hobsbawn indica algumas peculiaridades da nova historiografia social que procura estudar os movimentos dos trabalhadores para além da história dos líderes e militantes em “A História de Baixo para Cima” In: *Sobre História: Ensaio*. Tradução: Cid Knipel Moreira, 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

Hobsbawn chegou a qualificar os sujeitos presentes nos protestos populares do século 18 (e também em algumas manifestações "primitivas" dos séculos 19 e 20) como "pessoas pré-políticas, que ainda não tinham encontrado, ou apenas começavam a encontrar, uma linguagem específica, através da qual iriam expressar as suas aspirações em relação ao mundo"²⁴.

Mesmo não entrando explicitamente em polêmica com Hobsbawn, o texto de Thompson sugere que o termo "subpolítico" constitui uma categoria alternativa para as noções, hegemônicas nos meios acadêmicos, que viam nas atitudes das multidões camponesas, no banditismo social, nos rituais operários e populares, expressões de uma condição "primitiva" da classe operária. Ao menos é o que se vê presente na narrativa de Thompson quando apresenta sua concordância parcial com as considerações de George Rudé, ao qualificar as ações das multidões na Inglaterra e França pré-industriais como expressões de uma "multidão revolucionária", e não de "turbas" ou "bandos a soldo agindo a favor de interesses externos".

A expressão "turba" (*mob*), já demonstrava Rudé em *A Multidão na Revolução Francesa*, carrega consigo sentidos e juízos de valor estranhos aos atores sociais que participavam dos protestos; é um termo próprio de uma visão de fora ou de cima em relação aos processos históricos e seus atores mais diretos²⁵.

Na abordagem de Thompson, encontra-se, assim, uma busca pela reconstituição histórica dos sentidos racionais presentes nas atitudes "subpolíticas" das multidões, que marcaram, entre as últimas décadas do século 18 e as primeiras do século 19, as lutas dos trabalhadores ingleses. *A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII* iniciaria com algumas considerações importantes nesse sentido:

²⁴ E. Hobsbawn. *Rebeldes Primitivos: Estudos sobre Formas Arcaicas de Movimentos Sociais nos Séculos XIX e XX*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970, p. 2. Cf. E. de Decca. "Rebeldia e Revolução na História Social" In: BRESCIANI, M. (org.) *Jogos da Política: Imagens, Representações e Práticas*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992.

²⁵ G. Rudé. *La Foule dans la Revolution Française*. Tradução: Albert Jordan. Paris: François Maspero, 1982; _____. *Ideologia e Protesto Popular*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Nos últimos anos, George Rudé e outros têm nos alertado sobre o emprego vago do termo “turba” [*mob*]. Neste capítulo, desejo estender o alerta ao termo “motim” [*riot*], especialmente no que se refere aos “motins da fome” [*food riots*] na Inglaterra do século XVIII.

E acrescentava, referindo-se aos que se valiam dessas noções acerca da multidão e suas atitudes:

Segundo essa visão, dificilmente se pode tomar a gente comum como agente histórico antes da Revolução Francesa. Antes desse período, ela se intromete ocasionalmente e espasmodicamente na cena histórica, em períodos de repentina perturbação social. Essas intromissões são antes compulsivas que conscientes ou auto-ativadas: não passam de reações aos estímulos econômicos. Basta mencionar uma colheita malograda ou uma tendência de baixa no mercado, e todos os requisitos da explicação histórica são satisfeitos.²⁶

“Pré-políticos”, “primitivos” ou “espasmódicos”, para Thompson, são qualificativos desviantes da compreensão histórica, expressões de “julgamentos normativos” que impõem limites para o estudo da tradição dos protestos sociais que se valiam da pressão massiva dos trabalhadores nas ruas, muitas vezes violenta.

Sinto-me tentado a relacionar essas preocupações de Thompson com aquelas de Georges Lefebvre que, em 1934, na “*Semaine de synthèse*”, apresentava uma comunicação intitulada *Les Foules Révolutionnaires (As Multidões Revolucionárias)*. De acordo com seus argumentos, Lefebvre demonstrava como os méritos dos estudos históricos acerca das multidões influenciados pelas pesquisas de Le Bon – *Psychologie des Foules* (1895) e *La Révolution Française et la Psychologie des Révolutions* (1912) – não iam além de uma identificação superficial e confusa da presença dos aglomerados humanos durante os processos revolucionários na França. Le Bon considerava que as multidões francesas comportavam-se como se estivessem dotadas de um “contágio mental” (*contagion mentale*). “A própria noção de multidão”, considerava Lefebvre, “não era esclarecida” nos estudos de Le Bon²⁷.

Em contraposição a essa perspectiva de Le Bon, Georges Lefebvre argumentava que o conhecimento histórico possuía elementos para um

²⁶ E. Thompson, *Costumes em Comum*, p. 150.

²⁷ G. Lefebvre. “Les Foules Révolutionnaires” In: *La Grande Peur de 1789*. Paris: Armand Colin, s/d., p. 243.

entendimento menos superficial sobre as multidões. Mais que isso, acreditava o historiador francês que, nas ações das multidões revolucionárias, encontrava-se em curso a formação de uma "mentalidade coletiva" (*mentalité collective*).

*Dès que l'agitation révolutionnaire commence, un des traits propres de la conversation, qui est de déformer les nouvelles, exerce une influence puissante sur l'évolution de la mentalité collective: les nouvelles sont transformées de manière à s'harmoniser avec elle, et, ainsi, elles viennent en confirmer les notions constitutives et surexciter les éléments émotifs.*²⁸

E. P. Thompson, como George Rudé e G. Lefebvre, compreendia que as atitudes das aglomerações humanas nas praças, mercados, saídas das igrejas e fábricas etc. contra alguns procedimentos considerados injustos ou imorais não constituíam "ações turbulentas", mas eram antes movimentos dotados de uma *racionalidade* própria. Falando sobre os "motins da fome" ingleses, Thompson afirmava:

Os motins são geralmente uma resposta racional, que não acontece entre os indefesos ou sem esperanças, mas entre grupos que se sentem com um pouco de poder para tomar os viveres de que precisam quando os preços vão às alturas, os empregos desaparecem e eles vêem o seu suprimento de alimentos básicos ser exportado.²⁹

Thompson procurou estudar essas "respostas racionais" das ações das multidões inglesas através daquilo que chamou de "economia moral". A economia moral da multidão inglesa foi definida por Thompson como um "padrão" econômico popular que tinha por base o "modelo paternalista" possuidor de

uma existência ideal e, igualmente, uma existência real fragmentária. Nos anos de boas colheitas e preços moderados, as autoridades caíam no esquecimento. Mas se os preços subiam e os pobres se tornavam turbulentos, o modelo era ressuscitado, pelo menos para produzir o efeito simbólico.

De acordo com Thompson, as lutas do século 18 na Inglaterra se deram através do "nexo do pão".

O conflito econômico das classes na Inglaterra do século XIX encontrou sua expressão característica na questão dos salários; no

²⁸ Idem, p. 253.

²⁹ E. Thompson, *Op. cit.*, p. 207.

século XVIII, os trabalhadores mobilizavam-se rapidamente e partiam para a ação por causa do aumento dos preços.

Recompondo a economia moral através dos protestos camponeses e urbanos – que denunciavam a exportação de grãos em períodos de escassez, a venda por amostragem nos mercados, o monopólio crescente do comércio, mas que também empreendiam a intervenção direta, saqueando grãos e pães daqueles que praticavam vendas “imorais”, muitas vezes ameaçando padeiros, moleiros e comerciantes através de cartas anônimas e outros meios de expressão – Thompson demonstrou os modos como os plebeus ingleses agiam quando a fome ameaçava os pobres em anos de fracas colheitas. A existência de uma economia moral na Inglaterra mostrava também que o novo modelo da economia política (expresso nas obras de Adam Smith) “significava mais um antimodelo do que um modelo novo – uma negativa direta das políticas desintegradoras de “provisão” no reinado dos Tudor”³⁰.

A intensa luta travada entre a economia moral e a nova economia política do *laissez-faire* figura como um importante elemento da tradição dos protestos ingleses. Quando, em *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Thompson afirmava existir, na última década do século 18, “um esforço desesperado do povo para reimpôr a economia moral mais antiga”, localizava aqueles momentos históricos que delimitaram o patrimônio cultural das classes subalternas dotados de uma intensa e complexa noção popular de justiça.

Assim como Georges Lefebvre localizou nas multidões francesas uma “mentalidade coletiva” sendo gestada, Thompson viu que a economia moral delimitava uma racionalidade nos protestos sociais “subpolíticos” que conformavam uma rica noção de legitimidade entre os trabalhadores ingleses. A tradição presente nas ações diretas, na abordagem de Thompson, afasta os juízos de valor dotados de “propósitos pejorativos”³¹.

³⁰ Idem, p. 153-161; Cf. F. Neves. “Economia Moral versus Moral Econômica (Ou: O que é Economicamente Correto para os Pobres?)” In: *Projeto História*, 16, 1998.

³¹ Devido ao fato de as noções de legitimidade presentes nas ações diretas das multidões estarem intimamente relacionadas com as noções do “constitucionalismo” inglês, escolhi analisá-las apenas no próximo sub-item, quando trato da tradição do “inglês livre de nascimento”, apesar de Thompson estudá-las já no capítulo *As Fortalezas de Satanás*.

As considerações de Eric Hobsbawn acerca da noção dos comportamentos “pré-políticos” dos camponeses parece constituir um contraponto esclarecedor sobre o entendimento de E. P. Thompson das atitudes “subpolíticas” dos trabalhadores ingleses, uma vez que a opção de definição de Hobsbawn foi, na historiografia social, objeto de polêmicas muito mais acirradas³². O contraste entre Thompson e Hobsbawn destaca-se, por exemplo, quanto ao que cada um desses autores entendeu por “desenvolvimento moderno do teatro da política”. Hobsbawn, em entrevista realizada em Londres (7 de fevereiro de 1989) concedida a Margarida Maria Moura e Gerson Moura, demonstrando um certo cuidado e também uma certa reconsideração sobre o emprego polêmico do termo “pré-político”, afirmou:

Eu não utilizaria mais este termo sem uma qualificação bastante cuidadosa. O que eu queria dizer não era que as pessoas não eram de nenhum modo políticas, mas que eram políticas antes da invenção da terminologia, do contexto moderno e do complexo institucional da política – o cenário moderno, o teatro moderno da política; o drama moderno da política. É algo que, em geral, não existiu até o final do século XVIII, até a era das grandes revoluções. Antes, é lógico, não é que não houvesse qualquer política. É que simplesmente a política operava de uma maneira diferente e, eu diria, muito freqüentemente de modo muito mais limitado, porque havia muito menos possibilidade de influenciar autoridades que tomavam decisões em larga escala. Nessa perspectiva, existe um sentido muito importante. Contudo, mesmo depois do desenvolvimento do moderno teatro da política, de seu cenário e de seus enredos, há uma série de processos, movimentos sociais e classes que num certo sentido representam os velhos enredos. Não estão ainda habituados a operar no novo modo, ainda pensam à moda antiga. Nesta medida, o conceito de pré-político persiste e mantém sua força.³³

Assim, Hobsbawn, ainda que reconsiderando suas antigas concepções, mantém uma perspectiva sobre as atitudes “pré-políticas” dos trabalhadores como um “modo muito mais limitado” de pressionar as “autoridades que tomavam decisões em larga escala”.

E. P. Thompson, na medida que sustenta uma perspectiva histórica mais sensível às “causas perdidas” e aos “becos sem saída” das classes subalternas, constrói uma concepção contrastante à de Hobsbawn sobre os

³² Cf. M. Pamplona. “A Historiografia sobre o Protesto Popular: Uma Contribuição para o Estudo das Revoltas Urbanas” In: *Op. cit.*, p. 215-238.

³³ E. Hobsbawn. “Uma entrevista com Eric. J. Hobsbawn” In: *Estudos Históricos*, vol. 3, nº 6, 1990, p. 271.

comportamentos dos trabalhadores no século 18. No momento em que considera as ações das multidões como uma *tradição*, e aponta para um sentido de continuidade histórica entre as práticas sociais do século 18 e 19, orienta o leitor para uma visão mais afeita a considerar os processos históricos nos termos de seus próprios contextos, e não, como Hobsbawn, a partir de um “desenvolvimento do moderno teatro da política”. Na sessão final de *A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII*, Thompson parece demonstrar isso quando escreve:

Espero que um quadro um pouco diferente do habitual tenha emergido desse ensaio. Não tentei descrever um espasmo involuntário, mas um padrão de comportamento que não envergonharia um ilhéu de Trobriand.³⁴

Não é verdade, por outro lado, que Thompson desconsidere qualquer mudança de fundo entre os comportamentos dos trabalhadores do século 18 e aqueles do século 19, durante e após a Revolução Industrial. Quando, em *As Fortalezas de Satanás*, afirmava que os motins wilkistas estavam “a meio caminho do surgimento de uma consciência política popular”, Thompson demonstrava isso. Não obstante, pode-se dizer que, de seu ponto de vista, essa transição, essa mudança histórica, é constituída de experiências localizadas no interior de *um* processo histórico que conforma a própria formação da classe operária; uma transformação ocorrendo dentro de uma continuidade.

Thompson também considera, por vezes, muito generalizante a identificação que George Rudé faz da “multidão revolucionária”. Rudé parece não oferecer argumentos que demonstrem que alguns dos protestos sociais tradicionais eram muito mais “a utilização deliberada da multidão como instrumento de pressão, por pessoas ‘acima’ ou à parte da multidão” que uma manifestação mais ou menos espontânea dos trabalhadores. A narrativa de Thompson, muitas vezes, apresenta momentos da história popular inglesa em que as multidões demonstraram possuir um comportamento “turbulento”, no sentido de agirem de acordo com comportamentos estranhos aos interesses

³⁴ E. Thompson. *Op. cit.*, p. 198.

dos trabalhadores. É o que se verifica nos motins “Igreja e Rei”, diversas vezes mobilizados contra os movimentos jacobinos no final do século 18.

No discurso pluridimensional de Thompson, a tradição das ações das multidões, presente na formação da classe operária inglesa, também não parece ser compreendida através de “julgamentos normativos”³⁵.

3. 4. 3. O Código Não-Escrito do Povo Trabalhador

A tradição do “inglês livre de nascimento”, um “consenso moral” do povo inglês, foi apresentada por Thompson também como um elemento das atitudes “subpolíticas” das classes trabalhadoras. Na conjuntura histórica dos anos finais do século 18, Edward Thompson identificou mudanças no sentimento popular.

Como visto acima, Thompson definiu um “consenso moral” presente entre o povo inglês em oposição à “corrupção da Constituição”. Esse constitucionalismo britânico conformou um importante traço cultural dos trabalhadores ingleses que, nos anos de 1790, iria sofrer – com o impacto da Revolução Francesa, o exemplo negativo de Edmund Burke e a grande influência de Thomas Paine – uma significativa transformação.

Como uma mudança localizada nas atitudes “subpolíticas”, os trabalhadores britânicos conformaram um padrão de legitimidade complexo em suas ações de protestos. E. P. Thompson chamou atenção para o “código não-escrito” do povo, que estava por trás das práticas sociais.

³⁵ *Dal porque não me preocupei aqui em definir positivamente os conceitos de “subpolítico” e “político” para Thompson (nem se é verdade ou não que Thompson admite o emprego de termos como de “turba” para alguns protestos), preferindo ressaltar que o autor interessa-se mais em localizar a tradição das atitudes das multidões como um processo eminentemente histórico. Isso parece ser reforçado por outras passagens da obra de Thompson, onde o historiador inglês resalta que, muitas vezes, é irrelevante a caracterização de sociedades “industriais” e “pré-industriais”, o que obscurece permanências de comportamentos sociais entre um e outro tipos de sociedade. Cf. E. Thompson. “La Sociedad Inglesa del Siglo 18: Lucha de Clases sin Clases?” In: *Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase*, 1989.*

A tradição do “inglês livre de nascimento” demarca um traço cultural importante também porque localiza um tratamento característico da obra de E. P. Thompson. O constitucionalismo do povo britânico destaca um processo histórico central no século 18, onde as noções de direito, crime e justiça localizam um terreno de lutas importante. Num livro posterior – *Senhores e Caçadores* – Thompson chamaria de “domínio da lei” essa esfera histórica que ampliou a compreensão da sociedade inglesa no século 18.

Esta obra, publicada em 1975, procura apresentar, num exercício de interpretação sobre um amplo conjunto de evidências, a sociedade inglesa que vivia nas fronteiras das grandes florestas e parques oficiais, na conjuntura da elaboração e aprovação da Lei Negra (1723), medida jurídica que inaugurava um período de execuções capitais de rigor inédito. A Lei Negra visava reprimir principalmente as ações de caçadores clandestinos que, reivindicando usos costumeiros consolidados em décadas ou séculos de história, transpunham as fronteiras dos parques e florestas da Coroa e de lá retiravam cervos, galhos, lenha, peixes e diversos outros produtos silvestres.

A Lei Negra fundava um conflito com conseqüências profundas entre os florestanos ingleses e os grandes proprietários de terras ao tornar crimes práticas econômicas que representavam mesmo a sobrevivência de famílias inteiras que dependiam dos produtos das florestas e parques. Por seu lado, a *gentry* inglesa passava, com a Lei, a declarar guerra contra todo e qualquer indivíduo que não se adequasse ao novo padrão de propriedade privada que surgia no século 18 na Inglaterra, padrão que se relacionava diretamente aos interesses burgueses de uma aristocracia comercial e agrária ávida por reprimir os costumes pré-capitalistas que interpunham obstáculos ao seu enriquecimento.

Uma problemática seminal da investigação de *Senhores e Caçadores* é a compreensão da real dimensão do que as fontes documentais analisadas referiam-se como uma “emergência” da necessidade de elaboração e aprovação da Lei Negra nos anos 1720. Para a historiografia tradicional, bem como para alguns expoentes marxistas no assunto, a Lei Negra havia sido explicada como parte de uma “necessidade” mais ampla que a sociedade

inglesa enfrentava a partir da mudança nas relações sociais e de produção. Para Thompson, o assunto não se resolvia de maneira tão simples.

Geralmente se supõe que a lei foi aprovada sob a pressão de alguma emergência esmagadora. (...) Mas uma "emergência súbita", cuja data é mal lembrada e cujos traços na imprensa pública da época são tão escassos, é uma hipótese indemonstrável, ainda que reconfortante.³⁶

O que num primeiro momento parece ser uma assertiva lógica, historicamente demonstra-se mais complexa. A Lei Negra não poderia ser explicada, segundo Thompson, apenas como uma conseqüência necessária de uma realidade social exterior. Ao se deparar com as evidências documentais, Thompson não encontra nada que leve a essa avaliação. Pelo contrário, só pôde chegar a uma conclusão: nada indicava haver no período que antecedia imediatamente a aprovação da Lei Negra qualquer "emergência" em termos de aumento acentuado de caça clandestina, ataques armados a guardas florestais, retirada de lenha etc.

Para Thompson, a Lei Negra não era tanto o produto de uma necessidade exterior que clamava por uma medida naqueles moldes, quanto um acontecimento ativo e configurador de um novo tratamento que a *gentry* inglesa passou a ter em relação à propriedade territorial e ao controle social. Dessa forma, Thompson considera:

O que constituía uma "emergência" era a reiterada humilhação pública das autoridades; os ataques simultâneos à propriedade real e privada; a idéia de um movimento confederado que vinha ampliando suas exigências sociais, principalmente sob o "Rei John"; os sintomas de algo próximo a uma guerra classista, com a fidalguia legalista nas áreas afetadas sofrendo ataques, num lastimável isolamento nas suas tentativas de impor a ordem. Se o Rei não conseguia defender suas próprias florestas e parques, e se o Comandante-Chefe interino das forças armadas não conseguia impedir que seu parque sofresse investidas por causa dos cervos, o estado de coisas era deplorável. (...) Era esse deslocamento da autoridade, e não o antigo delito de roubo de cervos, que constituía uma emergência aos olhos do Governo.³⁷

Encontra-se aqui uma outra importante inferência sobre o problema do direito e do crime em Thompson. A investigação histórica dessa "emergência"

³⁶ E. Thompson. *Senhores e Caçadores: A Origem da Lei Negra*. Tradução: Denise Bottmann, 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 24.

³⁷ Idem, p. 246.

permitiu perceber que, em muitos casos, a própria legislação, o próprio corpo jurídico controlado pela aristocracia comercial e agrária provocava o surgimento de práticas criminosas. Problematizando a própria noção de crime formulada pela classe proprietária inglesa contemporânea à Lei Negra, Thompson afirma:

Sabemos alguma coisa sobre os objetivos dos Negros a partir de suas ações, podemos inferir pouca coisa sobre suas motivações, quase nada sabemos de sua organização e deveríamos hesitar antes de nos pronunciar sobre seu valor moral. O perigo, em parte, está em permitir que o juízo moral se antecipe à plena recuperação das evidências e, de fato, contamine as categorias de nossa própria investigação.³⁸

Em outro trabalho, *El Entremado Hereditario* – publicado em 1976, em *Family and Inheritance* –, Thompson investigou as complexas relações sociais e familiares que subsistiam à prática da herança de propriedades territoriais na conjuntura de monopolização crescente do espaço rural inglês. Para Thompson, a prática da herança era muito mais do que uma transferência de propriedades.

*En términos de tierras lo que se transmite a través de los sistemas hereditarios es con mucha frecuencia no tanto la propiedad de las mismas, como la propiedad en usufructo, o un lugar dentro de una compleja gradación de derechos de aprovechamiento. Es la tenencia – y en ocasiones las funciones y roles que conlleva la misma – lo que se transmite.*³⁹

Nesse artigo, Thompson se preocupa em demonstrar como a própria noção de propriedade territorial se transforma com o processo em curso de monetarização da economia rural inglesa durante o século 18. Observando que os antigos costumes eram definidores dos padrões econômicos, principalmente para o pequeno campesinato, Thompson leva em consideração os conflitos jurídicos travados em torno da manutenção do usufruto sobre as propriedades comunais que persistiam na sociedade inglesa.

Hacia comienzos del siglo XVIII, tenemos la impresión de que hubo un conflicto que se hacía progresivamente más profundo (si bien tapado y confuso), sobre la naturaleza misma de la propiedad territorial, una brecha cada vez más ancha entre las definiciones del

³⁸ Idem, p. 248-249.

³⁹ E. Thompson. "El Entremado Hereditario" In: *Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase*, p. 135-136.

*derecho y la costumbre local – y por costumbre no sólo entendido lo que dijera custumal, sino la realidad más densa de la práctica social.*⁴⁰

Na sociedade inglesa do século 18, os conflitos jurídicos em torno da herança de terras explicitavam importantes diferenças entre os antagonistas. Ao lavrador interessava possuir não somente a propriedade territorial herdada, mas também a complexa trama de usos que os costumes comunais conferiam. E eram exatamente esses costumes que estavam sendo solapados.

Thompson, sobre isso, ressalta o fato de que não foram apenas os cercamentos que sustentaram tal processo. No interior da trama hereditária, Thompson chamava atenção para a necessidade que a *gentry* inglesa possuía em *legitimar* seus novos padrões sociais e econômicos, criando mecanismos legais para controlar o acesso à terra sem atingir antigas relações paternalistas que representavam, ainda, naquele período de transição, vantagens para o empregador agrário. Uma “lógica cartesiana”, dizia Thompson, não consegue demonstrar a complexidade do processo histórico em curso.

Apenas em *Costume, Lei e Direito Comum*, capítulo segundo de *Costumes em Comum*, entretanto, encontramos um maior desdobramento da relação que Thompson estabelece entre a justiça e os costumes locais. Neste escrito, temos uma melhor definição acerca do costume, um problema que esteve cada vez mais presente nos seus últimos trabalhos.

Na interface da lei com a prática agrária, encontramos o costume. O próprio costume é a interface, pois podemos considerá-lo como práxis e igualmente como a lei. A sua fonte é a práxis.

Thompson ressalta que não podemos compreender o costume como um *fato*. Sua explicação leva em consideração o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu, pois, segundo Thompson, é esse conceito que nos sugere a situação de ambiência que o costume compõe:

um ambiente vivido que inclui práticas, expectativas herdadas, regras que não só impunham limites aos usos como revelavam possibilidades, normas e sanções tanto da lei como das pressões da vizinhança.

⁴⁰ Idem, p. 145.

Na verdade, Thompson tenta sempre frisar o fato de que todo o contexto social que envolve costumes é uma zona de tensão, onde cada grupo “procura maximizar suas vantagens”. Na defesa de seus costumes, os pobres lutavam em nome da justiça. E o que percebemos é que, durante esse período, a sociedade inglesa assistiu a uma divisão cada vez mais profunda entre as noções plebéia e patricia de justiça. Por um lado, os pobres procuraram assegurar os usos consagrados derrubando muros, percorrendo caminhos e retirando das terras comunais tudo o que antes era de livre acesso. Já para a oligarquia agrária e comercial, que galgava posições no poder, essas práticas foram consideradas cada vez mais insuportáveis.

Pois o costume também pode ser visto como um lugar de conflito de classes, na interface da prática agrária com o poder político.⁴¹

Sendo assim, percebe-se que as temáticas do direito, do costume e a noção popular de legitimidade conformam dimensões centrais na obra de Thompson. Em *Senhores e Caçadores*, afirma que “o direito importa”, e isso no sentido de demonstrar que, sem explorar esse aspecto da sociedade, não podemos compreender realmente o passado da Inglaterra.

*En la Inglaterra del siglo XVIII las leyes proporcionan el más formidable teatro del control, y Tyburn y otros lugares públicos de ejecución, los momentos más dramáticos.*⁴²

As noções populares de legitimidade presentes nas atitudes “subpolíticas” assumem, dessa maneira, uma forma bastante complexa de comportamento social na obra de Thompson. É possível definir que Thompson procura, em *A Formação da Classe Operária Inglesa* e em suas pesquisas subsequentes, destacar das tradições sustentadas por costumes comuns experiências significativas de lutas, experiências que foram fundamentais na configuração dos novos padrões de comportamento, presentes na formação da classe operária⁴³.

⁴¹ E. Thompson. *Costumes em Comum*, p. 86-95.

⁴² E. Thompson. “Folklor, Antropologia y Historia Social” In: *Op. cit.*, p. 73.

⁴³ Cf. Douglas Hay, em F. Snyder & D. Hay. “Comparisons in the Social History of Law: Labour and Crime” In: *Labour, Law, and Crime: An Historical Perspective*. London and New York: Tavistock Publications, s/d.; P. Linebaugh. “Crime e Industrialização: A Grã-Bretanha no Século XVIII” In: P. Pinheiro. *Crime, Violência e Poder.*; T. Cândido. “Fazendo Justiça: E. P. Thompson, o Crime e o Direito” In: *Revista Eletrônica Mneme*, www.seol.com.br/mneme, 2001.

Por fim, é importante ressaltar que há, para Thompson, entre as noções de justiça sustentadas, de um lado, pelas classes proprietárias e, de outro, pelos trabalhadores, significativas diferenças. Destaco aqui a diferença que Thompson aponta entre os códigos escritos e não-escritos. Em *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Thompson localiza a presença de um código não-escrito subjacente às atitudes “subpolíticas” do povo, ressaltando a distância cada vez maior dessas noções populares de legitimidade em relação ao corpo normativo oficial. Sendo assim, ao tratar da tradição popular, Thompson adentra a complexa investigação de dimensões obscuras da cultura popular, elementos de costumes e noções de justiça que se conservavam através da transmissão oral entre os trabalhadores.

Na *Introdução* que escreveu para *Costumes em Comum*, Thompson sugeriu um interessante recurso metodológico no tratamento da “tradição oral”:

As práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares. Sempre que a tradição oral é suplementada pela alfabetização crescente, os produtos impressos de maior circulação – brochuras com baladas populares, almanaques, panfletos, coletâneas de “últimas palavras” e relatos anedóticos de crimes – tendem a se sujeitar a expectativas da cultura oral, em vez de desafiá-las com novas opções.

Ao levantar a problemática de se perceber, não uma sujeição passiva, mas uma esfera de conflito na cultura oral, Thompson chama atenção para os aspectos dinâmicos da linguagem, ordenando argumentos esclarecedores acerca do que, em *A Formação da Classe Operária Inglesa*, ele diz ser “os sem linguagem articulada”. Dessa maneira, afirma Thompson:

Com efeito, embora a linguagem real – por exemplo, o dialeto – tenha sido pouco estudada, entrou na moda presumir que a plebe era em certo sentido determinada pela sua herança lingüística, considerada, por sua vez, uma verdadeira *bricolage* de idéias díspares, derivadas de muitas fontes, mas mantidas no seu lugar pelas categorias patrícias. Os plebeus chegam a ser vistos como prisioneiros da linguagem, compelidos, até mesmo em seus momentos de rebeldia, a mover-se dentro dos parâmetros do constitucionalismo, da Velha Inglaterra, da deferência devida aos líderes do patriciado e do patriarcado.⁴⁴

⁴⁴ E. Thompson. *Costumes em Comum*, p. 18-20.

Dessa maneira, Thompson rejeitaria considerar os “sem linguagem articulada” como pessoas destituídas de racionalidade histórica, como se fossem incapazes de delinear as subseqüentes formações de classe. Thompson, apoiando-se nas idéias de Antônio Gramsci, destacou a “filosofia espontânea” dos trabalhadores.

Pois Gramsci também insistia que essa filosofia não era apenas a apropriação de um indivíduo, mas provinha de experiências compartilhadas no trabalho e nas relações sociais, estando “implícitas na sua atividade e na realidade, unindo-o a todos os companheiros de trabalho na transformação prática do mundo real [...]”.

A tradição dos “sem linguagem articulada”, bem como aquela do “inglês livre de nascimento”, aparece assim numa conformação bastante interessante na obra de Thompson. São elementos da vida do povo trabalhador que fizeram Thompson considerar o século 18 na Inglaterra como dotado de um “paradoxo característico”: “uma cultura tradicional que é, ao mesmo tempo, *rebelde*”⁴⁵.

3. 5. O Lugar da Tradição e da Experiência em *A Formação da Classe Operária Inglesa*

Tradição e experiência situam-se no centro das análises de Edward Thompson, em *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Na primeira parte do livro, sobre a qual buscamos oferecer alguns elementos explicativos, essas dimensões constituem a própria temática central. No último capítulo de *A Árvore da Liberdade*, Thompson articula as experiências do radicalismo inglês pela reforma durante os anos 1790 anunciando ter esse processo tido por base as “tradições dissidentes e libertárias” eminentemente inglesas.

E a agitação dos anos 1790, embora durasse apenas 5 anos (1792-6), foi extraordinariamente intensa e de grande alcance. Alterou as atitudes subpolíticas do povo, afetou os alinhamentos de classe e iniciou tradições que se prolongaram até o século atual. Não foi uma agitação sobre os acontecimentos franceses, embora eles a tenham inspirado e também prejudicado. Foi uma agitação inglesa, de dimensões impressionantes, por uma democracia inglesa. (p. 111)

⁴⁵ E. Thompson. *Costumes em Comum*, p. 18-20.

Ao caracterizar dessa maneira as primeiras lutas do movimento operário inglês, Thompson chama atenção para o fato de que a classe operária formou-se num processo ativo que teve por base tradições e experiências dos próprios trabalhadores ingleses.

Edward Thompson dedicou-se – em *A Formação da Classe Operária Inglesa* e em outros escritos – a reconstruir processos históricos que oferecem uma visão alternativa às “ortodoxias” historiográficas, em geral voltadas a oferecer um retrato da classe operária inglesa que se funda em “julgamentos normativos”.

Os estudos subseqüentes de *A Formação da Classe Operária Inglesa* adquirem, diante das tradições e experiências analisadas na primeira parte do livro, um caráter bastante peculiar. Ao ressaltar que a classe operária “estava presente em seu próprio fazer-se” e assentar esse fazer-se em costumes e comportamentos tradicionais – dotados de um refinado patrimônio cultural –, Thompson demonstra que a classe não se faz entender como um *produto* das alterações presentes no nível das forças produtivas – como o “marxismo ortodoxo”, o qual combatia, procurava explicar. A agitação operária daqueles anos deixa, em Thompson, de ser encarada como ações de uma classe “imatura” e “irracional”. Homens e mulheres passam a ser vistos como sujeitos históricos plenos, mesmo diante de experiências e processos históricos extremamente adversos.

Sem essas digressões de Thompson acerca das tradições dissidentes e libertárias, a visão da formação da classe operária inglesa seria necessariamente outra.

Voltemos agora a Thomas Hardy e os companheiros que se encontraram em “O Sino”, na Exeter Street, em janeiro de 1792. Demos essa longa volta para derrubar as muralhas chinesas que separam o século 18 do 19, e se interpõem entre a história da agitação operária e a história cultural e intelectual do resto da nação. (p. 111)

Considerações Finais

Essa dissertação procurou analisar nas noções de tradição e experiência expressas nos primeiros escritos de Thompson, até a publicação de *A Formação da Classe Operária Inglesa*, alguns momentos importantes da sua reflexão social e histórica, destacando as ligações dialéticas ali presentes entre história e política. Thompson não foi visto, nessa pesquisa, como um modelo de intelectual dissidente ou autor de uma perspectiva teórica completa a ser seguida. Pelo contrário, acredito haver em seus escritos muitos caminhos abertos ainda por ser trilhados e, por vezes, pode-se mesmo identificar incoerências ou contradições em suas idéias, coisa que alguns críticos já procuraram identificar – mesmo que não concordemos necessariamente com todas essas objeções¹. Mas essa dissertação não teve por objetivo apresentar as polêmicas de Thompson e seus críticos, apesar de se valer, em alguns momentos, dessas polêmicas a fim de esclarecer aspectos de suas reflexões. Esta foi, antes, uma pesquisa que visou demonstrar a *coerência interna* do pensamento de Thompson, ao tratar de relações sociais que problematizam as experiências e tradições na história.

Ellen Meiksins Wood, em artigo publicado em *New Left Review* (1992), ofereceu, me parece, uma interessante visão acerca do “sentido mais geral” que a temática da experiência e da tradição assumem na obra de Thompson.

There is a more general sense in which Thompson's project is just beginning. The abandonment of faith in the contestability of capitalism is among the most prominent features of our present situation. The Left no less than others seems increasingly inclined to lose sight of capitalism's historical specificity and to accept the claims of 'the market' as a universal law. This makes Thompson's historical invocation of popular custom against capitalist hegemony more timely than ever. 'We shall not ever return to pre-capitalist human nature',

¹ Cf. artigo de Sidney Munhoz. “Fragmentos de um Possível Diálogo com Edward Palmer Thompson e com Alguns de seus Críticos” In: *Revista de História Regional*, 2 (2), 1997. Também P. Anderson. *Arguments Within English Marxism*, London: New Left Books, 1980.

he writes, 'yet a reminder of its alternative needs, expectations and codes may renew our sense of our nature's range of possibilities'.²

Ao apontar esse sentido geral da obra de Thompson, Wood referia-se mais particularmente à recém publicada obra *Costumes em Comum* (1991). Não obstante, aqueles ensaios ali reunidos abarcam pesquisas que nos remetem a preocupações que nasceram ainda durante a redação de *A Formação da Classe Operária Inglesa*, o que nos leva a crer ser possível afirmar que a “invocação histórica de costumes populares contra a hegemonia capitalista” caracteriza seu projeto intelectual desde seus primeiros ensaios e livros.

O fato de Thompson, após a publicação de *A Formação da Classe Operária Inglesa*, haver se dedicado a um período da história anterior – o século 18 – sugere que os problemas históricos da tradição dos primórdios da classe operária nunca abandonaram – pelo contrário, tornaram-se ainda mais decisivos – o “gênio interno” que impulsionava Thompson a investigar as profundezas das relações sociais. As experiências e tradições analisadas nessa dissertação parecem indicar um sentido da investigação histórica de Thompson intimamente relacionado aos projetos políticos e sociais, expressos em ensaios e obras redigidos ao longo de sua vida.

Não tive a pretensão de afirmar que as experiências relacionadas ao problema histórico da formação da classe operária inglesa constituem o único campo de preocupações mais largamente tratado por Thompson. Muitos outros de seus estudos visitaram a mesma temática. Significativo foi Thompson, na sua última obra – *Witness Against the Beast: William Blake and the Moral Law* (1992) –, ter versado acerca de tradições antinômicas³. Um estudo mais completo acerca da tradição e experiência em Thompson também passaria pela reconstrução das linhas de contato entre sua obra e as de autores como Karl Marx, Antônio Gramsci, Giambatista Vico, Christopher Caldwell, Cornelius Castoriadis, Walter Benjamin, além de alguns escritores da literatura inglesa

² E. Wood. “Custom Against Capitalism” In: *New Left Review*, 195, 1992 p. 28.

³ E. Thompson. *Witness Against the Beast: William Blake and the Moral Law*, Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

que não foram abordados nessa dissertação, mas que se demonstram de grande influência no pensamento daquele historiador.

Também parece ser possível acompanhar as objeções de Peter Linebaugh e indicar uma ausência quanto aos estreitos laços entre as tradições nacionais dos trabalhadores ingleses e aquelas de outros povos “atlânticos”. Comentando o tratamento dado por Thompson acerca das tradições populares em *A Formação da Classe Operária Inglesa*, Linebaugh argumenta:

Elas não explicam a “diferente correlação de forças”. Como isto exigiria uma pesquisa da vida material e do modo de produção, abandonar a investigação após considerar apenas as tradições religiosas, políticas e “subpolíticas” é algo obviamente inadequado à questão. Além disso, estas não explicam, e nem pretendem, a duração da pausa entre Putney e a L. C. S.

E acrescenta:

a interrupção da discussão iniciada tão promissoramente em Putney tomou uma forma em que as forças criadoras daquela discussão foram pulverizadas e espalhadas pelos quatro ventos. Estes levaram-nas em todas as direções. Elas recuperaram sua força em circunstâncias completamente novas e retornaram em uma espécie de movimento dialético atlântico, cuja aparência pode ser descrita nas palavras que William Morris escreveu a respeito da revolta dos camponeses.

Os homens lutam e perdem a batalha, e aquilo pelo qual eles lutaram acontece apesar da sua derrota, e quando vem, acontece que eles pretendiam sob um outro nome.⁴

Talvez não se trate de definir Thompson – como fez Perry Anderson⁵ – como possuindo um “elevado senso de patriotismo”, ao perceber, em seus escritos, uma certa preferência em ressaltar as tradições nacionais inglesas mesmo a ponto de obliterar os pontos de contato com outras culturas, países ou povos. No seu projeto pessoal e político, Thompson ressaltava que seu “vocabulário britânico” não estava direcionado no sentido oposto ao internacionalismo revolucionário que ele considerava uma perspectiva fundamental⁶.

⁴ P. Linebaugh. “Todas as Montanhas do Atlântico Estremeceram” In: *Revista Brasileira de História*, p. 11, 13-14.

⁵ P. Anderson. “Perry Anderson – Entrevista” In: *Projeto História*, 3, 1984, p. 60.

⁶ Cf. “An Open Letter to Leszek Kolakowsky” In: *The Poverty of Theory and Others Essays*. London: Merlin, 1978.

O que me parece ser fundamental na explicitação de Thompson acerca das origens inglesas da consciência do movimento operário é sua compreensão radical sobre a importância do papel exercido pela tradição popular no processo de formação da classe operária.

A tradição mantida, transmitida, é ao mesmo tempo um elemento de coesão de grupo e um elemento de continuidade, um fator mobilizador e uma fonte viva que alimenta a memória coletiva e a consciência de classe.⁷

Essa passagem do ensaio de Georges Haupt – *Por que a História do Movimento Operário?* (1980) – parece sintetizar grande parte do que foi o projeto histórico de Thompson em seus escritos.

Mas, além disso, penso ter demonstrado nessa dissertação que E. P. Thompson ofereceu uma atenção especial às fissuras da tradição, chamando atenção à existência de tradições dissidentes ou antinômicas presentes em experiências “subterrâneas” de movimentos populares. Nesse sentido reaproximam-se as perspectivas de Thompson e Linebaugh, pois ambos localizaram nas experiências de Diggers e Levellers “designações para uma prática direta, anticapitalista”.

Eles pertenceram a um movimento que não deveria ser interpretado (como o foi pela historiografia da Segunda Internacional) como sendo dividido entre uma ala “econômica” e uma “política”. É importante reconhecer que tanto suas práticas como suas palavras apontavam para outra dimensão de poder popular além “da conquista do poder do Estado”, especificamente a capacidade de recusar o servilismo inerente ao trabalho assalariado. (...) Homens e mulheres da Revolução cultivaram mais rosas para o buquê da liberdade do que aquelas que uma tradição mais antiga da historiografia afixou em suas lapelas.⁸

Sendo assim, a obra de Edward Thompson sugere importantes reflexões acerca do que se costuma chamar de “compromisso social” do historiador. Derrubando barreiras entre o saber acadêmico e científico e as tradições de luta dos trabalhadores, Thompson encontrou no campo das experiências uma zona de engajamento adequada às suas perspectivas

⁷ G. Haupt. “Por que a História do Movimento Operário?” In: *Revista Brasileira de História*, vol. 5, nº 10, 1985, p. 225.

⁸ P. Linebaugh. “Todas as Montanhas do Atlântico Estremeceram” In: *Op. cit.*, p. 15-16.

políticas, chamando atenção para uma tradição intelectual dissidente, radical e libertária, “de homens sendo e tornando-se”⁹.

⁹ E. Thompson. *A Peculiaridade dos Ingleses e Outros Artigos*. Tradução: Alexandre Fortes e Antônio Luigi Negro, 3 ed. Campinas: Textos Didáticos, 10, 1993, p. 55.

Bibliografia

Obras de E. P. Thompson.

- THOMPSON. E. P. *William Morris: Romantic to Revolutionary* [1955]. New York: Pantheon Books, 1977.
- _____. *Out of Apathy*. London: Stevens & Sons / New Left Books, 1960.
- _____. "At the Point of Production" In: *New Left Review*, 1, 1960.
- _____. "Revolution Again! Or Shut your Ears and Run" In: *New Left Review*, 6, 1960.
- _____. "The Long Revolution" In: *New Left Review*, 9, 1961.
- _____. "The Long Revolution II" In: *New Left Review*, 10, 1961.
- _____. *The Making of the English Working Class* [1963]. London: Penguin, 1968.
- _____. *A Formação da Classe Operária Inglesa* (3 vol.). Tradução: Denise Bottmann, 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *A Peculiaridade dos Ingleses e Outros Artigos* (2 vol.) [1965]. Tradução: Alexandre Fortes e Antônio Luigi Negro, 3 ed. Campinas: Textos Didáticos, 10, 1993.
- _____. "Anthropology and the Discipline of Historical Context" In: *Midland History*, 1, 1972.
- _____. "An Open Letter to Leszek Kolakowsky" [1972] In: _____. *The Poverty of Theory and Others Essays*. London: Merlin, 1978.
- _____. *Senhores e Caçadores: A Origem da Lei Negra* [1975]. Tradução: Denise Bottmann, 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- _____. "Romanticism, Utopianism and Moralism: The Case of William Morris" In: *New Left Review*, 99, 1976.
- _____. "On History, Sociology and Historical Relevance" In: *The British Journal of Sociology*, vol. XXVII, 1, 1976.
- _____. "Una Entrevista con E. P. Thompson" [1976] In: *Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase*. Tradução: Eva Rodríguez, 3 ed. Barcelona: Ed. Crítica, 1989.
- _____. "Folklor, Antropologia y Historia Social" [1978] In: *Entrepasados – Revista de Historia*. Buenos Aires: 2, 1992.
- _____. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros: Uma Crítica ao Pensamento de Althusser* [1978]. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- _____. *Writing by Candlelight*. London: Merlin, 1980.
- _____. "Agenda for Radical History" In: *Radical History Review*, 36, 1986.
- _____. *Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional* [1991]. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- _____. "On the Rank" In: ELEY & HUNT. *Reviving the English Revolution: Reflections and Elaborations on the Work of Christopher Hill*. London / New York: Verso, 1991.
- _____. "Salvador Allende" In: *History Workshop Review*, 34, 1992.
- _____. "Anti-Hegemony: The Legacy of William Blake" In: *New Left Review*, 201, 1993.
- _____. *Witness Against the Beast: William Blake and the Moral Law*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- _____. *Persons and Polemics: Historical Essays*. London: Merlin Press, 1994.
- _____. "Education and Experience" In: _____. *The Romantics: England in a Revolutionary Age*. New York: The New Press, 1997.

Obras de Referência

- ANDERSON, P. "Perry Anderson – Entrevista" In: *Projeto História*, 3, 1984.
- _____. *Arguments Within English Marxism*. London: New Left Books, 1980.
- BATALHA, C. "A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetória e Tendências" In: FREITAS, M. (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 145-158.
- BESS, M. "E. P. Thompson: The Historian as Activist" In: *The American Historical Review*, 98, 1993.
- BLACKBURN, R. "Edward Thompson and the New Left" In: *New Left Review*, 201, 1993.
- BRIGGS, A. & SAVILLE, J. *Essays in Labour History*. London: Macmillan, 1967.
- CÂNDIDO, T. "Fazendo Justiça: E. P. Thompson, o Crime e o Direito" In: *Revista Eletrônica Mneme*, www.seol.com.br/mneme, 2001.
- CEVASCO, M. *Para Ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CHANDAVARKAR, R. "'The Making of the English Working Class': E. P. Thompson and Indian History" In: *History Workshop Review*, 43, 1997.
- CLARK, S. "Socialist Humanism and the Critique of Economism" In: *History Workshop Review*, 8, 1979.
- COOPER, F. "Work, Class and the Empire: An African Historian's Retrospective on E. P. Thompson" In: *Social History*, vol. 20, 2, 1995.
- CORNFORTH, M. *Rebels and their Causes: Essays in Honour of A. L. Morton*. London: Lawrence and Wishart, s/d.
- DE DECCA, E. "Rebeldia e Revolução na História Social" In: BRESCIANI, M. (org.) *Jogos da Política: Imagens, Representações e Práticas*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992.

- _____. "E. P. Thompson: Um Personagem Dissidente e Libertário" In: *Projeto História*. São Paulo: 12, 1995.
- DOBB, M. *A Evolução do Capitalismo*. Tradução: Manoel Rego Braga, 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- DONNELLY, F. "Ideology and Early English Working-Class History: Edward Thompson and his Critics" In: *Social History*, vol. 1, 2, 1985.
- FENELON, D. "O Historiador e a Cultura Popular: História de Classe ou História do Povo?" In: *História & Perspectivas*, 6, 1992.
- _____. "E. P. Thompson – História e Política" In: *Projeto História*. São Paulo: 12, 1995.
- GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. Tradução: Federico Carotti, 3 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- HAUPT, G. "Por que a História do Movimento Operário?" In: *Revista Brasileira de História*, v. 5, nº 10, 1985.
- HAY, D. & SNYDER, F. "Comparisons in the Social History of Law: Labour and Crime" In: _____. *Labour, Law, and Crime: An Historical Perspective*. London and New York: Tavistock Publications, s/d.
- HILL, C. *O Mundo de Ponta-Cabeça: Idéias Radicais Durante a Revolução Inglesa de 1640*. Tradução: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *A Revolução Inglesa de 1640*. Tradução: Wanda Ramos, 3 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- _____. *Puritanism and Revolution: Studies in Interpretation of the English Revolution of the 17^o Century*. London: Penguin Books, 1968.
- HILTÓN, R. (org.). *A Transição do Feudalismo para o Capitalismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1972.

- HOBBSAWN, E. "The Historian's Group of the Communist Party" In: CORNFORTH, M. (org.). *Rebels and their Causes*. London: Lawrence & Wishart, s/d.
- _____. "Interview" In: *Visions of History*. New York: Pantheon Books, s/d.
- _____. *Os Trabalhadores*. Tradução: , ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- _____. *Rebeldes Primitivos: Estudos sobre Formas Arcaicas de Movimentos Sociais nos Séculos XIX e XX*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
- _____. "Uma Entrevista com Eric J. Hobsbawn" In: *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro: vol. 3, nº 6, 1990.
- _____. *Sobre História: Ensaios*. Tradução: Cid Knipel Moreira, 2 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- HOGGART, R. *As Utilizações da Cultura: Aspectos da Vida da Classe Trabalhadora, com Especial Referência a Publicações e Divertimentos*. Tradução: Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
- IGGERS, G. *New Directions in European Historiography*. New Hampshire: Wesleyan University, 1984.
- JOHNSON, R. (org.) *Making Histories: Studies in History-Writing and Politics*. Minneapolis: University of Minnesota, 1982.
- _____. "Edward Thompson, Eugene Genovese, and Socialist-Humanist History" In: *History Workshop Review*, 6, 1978.
- JONES, G. *Language of Class: Studies in English Working Class History, 1832-1982*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- JONES, M. "Remembering Edward" In: *Labour History Review*, vol. 59, 1, 1994.
- JOYCE, P. "The End of Social History?" In: *Social History*, vol. 20, 1, 1995.
- _____. "Refabricating Labour History; or, From Labour History to the History of Labour" In: *Labour History Review*, vol. 62, 2, 1997.

- JUDT, T. "A Clown in regal Purple: Social History and the Historians" In: *History Workshop Review*, 7, 1979.
- KAYE, H. *The British Marxist Historian: An Introductory Analysis*. Cambridge: Polity Press, 1984.
- _____. *The Education of Desire: Marxists and the Writing of History*. New York / London: Routledge, 1992.
- KAYE, H. & MCCLELLAND, K. E. P. *Thompson: Critical Perspectives*. Cambridge: Polity Press, 1990.
- KENNY, M. *The First New Left: British Intellectual after Stalin*. London: Lawrence & Wishart, 1995.
- LEFEBVRE, G. "Les Foules Révolutionnaires" In: *La Grande Peur de 1789*. Paris: Armand Colin, s/d.
- LINEBAUGH, P. "Todas as Montanhas do Atlântico Estremeceram" In: *Revista Brasileira de História*, 1984.
- _____. "From the Upper west Side to Wick Espiscope" In: *New Left Review*. 201, 1993.
- _____. "Crime e Industrialização: A Grã-Bretanha no Século XVIII" In: P. Pinheiro. *Crime, Violência e Poder*. Tradução: João Roberto Martins Filho.
- LUKACS, G. *História e Consciência de Classe: Ensaio de Dialética Marxista*. Tradução: Telma Costa. Lisboa: Publicações Escorpião, 1974.
- MCLENNAN, G. "Richard Johnson and his Critics: Toward a Constructive Debate" In: *History Workshop Review*, 8, 1979.
- MARTIN, D. & RUBINSTEIN, D. *Ideology and the Labour Movement: Essays Presented to John Saville*. London: Croom Helm London, s/d.
- MARX, K. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Tradução: Reginaldo Sant'Anna, 6 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991.

- MONTGOMERY, D. "Across the Atlantic" In: *Labour History Review*, vol. 59, 1, 1994.
- MUNHOZ, S. "Fragmentos de um Possível Diálogo com Edward Palmer Thompson e com Alguns de seus Críticos" In: *Revista de História Regional*, 2 (2), 1997.
- NEGRO, A. "Imperfeita ou Refeita? O Debate sobre o Fazer-se da Classe Trabalhadora Inglesa" In: *Revista Brasileira de História*, vol. 16, 31/32, 1996.
- NEVES, F. "Economia Moral versus Moral Econômica (Ou: O que é economicamente correto para os pobres?)" In: *Projeto História*, 16, 1998.
- PALMER, B. *Edward Palmer Thompson: Objeções e Oposições*. Tradução: Klaus Brandini Gerhardt. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Descent of Discourse: The Reification of Language and the Writing of Social History*. Philadelphia: Temple University Press, p. 1990.
- PEREIRA, S. J., I. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 8 ed., 1998.
- RABELO, M. "Materialismo Histórico de Thompson e a Problemática dos Movimentos Sociais" In: *História & Perspectivas*, 6, 1992.
- REE, J. "E. P. Thompson and the Drama of Authority" In: *History Workshop Review*, 47, 1999.
- RENK, A. "A Experiência em Thompson" In: *História: Questões & Debates*, vol. 13, 24, 1996.
- RUDÉ, G. *La Foule dans la Revolution Française*. Tradução: Albert Jordan. Paris: François Maspero, 1982.
- _____. *A Multidão na História: Estudos dos Movimentos Populares na França e na Inglaterra*. Tradução: , ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- _____. *Ideologia e Protesto Popular*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

- RULE, J. & MALCOLMSON, R. (eds.) *Protest and Survival: The Historical Experience*. London: Allan Lane, 1993.
- SAMUEL, R. "British Marxist Historians I" In: *New Left Review*, 120, 1980.
- _____ (ed.). *Historia Popular, y Teoría Socialista*. Tradução: Jordi Beltran, 2 ed. Barcelona: Ed. Crítica, 1984.
- SAVILLE, J. "The 20º Congress and the British Communist Party" In: *The Socialist Register*, 1976.
- _____. "The 'Crisis' in Labour History: A Further Comment" In: *Labour History Review*, 1996.
- STEINBERG, M. "Culturally Speaking: Finding a Commons Between Post-Structuralism and the Thompsonian Perspective" In: *Social History*, vol. 21, 2, 1996.
- STONE, L. *The Past and the Present Reconsidered*. Worcester: Billings & Sons, 1987.
- TAYLOR, M. "As Guinadas Lingüísticas na História Social Britânica" In: *História Social*, 4/5, 1998.
- THOMAS, K. "Entrevista" In: Pallares-Burke, M. *As Muitas Faces da História: Nove Entrevistas*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- THOMPSON, D. "Personal and Political" In: *New Left Review*, 200,
- _____. "On the Trail of the New Left" In: *New Left Review*, 215, 1996.
- _____. "Interview with Dorothy Thompson" In: *Radical History Review*, 77, 2000.
- TORRINHA, F. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos, 1942.
- VILANOVA, M. "Entrevista – Mercedes Vilanova" In: *Projeto História*, 12, 1995.
- WHITE, H. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. Tradução: ed. São Paulo, EDUSP, 1994.

_____. *Meta-História: A Imaginação História do Século XIX*. Tradução: José Laurênio de Melo, 2 ed. São Paulo: Editora USP, 1995.

WILLIAMS, R. *Cultura e Sociedade 1780-1950*. Tradução: Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

_____. "Literature and Sociology: In Memoriam of Lucien Goldman" In: *New Left Review*, 67, 1971.

_____. *Marxismo e Literatura*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. "Notes on British Marxism since the War" In: *New Left Review*, 100, 1977.

WOOD, E. "E. P. Thompson: Historian and Socialist" In: *Monthly Review*, vol. 45, 8, 1994.

_____. "Custom Against Capitalism" In: *New Left Review*, 195, 1992.

_____. *A Origem do Capitalismo*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.